



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

RODRIGO GONÇALVES LIMA BORGES DA SILVA

**SOBRE VIVER EM MACEIÓ: ATOS DE VIDA DE PESSOAS
LGBTQIA+ EM SITUAÇÃO DE RUA NA PERSPECTIVA DA
TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL**

SÃO CARLOS -SP
2023

RODRIGO GONÇALVES LIMA BORGES DA SILVA

SOBRE VIVER EM MACEIÓ: ATOS DE VIDA DE PESSOAS LGBTQIA+ EM
SITUAÇÃO DE RUA NA PERSPECTIVA DA TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Linha de Pesquisa Redes Sociais e Vulnerabilidades, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em terapia ocupacional.

Orientadora: Profª Drª Ana Paula Serrata
Malfitano

São Carlos-SP
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva, realizada em 27/02/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Ana Paula Serrata Malfitano (UFSCar)

Prof. Dr. Gustavo Artur Monzeli (UFPB)

Profa. Dra. Livia Celegati Pan (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

COMO
SOBRE
VIVER
EM
MACEIÓ

*Poema colagem, Como sobre viver em Maceió – gilbef, 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às forças e poderes que me trouxeram até aqui. Eu não fiz isso sozinho.

À Maria e Rodek, minha mãe e meu pai, que são pessoas incríveis! Que se cruzaram nos caminhos da vida e me trouxeram para o mundo, serão sempre meus, eu amo muito vocês.

Aos meus irmãos, Daniel e Rodek Jr. e minhas tias e meu tio, Eveline, Luiza e Agamenon, que são fontes de inspiração profunda na vida.

Agradeço ao Matheus, meu companheiro de todas as horas, me ajudou nas minhas angústias e sofrimentos, que compartilhamos felicidades e sobrevivemos juntos nesse período da pandemia de COVID-19.

À professora Ana Paula Serrata Malfitano, que é uma mulher maravilhosa! Me ensina e incentiva na jornada acadêmica sempre com muito cuidado, de forma delicada e elegante, e também com muita responsabilidade e profissionalismo, me faz enxergar as belezas de fazer pesquisa e ter um olhar crítico para a terapia ocupacional.

À Natasha Wonderfull que me faz perceber a vida através de coisas simples, sem pesos, mesmo quando a realidade da vida é muito dura e difícil de enfrentar, eu amo Natasha!

Agradeço todas as pessoas que eu encontrei nas ruas e nas instituições em Maceió. Pessoas que conheci, cheguei junto, nos olhamos e conversamos durante a pesquisa. Os limites da realidade que separam nossas vidas são muitos, mas os caminhos que construímos foram, por alguns instantes, juntos.

Ao Waldez que me acompanha desde a graduação, foi meu professor e orientador, hoje é meu companheiro de trabalho no Laboratório Metuia núcleo UNCISAL.

À Stéphanhy Conceição, Jaime Daniel e Késia Maria por deixar sempre as portas e janelas abertas, nos momentos que eu mais precisei de conselhos e orientações, antes e durante o mestrado.

Às minhas companheiras e companheiros do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, do Grupo de Pesquisa "Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional" e também do Laboratório Metuia.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, em tempos de pandemia, possibilitou o apoio técnico e financeiro para a existência dessa pesquisa.

Aos gestores e profissionais da Secretaria Municipal de Saúde de Maceió, Consultório na rua de Maceió, Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR) e Casa de Passagem São Vicente de Paulo.

Às minhas companheiras e companheiros do Grupo Transhow e da Associação Cultura de Travestis e Transexuais de Alagoas.

E a todas e todos que estavam presentes e ausentes, que colaboraram de forma direta ou indireta para existência desta pesquisa.

Super obrigado!

RESUMO

Introdução: A realidade das pessoas em situação de rua vivendo em marginalidade e precariedade é marcada pela pobreza, por processo de sobrevivência e de resistência. Tal situação foi agravada em decorrência da pandemia da COVID-19, que abrangeu o território mundial. Tendo como referencial os marcadores sociais das diferenças, a questão social, a construção social de hierarquias entre os sujeitos e a terapia ocupacional social, faz-se relevante apreender os modos de vida de diferentes grupos sociais, como de pessoas LGBTQIA+ vivendo em situação de rua, para compreensão de múltiplos viveres e sobrevivências, à luz da discussão de ações profissionais com esta população. **Objetivo:** Conhecer momentos de vida de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua durante a pandemia da COVID-19, em Maceió/AL, Brasil. **Métodos:** Partindo de espaços institucionais, como um Consultório na Rua, serviço da Secretaria de Saúde do Município de Maceió, em Alagoas, e também de dois abrigos não governamentais de acolhimento para pessoas LGBTQIA+, convidamos sete pessoas para nos apresentar momentos de suas vidas por meio de entrevistas, com dados complementados por observação participante nos serviços e por conversas informais. **Resultados:** Os dados de campo demonstram rupturas e criações de novas redes sociais de suporte, em processos que perpassam a marginalização e a precarização social. A ida para as ruas foi relatada como um evento crítico provocado pela ruptura com a família, devido a conflitos advindos da vivência de uma dissidência de gênero e sexualidade, marcada por histórias que atravessam a pobreza como condição de vida. A partir da vida nas ruas, as instituições são importantes componentes da rede social de suporte, possibilitando o acesso à viabilização de necessidades básicas, tais como a alimentação e um local para dormida. Neste contexto, os sonhos são tecidos, ora como fuga da realidade de precariedade, ora como criação de possibilidades e enfrentamentos à realidade, mesclando estratégias para a manutenção de suas vidas, explicitando sobre o viver. O contexto da pandemia, agravou as condições para a manutenção das necessidades básicas de sobrevivência, sendo que todos/as colaboradores/as deste estudo já viviam nas ruas quando iniciou a pandemia. **Discussão:** Como chave de leitura para os resultados, foram desenhados atos, compreendidos como momentos da vida que existem entre o nascer e o morrer de cada ser humano. Os atos são uma forma poética de fazer a leitura sobre a realidade para pensar estratégias de ação profissional. São eles: *como chegar junto; como existir; como sobreviver; sobre o viver na pandemia; e tempo para sonhar*, que apresentam sobre *como sobreviver em Maceió, AL* durante os tempos da pandemia e as possibilidades criativas de vida para além da marginalização e dos rompimentos. **Conclusão:** Compreender os modos de vida por meio da proposição dos atos configura-se como uma das possibilidades de interpretação dos modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, tendo como base suas narrativas, que relatam as possibilidades de criação de estratégias para sobreviver, assim como relatam sobre o viver durante a pandemia. Espera-se que as reflexões sobre momentos de vida através dos atos, possam colaborar com novas perspectivas teóricas-conceituais para a consecução de ações profissionais, especialmente para terapeutas ocupacionais, junto a essa população.

Palavras-chave: Minorias Sexuais e de Gênero. Pessoas em Situação de Rua. Narrativa Pessoal. Atividades Cotidianas. COVID-19. Terapia Ocupacional Social.

ABOUT LIVING IN MACEIÓ: LIFE ACTS OF HOMELESS LGBTQIA+ PEOPLE FROM THE PERSPECTIVE OF SOCIAL OCCUPATIONAL THERAPY

ABSTRACT

Introduction: The reality of homeless people living in marginality and precariousness is marked by poverty, survival process and resistance. This situation was aggravated as a result of the COVID-19 pandemic, which covered the worldwide territory. Considering the social markers of differences, the social issue, the social structure of hierarchies between individuals and social occupational therapy, it is relevant to understand the ways of life of different social groups, as well as homeless LGBTQIA+ people, in view of understanding multiple lives and survival, discussing professional actions with this population. **Objective:** To understand life moments of homeless LGBTQIA+ people during the COVID-19 pandemic, in Maceió/AL, Brazil. **Methods:** Starting from institutional spaces, as a "Consultório na Rua", a service of the Health Department of the City of Maceió, in Alagoas, and also from two non-governmental shelters for LGBTQIA+ people, we invited seven people to present us some of their lives through interviews, with data complemented by participant observation in the services and informal conversations. **Results:** The fields data demonstrated ruptures and creations of new social support networks, in processes that permeate social marginalization and precariousness. Going to the streets was described as a critical event caused by the rupture with the family, due to conflicts arising from the experience of a dissidence of gender and sexuality, marked in stories that go through poverty as a condition of life. From life on the streets, social institutions are important components of the social support network, permitting access to basic necessities, like food and a place to sleep. In this context, dreams are woven, at times as an escape from the precarious reality, at other times as the creation of possibilities and facing reality, mixing strategies for the maintenance of their lives, revealing how to live. The context of the pandemic aggravated the conditions for the maintenance of basic survival necessities, and all the collaborators of this study were already living on the streets when the pandemic started. **Discussion:** As a reading key for the results, "acts" were drawn, understood as moments of life that exist between the birth and death of the human being. The "acts" are a poetic way of reading reality to think strategies for professional action. They are: *how to get together*, *how to exist*, *how to survive*; *about living in the pandemic*; and *time to dream*, which present how to survive in Maceió, AL during the pandemic and the creative possibilities of life beyond marginalization and ruptures. **Conclusion:** To understand the ways of life through the proposition of "acts" configures itself as a possibility of understanding the ways of life of LGBTQIA+ people living on the streets, based on their narratives, which describe the possibilities of creating strategies for survival, as well as the living during the pandemic. The reflections on life moments through acts are expected to collaborate with new theoretical and conceptual perspectives for the development of professional actions, especially for occupational therapists, with this population.

Keywords: Sexual and Gender Minorities. Homeless Persons. Personal Narrative. Activities of Daily Living. COVID-19. Social Occupational Therapy.

LISTA DE SIGLAS

ACTTRANS – Associação de Travestis e Transexuais de Alagoas
ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais
ASTTAL – Associação de Travestis e Transexuais de Alagoas
CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAERR – Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego
CAPS – Centros de Atenção Psicossocial
CECD/LGBT – Conselho Estadual de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBT
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
FONOTRANS – Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros
GGAL – Grupo Gay de Alagoas
HUPPA - Hospital Universitário Professor Alberto Antunes
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais
LGBTQIA+ – Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais)
MEI – Microempreendedor Individual
NIS - Número de Inscrição Social
PMM – Prefeitura de Maceió
PNPR – Política Nacional para a População em Situação de Rua
PPGTO – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional
SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Alagoas
SMS – Secretaria Municipal de Saúde
SUAS – Sistema Único de Assistência Social
UBS - Unidade Básica de Saúde
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UNCISAL – Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas

SUMÁRIO

ME MISTURANDO COM AS COISAS CERTAS	10
1 ATOS SOBRE O VIVER: PARA PENSAR UMA PESQUISA	19
1.1 Sobreviver e sobre o viver nas ruas	19
1.2 Sobre o viver e aspectos dos modos de vida de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua	25
1.3 Sobre viver em Maceió	32
2 ATOS PARA FAZER UMA PESQUISA	37
2.1 Ato 0 – Ação em pesquisa ou limites sempre presentes: antes de pensar nos atos	41
3 ATOS DE VIDA	43
3.1 Ato 1: como chegar junto	44
3.2 Ato 2: como existir	46
3.3 Ato 3: como sobreviver	50
3.4 Ato 4: sobre viver na pandemia	62
3.5 Ato 5: tempo para sonhar	70
4 MODOS DE VIDA DE PESSOAS LGBTQIA+ EM SITUAÇÃO DE RUA E A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL	77
5 ATO FUTURO: A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NA ENCRUZILHADA DA VIDA	81
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS A – APROVAÇÕES INSTITUCIONAIS	93
ANEXO B – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS	96
APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA	98

ME MISTURANDO COM AS COISAS CERTAS

Me misturando com as coisas certas é o título que eu escolhi para começar a escrita desta dissertação. Trata-se de uma frase-poema que fiz e carrego comigo por alguns anos, como se fosse um mantra. Quando eu penso nesse poema, penso em várias coisas boas e não boas, todas misturadas. Esse conjunto de coisas pensadas formam as coisas certas, é com elas que eu quero me misturar, sendo boas e não boas, para não falar em coisas que são o contrário de coisas boas, elas também são importantes. *Me misturando com as coisas certas* também fala sobre minha trajetória, o que é apresentado aqui.

Sobre viver em Maceió é o tema que intitula esta dissertação, é outra frase-poema que eu também criei pensando sobre a vida. Esse título é um poema pintado que faz parte do *Manifesto Poderes Humanos*. É um manifesto em construção e também um conjunto de obras de arte composto por pinturas, desenhos, instalações, poemas, performances, esculturas e aparições em exposições, em lugares públicos e privados, que fazem parte das minhas experiências de vida como ser humano, terapeuta ocupacional, artista e pesquisador.

Sobre viver pode ser um jogo de palavras que, juntas, se tornam uma só: sobreviver. É sobre as possibilidades de vida que eu gosto de falar, que eu gosto de viver e criar. Viver não é um jogo, como eu fiz com as palavras que intitulam este trabalho. “*Viver é ir entre o que vive*”, diz João Cabral de Melo Neto (1979) em seu longo poema sobre “O cão sem plumas”, viver tem significados diferentes para cada pessoa, são muitas camadas e espessuras diferentes que formam a vida em seus contextos. Caminhando junto com as palavras de Castiel Vitorino Brasileiro (2022, p.89) “a vida não acontece fora do que ela é. Não existe essa possibilidade”. É sobre isso também que eu quero falar aqui, contextos de vida, os modos de viver, sobre viver e sobreviver na vida.

Nas artes eu sou conhecido e assino como *gilbef* e a minha trajetória como artista teve início muito antes de me tornar terapeuta ocupacional, quando eu vinha criando obras de arte pensando sobre a vida e coisas que fazem parte do meu cotidiano como homem, negro, alagoano e gay. Eu fui dividindo essas obras e exposições em atos.

A primeira exposição individual chamei de *ato1: poderes humanos*, ela

aconteceu em outubro de 2017, no Museu da Imagem e do Som, de Alagoas. Desmembrou em outros atos numerados que eu fui desenvolvendo e criando, tomando como inspirações criativas o ato de viver e morrer, que são os grandes atos da vida. Através deles, eu venho expondo algumas questões pela arte, como o viver, sobre viver e o sobreviver em Maceió. Nessa época eu vinha pensando muito sobre como as pessoas constroem seus poderes e que o poder é algo muito simples na vida.

O poder do ser humano é o ato de viver sua vida, sendo que existem mecanismos de controle dos poderes humanos. Na experiência individual de viver existe uma dimensão coletiva que é linda, orgânica e dinâmica, mas também existem dimensões que podem ser cruéis e aterrorizantes, que se aproximam ao fim da vida.

Ser pesquisador da arte da vida é um trabalho que eu venho praticando muito antes de me tornar acadêmico, são métodos diferentes de fazer as coisas acontecerem, ao exercitar o olhar sobre a vida e o criar. O meu objetivo com essa dissertação não foi falar sobre arte, ou utilizar da arte para dialogar sobre o tema aqui em discussão, mas sim focar nas ações em terapia ocupacional, à luz dos referenciais da terapia ocupacional social, quando em atuação com grupos que buscam criar o viver para sobreviver nessa sociedade.

Compreendo a pós-graduação como etapa importante de estudo, fazendo parte do processo de *me misturar com as coisas certas* e de continuação da minha formação como terapeuta ocupacional, e ao longo desse período venho me aproximando e trabalhando com espaços e populações em situações de risco, vulnerabilidade e em ruptura com as redes sociais de suporte. O meu objetivo com esse trabalho foi dialogar com parte dessas populações, mostrar a realidade que elas vivenciam e poder me aproximar delas, vislumbrando possibilidades que podemos ter, como profissionais, ao atuar junto com a população LGBTQIA+ em situação de rua.

O meu processo de formação como terapeuta ocupacional teve início na Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), em 2008, quando tive a oportunidade de praticar o exercício de ser um estudante de graduação no curso de terapia ocupacional e também fazer parte do movimento estudantil. Desde o início desse processo pude vivenciar diversos contextos e cenários de práticas junto a pessoas e populações com diferentes experiências de vida, sendo que observei que,

em alguns momentos, foi o terapeuta ocupacional quem chegou para aquelas pessoas, em outros as próprias pessoas buscaram os serviços profissionais e técnicos para as suas necessidades.

Foi nesse campo acadêmico que eu tive a oportunidade de trabalhar na pesquisa de Bezerra et al. (2015), sobre o perfil da população em situação de rua do município de Maceió, no estado de Alagoas, tendo sido o meu primeiro contato e experiência de proximidade com pessoas em situação de rua.

Naquele momento, muitas coisas me incomodaram, me levando a questionar o meu papel como estudante de graduação em terapia ocupacional, dentro de uma universidade pública, diante da questão social que estava exposta naquele trabalho. Foi quando eu participei do primeiro Seminário de Travestis e Transexuais Negras da região nordeste, realizado na cidade de Maceió, o que resultou em uma nova visão para mim. Foi quando eu conheci Natasha Wonderfull, mulher, negra, militante, artista e transfeminista. Ela quem abriu as portas para eu conhecer o universo das pessoas transexuais e travestis de Maceió. Natasha Wonderfull assumiu papéis relevantes na representatividade e militância das pessoas transexuais e travestis no estado de Alagoas. Atualmente ela é presidenta da Associação Cultural de Travestis e Transexuais de Alagoas (ACTTRANS), compõe o Conselho Estadual de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBT (CECD/LGBT), é filiada à Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e representante regional do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONOTRANS).

Destaco Natasha Wonderfull, por meio de suas conquistas e espaços que desbrava socialmente, por duas razões. Primeiramente por representar resistências e a arte de viver, em contraposição às experiências que majoritariamente são explanadas na literatura nacional sobre as travestis e pessoas transexuais, que se concentram em aspectos sobre as questões de violência, vulnerabilidade e situações de risco que essas pessoas passam em seus cotidianos. Em segundo lugar por Natasha ter sido uma interlocutora que me introduziu anos atrás neste campo, abrindo o interesse para a temática, do qual decorre esta pesquisa.

Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, levantados por Benevides e Nogueira (2021), o Brasil é o país mais violento para as pessoas transexuais e travestis viver e sobreviver, é o lugar no mundo onde mais se mata essas pessoas, além de ser um lugar com muitas barreiras para conquistarem

novos espaços sociais para além da marginalidade e abjeções que são impostas sobre seus corpos e suas vidas.

A minha história de vida se cruza com Natasha e naquele momento eu queria me aproximar da população de travestis e pessoas transexuais por meio da graduação em terapia ocupacional, com o intuito de pensar formas de trabalho junto com aquela população. Inicialmente foi um processo complexo e com muitos desafios, eu não tinha nenhum professor para me orientar, foi quando eu contatei o professor Waldez Bezerra, sendo que eu já tinha participado da pesquisa sobre as pessoas em situação de rua sob sua coordenação (Bezerra, 2015), e ele aceitou me orientar. Então eu desenvolvi o trabalho de conclusão de curso de graduação na UNCISAL, que resultou no artigo “O impacto das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais” (Silva et al., 2015).

A minha aproximação com Prof. Waldez trouxe novas percepções e possibilidades de viver como profissional técnico e pesquisador da área de terapia ocupacional, eu comecei a perceber que, alguns dos modelos que eu vinha conhecendo e me aproximando durante as práticas dentro do curso de graduação, não dialogavam com o meu desejo e percepção inicial das possibilidades que eu tinha de atuação como terapeuta ocupacional. Prof. Waldez me apresentou um novo percurso de olhar para as realidades da vida cotidiana, através da terapia ocupacional social.

Foi através dessa chave de leitura, como se estivesse abrindo uma nova porta, que chegaram novos conhecimentos e percepções. Com isso, também fui me aproximando dos compromissos profissionais de dialogar, trabalhar e voltar o olhar para o contexto social, na compreensão da “produção de significados que as pessoas constroem para suas próprias vidas e a superação de suas dificuldades cotidianas” (Monzeli, 2016, p.359).

Nesse percurso entre pesquisa e publicação eu fui me aproximando da terapia ocupacional social e desenvolvendo trabalhos junto com as instituições que colaboraram com a presente pesquisa. Entre os anos de 2014 e 2016, junto à Associação de Travestis e Transexuais de Alagoas (ASTTAL) e com a Associação Cultural de Travestis e Transexuais de Alagoas (ACTTRANS), entre os anos de 2016 e 2022, quando eu colaborei com o processo de fundação, e continuo atuando na ACTTRANS, mantendo trabalhos de assistência e colaboração coletiva para facilitar

a sua existência. Em tais experiências eu fui me aproximando e conhecendo várias realidades, percebendo as formas que as pessoas faziam para viver e sobreviver e entendendo também sobre o viver. Uma das realidades que sempre me marcou foi a das pessoas LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais) em situação de rua, que é muito presente dentro nas instituições citadas aqui e também muito próxima do meu contexto socioeconômico.

Esses são alguns dos motivos que me trouxeram para esta pesquisa, articulando uma escolha profissional e pessoal. Decorrem as seguintes perguntas: como as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua da cidade de Maceió estão fazendo para sobreviver durante a pandemia de COVID-19? Como eu poderia me aproximar delas para dialogar sobre suas experiências de vida?

Essas perguntas foram feitas no começo da pandemia de COVID-19, em 2020, quando eu estava na linha de frente nos campos de trabalho, percebendo que, dentro de uma das instituições, alguns fatores começaram a mudar. As imposições de distanciamento físico levaram, por exemplo, à restrição da circulação das pessoas nos espaços da cidade, diminuindo as possibilidades de trabalho das pessoas transexuais via prostituição. Por tal razão, algumas das mulheres transexuais e travestis ficaram sem meios de ter sua renda, logo, isso afetou vários aspectos de suas vidas, principalmente a viabilidade de sua alimentação e moradia, algumas delas tendo que ir viver nas ruas. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020) a vida das pessoas trans têm sido afetadas, a maioria “não conseguiu acesso às políticas emergenciais do Estado devido a precarização histórica de suas vidas e não possui outra opção a não ser continuar o trabalho nas ruas, se expondo ao vírus” (ANTRA, 2020, p.1).

Estes aspectos, junto com outros que envolviam os contextos de vida daquelas mulheres, foram se tornando cada vez mais constantes durante a pandemia, mostrando a raiz dos problemas sociais ainda mais expostos do que já vinha sendo vivenciada por aquela população. Tais processo de vulnerabilização são marcas de suas vidas, sendo a sobrevivência uma batalha diária para as pessoas transexuais e travestis (Nascimento, 2021).

Com base em tais experiências, ingressei em 2021 como mestrando no Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (PPGTO-UFSCar), na linha de pesquisa “Redes Sociais e

Vulnerabilidades”, com ênfase em terapia ocupacional social, que estuda “as populações em situação de vulnerabilidade social e desenvolvimento de tecnologias sociais de inserção, participação e autonomia” (Lopes & Malfitano, 2016, p.19).

A escolha de realizar o campo na cidade de Maceió se deu inicialmente pelo motivo de eu ter vivido toda minha vida nela; em segundo, e mais importante, com o intuito de descentralizar o eixo de pesquisas nacionais, que vem sendo desenvolvido e efetivado na região sudeste, e, por fim, fazer uma colaboração para terapia ocupacional social na região nordeste, por meio do enfoque sobre horizontes que contemplem a questão social vivenciada pelas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua de Maceió, AL.

Os locais colaboradores para a realização do campo da pesquisa foram o Consultório na Rua, o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR) e a Casa de Passagem São Vicente de Paulo.

O Consultório na Rua é um serviço atrelado ao Sistema Único de Saúde (SUS) que visa à atenção à população em situação de rua. Segundo documentos oficiais nacionais (Brasil, 2021), o Consultório na Rua foi criado como uma estratégia instituída através da Política Nacional de Atenção Básica em Saúde, objetivando a ampliação do acesso da população em situação de rua aos serviços de saúde. Objetiva ofertar de maneira mais oportuna atenção integral à saúde para esse grupo populacional.

Em Maceió, conforme os dados da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura – PMM/SMS (2021), o Consultório na Rua é formado por seis equipes de campo e uma equipe de gestão, com um total de 51 profissionais, sendo 16 agentes de ação social, uma coordenadora, quatro psicólogos, três terapeutas ocupacionais, uma médica, um educador físico, seis assistentes sociais, quatro técnicas em enfermagem, dois auxiliares de enfermagem, dois auxiliares de saúde bucal, três dentistas, sete enfermeiras, um assistente administrativo, que atuam junto à atenção básica em saúde. São profissionais com responsabilidade exclusiva de articular e prestar atenção integral às pessoas em situação de rua.

Suas atividades são efetuadas de forma itinerante, desenvolvendo ações na rua, em instalações específicas, na unidade móvel e também nas Unidades Básicas de Saúde do seu território de atuação, sempre articuladas e desenvolvendo parcerias com as demais equipes de atenção básica em saúde do território (Unidades Básicas

de Saúde e Núcleo Ampliado de Saúde da Família), dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), da Rede de Urgência, da sociedade civil, dos equipamentos componentes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), entre outras instituições públicas e privadas. Como os atendimentos são prioritariamente na rua, necessitam de um transporte permanente em todos os dias de trabalho para deslocamento da equipe e de usuários, além de servir como apoio, para guarda de materiais e insumos, e realização de alguns procedimentos, como exame físico e escuta com privacidade.

Inicialmente a escolha do Consultório na Rua foi feita devido a sua centralidade como referência à população em situação de rua da cidade. Ainda, Natasha Wonderfull atuava como técnica neste serviço, relatando atender diariamente uma diversidade de pessoas que fazem parte da população LGBTQIA+.

O segundo local colaborador é o abrigo CAERR. Trata-se da primeira instituição que oferta serviço de acolhimento com abrigamento para pessoas LGBTQIA+ no estado de Alagoas, cuja sede fica localizada na periferia do município de Maceió. É um espaço com formato de casa, localizada no Clima Bom, bairro periférico da cidade e com altos índices de violência. Em diálogo com gestores da casa, foi informado que a instituição foi criada no começo da pandemia de COVID-19 com inspiração na Casa¹, as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua têm o acolhimento físico e social necessários diante das condições de vida que estão vivenciando. Sua escolha decorreu por ser a única instituição do estado de Alagoas, localizada em Maceió, que faz o acolhimento específico dessa população.

O terceiro local que utilizamos como espaço para a aproximação com esta população foi a Casa de Passagem São Vicente de Paulo, chamada pelas pessoas que moravam nela como “Abrigo do Frei”, localizada no bairro do Jaraguá, região histórica e portuária da cidade de Maceió. É uma instituição não-governamental sem fins lucrativos, administrada pela Associação Católica São Vicente de Paulo e também pela Fraternidade Casa de Ranquines. Presta serviços de assistência para pessoas em situação de rua de todas as idades, com espaços para dormir, alimentação e refeições, e também faz articulações com serviços de assistência social e de saúde.

¹ A Casa1 é um Centro de Cultura e Acolhimento LGBT da cidade de São Paulo.

O CAERR, o Consultório na Rua e a Casa de Passagem São Vivente de Paulo são instituições que atendem a população em situação de rua no município de Maceió. Foi possível através desses serviços acessar pessoas que se autodeclararam LGBTQIA+ e estavam vivendo em situação de rua no momento da pesquisa, o que possibilitou a aproximação com esse público e o desenvolvimento do campo da presente pesquisa. Foram levados em consideração a situação sócio sanitária, bem como os planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 municipal e estadual, assim como seguidos os protocolos das instituições parceiras com objetivo de garantir a segurança e proteção das pessoas participantes e do pesquisador.

Com base nas vivências junto aos/às colaboradores/as da pesquisa, foi construído um esboço conceitual sobre aspectos dos seus modos de vida por meio de *atos*, com o objetivo de conhecer sobre a realidade enfrentada e as estratégias para lidar com ela. Os *atos* foram considerados momentos da vida que existem entre o nascer e o morrer de cada ser humano. Junto com as pessoas colaboradoras com a pesquisa, foram traçados cinco atos: *como chegar junto, como existir, como sobreviver, sobre viver na pandemia e tempo para sonhar*, que apresentamos como resultados sobre *como sobreviver em Maceió*, durante os tempos da pandemia e as possibilidades criativas de vida para além da marginalização e dos rompimentos com as redes sociais de suporte.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos, após uma breve apresentação do pesquisador até chegar nas questões da pesquisa em tela. O primeiro capítulo contextualiza as referências teóricas que informam o estudo, a partir do recorte sobre as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, além de descrever o local de realização da pesquisa, em Maceió, Alagoas. No segundo capítulo são elencados os procedimentos metodológicos e estratégias usadas em campo para a coleta de dados. O terceiro capítulo reporta os resultados de campo, tendo como base as histórias de vida relatadas pelos/as colaboradores/as do estudo, mediadas por discussões de suas experiências e vivências, tendo sido escolhida a apresentação por meio de atos, enfatizando, ao final de cada ato, as possibilidades de ação em terapia ocupacional social por meio da utilização de recursos e tecnologias sociais no trabalho com esta população. No quarto capítulo foi feita uma aproximação teórica das análises junto ao referencial da terapia ocupacional social. E, por fim, o quinto capítulo conclui a pesquisa, assinalando que alguns dos aspectos dos modos de vida

exemplificados por diferentes trajetórias aqui foram interpretados por meio de *atos*, tendo como base as narrativas das pessoas em situação de rua, que relatam as suas possibilidades de criação de estratégias para sobreviver, assim como relatam sobre o viver durante a pandemia.

Espera-se que as reflexões sobre alguns dos momentos de vida daquelas pessoas, ilustrados em *atos*, possam colaborar com novas perspectivas teórico-conceituais para a consecução de ações profissionais, especialmente para terapeutas ocupacionais, visando atuações técnico-profissionais responsivas e comprometidas com a diversidade, com os direitos e com a criação da vida.

1 ATOS SOBRE O VIVER: PARA PENSAR UMA PESQUISA

1.1 Sobre o viver e sobreviver nas ruas

“A rua é das mulheres e homens comuns, suas histórias e sapiências, modos de vida significados nas frestas e na escassez. Eis a rua e seus zeladores, os tipos que nascem, se criam e morrem por lá, eis os que a fazem como lugar de passagem, eis os que a praticam, eis os poderes que por ali se encantam, eis o povo da rua.” (Rufino, 2019, p.108)

Em uma fase de maior controle sanitário, ainda vivenciamos e sobrevivemos à pandemia da COVID-19, a partir da disseminação mundial de um fenômeno único que, para além de sua devastação sanitária, trouxe consequências sociais, fragilizando e estigmatizando ainda mais alguns grupos populacionais (Farias & Leite Jr., 2021). Neste contexto, a sobrevivência assume um lugar de disputa nos espaços de sociabilidade e cotidiano de alguns grupos populacionais, como a população em situação de rua.

Segundo Paulo Freire (2021a, p.52) “estar nas ruas não é um evento *natural*, mas sim um evento social, histórico, político, econômico”. A realidade de pessoas em situação de rua vivendo em vulnerabilidade e/ou em desfiliação social é marcada pela amplitude dos processos macrosociais, com destaque à ausência de trabalho e, por vezes, de vínculos familiares.

Compreendemos a noção de vulnerabilidade social a partir da articulação de contribuições entre diferentes linhas de pensamento, vinda de Judith Butler, filósofa estadunidense com estudos fundamentados na teoria crítica sobre gêneros e sexualidades, além de outros temas; e Robert Castel, que foi um sociólogo francês com contribuições na discussão sobre “as metamorfoses da questão social”.

Para Butler (2019, p.232) a vulnerabilidade pode se constituir como:

uma das condições da sociabilidade e da vida política que não pode ser estipulada contratualmente e cuja negação e manipulabilidade constituem um esforço para destruir ou gerenciar uma condição social.

Castel (2006) enfoca as dinâmicas sociais por meio de uma análise estrutural da sociedade, descrevendo zonas de inserção social que podem acarretar em processos de desfiliação, ou seja, dupla fragilização social. Para o autor, a zonas de vulnerabilidade localiza-se no intermeio entre a inserção e a desfiliação, caracterizada

como um espaço social de instabilidade, de turbulências, povoada de indivíduos em vulnerabilidade tanto na sua relação com o trabalho quanto em sua inserção e fragilidade dos apoios relacionais.

Com base na proposição teórica de Judith Butler (2011, 2019) e Robert Castel (1997, 2000, 2006), propõe-se aqui a leitura sobre o cotidiano da população em situação de rua de Maceió, AL, especificamente acerca do sobreviver e sobre o viver.

O cotidiano é considerado o espaço de atuação de terapeutas ocupacionais, requerendo diferentes leituras para sua compreensão, pois ocupa um “lugar privilegiado enquanto *locus* de intervenção, buscando a transformação da realidade das populações acompanhadas, tendo como centralidade o cotidiano do outro” (Bezerra, Basso & Lopes, 2022, p.11). Segundo Galheigo (2020), por meio do cotidiano:

É possível acessar a experiência, o real, o imaginário, a memória, os sonhos, os sentimentos, as necessidades e os afetos. A leitura do cotidiano permite ainda conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos; as representações que fazem suas experiências em meio à ideologia hegemônica que cria instituídos e resulta na instrumentalização da vida diária. Cotidiano, portanto, é experiência e saber (GALHEIGO, 2020, p.8)

É no cotidiano que vivemos e podemos observar aspectos singulares sobre o viver, por meio das experiências e histórias de vida. Sobre o viver e o sobreviver são dimensões que fazem parte do cotidiano de todos nós. Estas duas dimensões podem ser analisadas através da ótica de Castel (2006), diante dos conceitos de vulnerabilidade e desfiliação, na perspectiva das consequências causadas pelo capitalismo “em sua fase contemporânea, uma vez que o sistema propõe formas cruéis de existência para os menos favorecidos, tornando-os vulneráveis a situações de pobreza, desemprego e violação de direitos” (Machado, 2022, p.45). Articuladamente, os conceitos de “vida precária” e “precariedade”, o formulados por de Judith Butler (2019, p.221), expressam uma forma de “morte social”, interrogando-nos se “É possível viver uma vida boa em uma vida ruim?” (Butler, 2019, p.213), indicando caminhos da ambiguidade e convivência entre o sobreviver e sobre o viver.

não podemos lutar por uma vida boa, uma vida possível de ser vivida, sem atender as exigências que permitem a persistência de um corpo. É necessário reivindicar que os corpos tenham aquilo de que precisam para sobreviver, uma vez que a sobrevivência definitivamente é uma precondição para todas as outras reivindicações que fazemos. Ainda

assim, essa reivindicação se prova insuficiente, porque sobrevivemos exatamente para viver e porque a vida, por mais que requeira a sobrevivência, deve ser mais do que sobrevivência para ser uma vida possível de ser vivida. Uma pessoa pode sobreviver sem que consiga viver a própria vida. E em alguns casos, não parece valer a pena sobreviver nessas condições. Então, para uma vida possível de ser vivida, ou seja, uma vida que possa ser vivida, é necessária uma reivindicação mais ampla. (Butler, 2019, p.229)

Partindo das ideias de Judith Butler (2011, p.19) sobre “acordar para aquilo que é precário em outra vida ou, antes, àquilo que é precário à vida em si mesma”, com Robert Castel (1997, 2000, 2006), acerca da questão social e dos seus efeitos advindos da precariedade e/ou ausência do trabalho na sociedade contemporânea, podemos traçar atos que se inter cruzam entre a necessidade material da sobrevivência e a criação de possibilidades na marginalidade. Para Castel, esta articulação decorre da inserção ou não ao trabalho de forma articulada às redes sociais de suporte, as quais Castel (1997) compreende como componentes da estrutura cotidiana da vida social. As redes sociais de suporte e a inserção no mercado de trabalho são elementos fundamentais para a sobrevivência econômica de todas as pessoas, configurando seus modos de vida possíveis. Sem trabalho e sem rede social de suporte a inserção social não acontece. Sendo que a desfiliação, ou seja, a ausência de trabalho e de suportes sociais, equipare-se à noção de “precariedade”, apresentada por de Judith Butler (2019, p.221), como uma forma de “distinguir entre os diferentes modos de *não viabilidade da vida*”.

Segundo Castel (1997, p.23) “as situações marginais aparecem ao fim de um duplo processo de desligamento: em relação ao trabalho e em relação à inserção relacional”. Ou seja, a desfiliação se caracteriza pelas dinâmicas sobre o viver que levam para uma vida marginal, diante da vivência da questão social corporificada na ausência de trabalho e de redes sociais de suporte, provocando diferentes rupturas, que expõem as pessoas em situação de rua a diversas dinâmicas de precariedade, necessitando de estratégias para o sobreviver. Segundo o autor:

Trabalho estável, trabalho precário, não-trabalho; inserção relacional forte, fragilidade relacional, isolamento social. Acoplando estas gradações duas a duas obtemos três zonas, ou seja, a zona de integração (trabalho estável e forte inserção relacional, que sempre estão juntos), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e fragilidade dos apoios relacionais) e a zona de marginalidade, que prefiro chamar de zona de desfiliação para marcar nitidamente a amplitude do duplo processo de desligamento: ausência de trabalho

e isolamento relacional. (Castel, 1997, p.23)

Essas gradações esquematizadas por Castel (1997) podem ser traduzidas aqui nesse trabalho diante das duas dimensões propostas, sobre o viver e sobreviver da população em situação de rua. Essa população permeia as zonas de vulnerabilidade e desfiliação quando se encontram em situação de rua, sendo que algumas pessoas podem estar dentro de uma ou mais zonas ao mesmo tempo, ou saindo de uma e indo para outra de acordo com os acontecimentos de sua vida que levam à vulnerabilidade. O autor ainda descreve a zona de assistência que corresponde às instituições públicas e privadas que prestam assistência para as pessoas em processo de precarização e marginalização da vida, com os vínculos fragilizados e estão em ruptura com suas redes sociais de suporte.

Segundo Santos & Sarreta (2022, p. 380) a população em situação de rua “é uma parcela da classe trabalhadora expropriada das condições mínimas para manter sua própria subsistência e a de sua família”, essa situação pode ser considerada uma problemática da questão social, que está entre aspectos sobre o viver e sobreviver, provocadora da pobreza, fome, falta de moradia, falta de acesso aos serviços.

Esse encadeamento de situações provocadas pela dinâmica da desigualdade expõe muitas pessoas à vulnerabilidade, sendo uma questão macroestrutural que repercute no nível microestrutural. O sobreviver das pessoas em situação de rua está relacionado com suas “vidas precárias” (Butler, 2011, 2019), indesejadas, ou com a precarização da vida e a busca pela sobrevivência.

A situação de rua nas cidades brasileiras e em todo mundo configura-se, de acordo com Bezerra et al. (2015), em um problema coletivo de dimensão universal, expressando outros aspectos dos modos de vida daqueles socialmente estabelecidos na ordem cotidiana, deflagrando cenários de precariedade e novas formas de sociabilidade.

De acordo com informações do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea (2020), durante o período de setembro de 2012 a março de 2020 ocorreu um aumento de 140% da população em situação de rua, chegando a ter, no Brasil, 221.869 pessoas nessa situação no mês de janeiro de 2020 nas regiões metropolitanas e em municípios, diante do mesmo efeito das dinâmicas nacionais. Especificamente na região nordeste foram contabilizados, segundo o Ipea (2020), 38.237 pessoas em situação de rua, a estimativa é que esses dados aumentaram

ainda mais durante a dinâmica da pandemia, no Nordeste, em particular, assim como no Brasil, em geral.

Tal agravamento destaca-se como uma das consequências sociais da pandemia de COVID-19, fundada em uma crise econômica em curso, que ficarão por muito mais tempo do que o próprio coronavírus, apresentando um novo quadro para a dinâmica social contemporânea, para a qual muitas ações de proteção social são requeridas para seu enfrentamento (Pan et al., 2021).

Segundo a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR), essa população pode ser caracterizada como:

um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil, 2009, s/p).

A diversidade é um fator presente na caracterização das complexidades que envolvem esse grupo populacional. Cada pessoa enfrenta em seu cotidiano questões individuais que são provocadas por dinâmicas pessoais e também relacionadas com a macroestrutura. A vida social de cada pessoa está relacionada com o cotidiano e com o que é vivido no dia-dia, nessa perspectiva, cada pessoa vivencia espaços e contextos diferentes em seu cotidiano, no qual são tecidas as redes sociais de suporte.

Desde a infância ou até mesmo antes da criança nascer já são articuladas possibilidades de vida. São formas sobre o viver e de sobreviver que são estruturadas pelas famílias ou pelas pessoas que são responsáveis por aquelas vidas. É na infância que as primeiras redes sociais de suporte são criadas, junto com a família, na escola, no local que essa pessoa vive, nos territórios que ela circula, até mesmo na comunidade a que ela pertence, tecendo possibilidades de redes sociais de suporte para a vida. As redes sociais de suporte são compreendidas por Avelar e Malfitano (2018, p.3.202) “como um conjunto de sujeitos ligados entre si por relações interpessoais que permitem a transmissão de recursos, extrapolando os limites formais”.

É importante discorrer sobre o viver da população em situação de rua, articulando essa dimensão ao conceito de redes sociais de suporte. Esse conceito

ajuda a refletir sobre a amplitude das dimensões da vida e as possibilidades de espaços e diálogos possíveis na vida de uma pessoa, assim, essas redes de relações criam possibilidades para além da sobrevivência, podem também ser compreendidas como espaços e lugares que essa população aciona e/ou fazem uso em seu cotidiano como forma de sociabilidade. A sociabilidade é um conceito, de acordo com Silva et al. (2015, p. 366), que pode ser usado como “sinônimo de qualquer espécie de interação social”, explicitando sobre o viver e suas dimensões entre o viver e o sobreviver.

Articuladamente, o sobreviver e sobre o viver devem buscar possibilidades múltiplas de vida, mesmo nas adversidades, na falta ou na busca criativa de novas possibilidades de vida na rua, pois caracteriza a sobrevivência e para além dela. Na composição com Butler (2019):

A vida que estou vivendo, embora claramente seja essa vida e não outra, já está conectada com redes mais amplas de vida, e se não estivesse conectada a essas redes mais amplas, eu não poderia realmente viver. Então a minha própria vida depende de uma vida que não é a minha, não apenas da vida do outro, mas de uma organização social e econômica da vida mais ampla. A minha própria existência, a minha sobrevivência, depende desse sentido mais amplo da vida, um sentido que inclui a vida orgânica, ambientes vivos e sustentáveis, e redes sociais que afirmam e apoiam a interdependência. Isso constitui quem sou, o que significa que cedo uma parte da minha vida distintamente humana para viver, para ser minimamente humano (Butler, 2019, p.234).

A “rua” é compreendida neste trabalho como um espaço público, onde as redes sociais de suporte são formadas e se articulando dentro dessa perspectiva com um espaço de “possibilidade de sociabilidade” (Malfitano, 2008, p.257). A situação de rua designa a utilização do espaço da “rua” como moradia e, como indicado por Mendes e Vicentin (2021), como um espaço de circulação. É no espaço da rua que podemos identificar evidências sobre o viver e sobreviver da população em situação de rua, e também “a diversidade de experiências e de modos de viver na rua” (Galvani, 2008, p.2). Algumas pessoas passam por um percurso de vida tensionado por fatores em que os modos de vida na rua impõem, levando ao enfrentamento de movimentos para a sobrevivência, com suas vidas e corpos marcados entre os acontecimentos e enfrentamentos do cotidiano.

Sobre o viver na rua pode se apresentar de várias formas, através de experiências boas e não boas, entre a “marginalização” (Castel, 2006) e a

“precariedade” (Butler, 2019), entre o sofrimento e a liberdade, entre a privação e acesso de direitos e a escolha de viver a vida da forma que quiser, ou, ao menos, dentre as opções criadas no contexto desigual que se ocupa. A “rua” é um espaço social possível de viver e estabelecer relações com outras pessoas, relações com o território e como os espaços de sociabilidade, onde se encontram pessoas de diferentes origens sociais, étnicas e culturais. Entretanto, a rua é também o espaço do encontro com várias outras realidades, é um espaço complexo e possível para quem está vivendo a situação de rua. A vida assume várias dimensões, individuais e coletivas, que embricam em aspectos como a sociabilidade, sendo que a “precariedade expõe a nossa sociabilidade, as dimensões frágeis e necessárias da nossa interdependência” (Butler, 2019, p.131). Segundo Judith Butler:

Precariedade depende em grande medida da organização das relações econômicas e sociais, da presença ou ausência de infraestruturas e de instituições sociais e políticas de apoio. Então, quando a reivindicação existencial passa a ser articulada na sua especificidade, ela deixa de ser existencial. E como tem que ser articulada na sua especificidade, ela nunca foi existencial. Nesse sentido, a precariedade não pode ser dissociada da dimensão da política que aborda a organização e a proteção das necessidades corporais (Butler, 2019, p. 131).

É entre a dualidade, sobre o viver e o sobreviver das relações vivenciadas pelas pessoas em situação de rua e também entre os processos de rupturas das redes sociais de suportes e os processos de precarização da vida, que expõem e marcam a vida das pessoas dentro da vulnerabilidade, que podemos buscar apreender sobre os aspectos múltiplos modos de vida desta população, articulando com um aparato teórico que traz fundamentação para o diálogo sobre perspectivas de vida que estão em processos de ruptura com as dinâmicas da vida social, normatizadas pelos sistemas políticos estatais e governamentais, como também pelos sistemas heteronormativos de gênero e sexualidade.

1.2 Sobre o viver e aspectos dos modos de vida de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua

Cada pessoa apresenta uma dinâmica diferente sobre “estar” e “viver” na rua. São dinâmicas de vida singulares que compõem um repertório coletivo que implica em diversos modos de vida, contextos, possibilidades e formas de se organizar socialmente, de expressar suas sociabilidades, formas que expressam sobre o viver

e sobreviver.

Segundo Guerra (1993, p. 63), os modos de vida “situam-se ao nível da vida cotidiana”, nesse sentido, a escolha teórica do conceito de modos de vida é utilizada neste trabalho focando a compreensão coletiva de configuração dos modos de viver das pessoas em situação de rua e de como esses “modos” são marcados e dimensionados pelas relações humanas em uma perspectiva dialética entre o individual e o coletivo.

Esse conceito interessa à terapia ocupacional social à medida em que trabalha a interconexão individual e coletiva da vida dos diferentes grupos. Melo (2021) utiliza o conceito dos modos de vida para compreender como pessoas transexuais ao longo de suas histórias de vida constroem estratégias de enfrentamento às condições de marginalização. Segundo Melo (2021, p.189), o conceito de modo de vida é “extremamente rico por abarcar condições concretas, subjetivas e políticas de sujeitos inseridos em um dado território, ou pertencentes a um determinado segmento populacional”. Sob a ótica da terapia ocupacional social, o uso deste conceito pode se manifestar de formas compreensivas acerca das dinâmicas de vida de outras populações que são marginalizadas, vivem em situações de risco e enfrentam processos de ruptura com as redes sociais de suporte, como as pessoas LGBTQIA+ e em situação de rua.

Isabel Guerra (1993) fez uma análise, na perspectiva dos modos de vida, propondo usá-lo sob três dimensões: o sistema e os atores sociais, a história e o cotidiano, o objetivo e o subjetivo na percepção do real. Os modos de vida “tem um estatuto de conceito que propõe um fio condutor para a análise das práticas sociais, a construção simultânea e articulada de relações sociais, das representações e do campo simbólico” (Lobo, 1992, p.13). Braga, Fiúza e Remoaldo (2017, p.371) fazem uma relação sobre a articulação dessas três categorias: “combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos, o nível da vida cotidiana articulado com o econômico, o político, o cultural, bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social”. Através dessa relação é possível identificar alguns marcadores que revelam sobre os aspectos dos modos de vida da população LGBTQIA+ em situação de rua.

Essas categorias possibilitam fazer uma análise das dimensões complexas sobre o viver e o sobreviver das pessoas em situação de rua, que permeiam uma compreensão acerca dos aspectos coletivos das relações macro e micro sociais da

vida de pessoas, no nosso caso aquelas em situação de rua, assim, como as complexidades e os sistemas que compõem suas histórias de vida e aspectos da sobrevivência.

Melo (2021, p.25), que utilizou as categorias propostas pro Guerra em sua pesquisa pioneira em terapia ocupacional social acerca dos modos de vida, diz que “o estudo dos modos de vida requer compreender as práticas, os hábitos, as técnicas e os valores próprios de cada grupo social”. O grupo que enfocamos, as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, estão situadas em diversos sistemas que as expõem à marginalidade e precariedade, como o sistema de classe social, que revela a questão da pobreza extrema para as pessoas em situação de rua; os sistemas de gênero e sexualidade, que impulsionam e normatizam as pessoas em uma perspectiva de vida dentro do binarismo de gênero, que enquadram as pessoas como vulneráveis e patológicas, disciplinando os corpos com formas violentas de educar e corrigir a expressão das suas identidades; o sistema racial, que deflagra a desigualdade racial da sociedade brasileira, entre outros sistemas.

Essas articulações entre os sistemas e as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, são mecanismos sociais estruturados na sociedade e que marcam as suas vidas, são os marcadores sociais das diferenças junto com a realidade social que dão pistas sobre os modos de vida e como são as formas possíveis de sobreviver e de inventar o viver.

Problematizando o conceito de “vulnerabilizados”, Monzeli (2022) destaca, ao abordar a temática do gênero:

Uma vez que a vulnerabilidade, por mais que traga elementos históricos, relacionais e contextuais para explicar determinadas situações e posições de sujeitos e grupos, acaba dando maior ênfase aos que são compreendidos como “vulnerabilizados” do que aos processos pelos quais as violências e opressões são operadas, ou seja, levando a possíveis compreensões de que, no limite, os sujeitos e grupos são “vulneráveis” e, nesse sentido, não necessariamente se questionam os agentes das violências e opressões.

Além disso, vulnerabilidade não é um termo utilizado pelos próprios sujeitos e grupos para se definir, ou seja, a utilização deste termo para se referir a sujeitos e grupos pode ser também um ato de violência. Os termos e conceitos que utilizamos para nos referir a determinados sujeitos e grupos com os quais desenvolvemos nossas reflexões e ações refletem nossos posicionamentos técnicos, éticos e políticos. (Monzeli, 2022, p.9)

Estendendo a discussão à situação de rua, é importante destacar que se trata de uma parte da vida, que não é fixa, que não é o todo e nem acabado, mas são

momentos que as pessoas estão vivendo, constituindo modos de vida que, coletivamente, tecem aspectos e características que se aproximam da vida entre as pessoas, mas que na individualidade de cada um/a realidade sentida é diferente, não tem uma delimitação fixa. É na tessitura da sobrevivência, e também do viver, com outras possibilidades, prazeres, desejos, vontades que dialogam entre o “objetivo e o subjetivo na percepção do real” (Guerra, 1993, p.60), que se estabelecem os modos de vida.

Entre sobre o viver e sobreviver, partindo da pobreza e condição de classe social como um marcador das vidas das pessoas em situação de rua, é necessário igualmente reconhecer sua diversidade e heterogeneidade, também com um perfil de grupo populacional pouco conhecido (Bezerra et al., 2017; Sicari & Zabella, 2018). A questão do perfil da população em situação de rua e sua diversidade dialoga com os fatores estruturais e sociais que se interseccionam e impulsionam essas pessoas para as situações de vida na rua, como as questões singulares e coletivas que envolvem as identidades, raças, gêneros, sexualidades, classe social, precariedades das condições de trabalho e fragilidade dos vínculos sociais, entre outros fatores que são interseccionados e inseparáveis (Castel, 2000; Akotirene, 2019).

Melo (2021) e Melo et al. (2020) discutem a importância dos marcadores sociais das diferenças e utilizam esse conceito na compreensão da questão social das desigualdades e na construção social de hierarquias entre os sujeitos, ressaltando sobre a importância de entender “o ser social culturalmente constituído em tramas discursivas, nas quais gênero, sexualidade, raça, classe, religião, nacionalidade, sexualidade, geração, entre outras, são variáveis interdependentes” (Melo et al., 2020, p.1062).

A partir desses contextos de acessos, proteção, riscos, descompassos sociais e a sobrevivência das pessoas em situação de rua, essa dissertação volta-se, especificamente, para a população LGBTQIA+ em situação de rua. Medeiros et al. (2020) compreendem que esse recorte é um, entre os vários possíveis, enfocando as perspectivas de diversidade de gênero e sexual.

Adota-se a nomenclatura LGBTQIA+ com o objetivo de reconhecimento dos aspectos singulares e coletivos das diversidades de “ser humano” e também da representatividade dessas pessoas nos espaços de sociabilidade em diálogo com a atualidade da sigla usada pelos movimentos sociais do Brasil e de outros países,

como também consensuadas recentemente por militantes e algumas intuições privadas e públicas, com impactos em sua utilização nas políticas públicas.

Junto com a sigla LGBTQIA+ atrela-se à proposição conceitual pós-identitária sobre “dissidências de gênero e sexualidade” (Colling, 2015). Segundo Monzeli (2022, p.8) o conceito de dissidência de gêneros e sexualidades começa a ser utilizado nos anos 2000 em oposição à “diversidade” que “se dá na ideia de abarcar indivíduos que não se sentem contemplados com as categorias identitárias propostas na sigla LGBTQI+” (Leite Jr., 2019, p.7). Duarte (2020) aborda as dissidências sexuais e de gênero que marcam os corpos e as vidas de pessoas LGBTQIA+, apontando:

são impostos padrões cada vez mais vulneráveis e precários nos vários setores e modos da vida social, seja na família, no trabalho, na escola, nos serviços de saúde, etc., e que vem se agravando na falta de leis que possam garantir segurança, direitos e políticas públicas para esta população. (Duarte, 2020, p.4).

Mesmo adotando a nomenclatura pessoas LGBTQIA+ neste estudo, ressaltamos as múltiplas diferenças entre as pessoas dentro desta população, considerando que nosso objetivo não é enquadrar as pessoas em categorias, teorias ou conceitos, mas sim levantar a questão para compreender suas diferenças. É perceptível as formas que Nascimento (2021) pontua acerca dos diálogos realizados sobre travestis e mulheres transexuais. Para ela, a letra “T” “demanda tecer diálogos, nem sempre fáceis, com a comunidade LGBTQIA+, que se centra, historicamente, a partir das problemáticas de gays cis brancos” (Nascimento, 2021, p.160).

Algumas pesquisadoras e pesquisadores têm se dedicado sobre diferentes dimensões sobre o viver e sobreviver das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua. No repertório de pesquisas brasileiras é possível encontrar estudos com temáticas diferentes e também com variações no uso da sigla LGBTQIA+, que são possíveis à medida que representam e dizem a respeito sobre as pessoas que fazem parte dessa população.

Alguns deles abordam aspectos como as vivências e narrativas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) de pessoas em situação de rua (Medeiros, 2020; Machado, 2015), a visibilidade e invisibilidade da comunidade LGBTQIA+ na assistência social (Fontana, Gomes & Silva, 2020), o mapeamento das exclusões da população LGBT em situação de rua nos serviços de saúde (Cardoso, 2020), a questão a violência e sofrimentos, como também a os suicídios nessa população

(Nagafuchi,2019). O recorte sobre os direitos também aparece, tanto no estudo voltado para o público LGBT e seus direitos na cidade (Santos, 2018), como também mais especificamente sobre direitos humanos, pobreza e exclusão social de travestis e transexuais (Cruz e Silva, 2017).

A questão da violência é uma evidência marcante e que choca a realidade além dos dados encontrados, marcam as vidas das pessoas que são expostas a esses atos, que são:

Espancamentos públicos, omissão médica, espetacularização das mortes, naturalização da extinção social, genocídios, processos de exclusão e violência sistêmica formam parte da vida diária de muitas pessoas trans, assim como sapatonas, bichas e outras corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, especialmente as racializadas e empobrecidas. Todas essas formas de violência e brutalização são de fato parte de um design global, que visa definir o que significa ser violento, quem tem o poder para sê-lo e contra que tipos de corpos a violência pode ser exercida sem prejuízo para a normalidade social (Mombaça, 2021, p.72).

No Brasil, os dados sobre as violências sofridas por pessoas LGBTQIA+ são realizados pelos movimentos sociais, “os órgãos oficiais de pesquisa não incluem dados concretos sobre as violências sofridas por travestis e transexuais” (Nascimento, 2021, p.176), são informações que evidenciam a questão da violência e apontam que entre o viver e o sobreviver são poucas as possibilidades de estar vivo ou viva, e que a sobrevivência ou a morte são marcas designadas socialmente de forma perversa para essa população.

Para “muitos membros da comunidade LGBTQIA+, a situação de rua tem suas raízes em conflitos familiares e rupturas que ocorrem durante a adolescência e idade adulta jovem” (Gutman et al. 2021, p.2, nossa tradução²). Segundo a ANTRA (2020), houve o aumento das expulsões de casa durante a pandemia de COVID-19, que são gerados por fatores diversos que têm suas raízes na LGBTfobia, tendo ocorrido também o aumento de pessoas transexuais em situação de rua “pela perda total de suas rendas, dificuldade de pagar contas e manter seu sustento sem auxílio governamental” (ANTRA, 2020, p.1). Esses conflitos familiares podem resultar em um processo de rejeição familiar, desencadeado por uma dinâmica social que resulta na violência sobre as pessoas LGBTQIA+.

² “For many members of the LGBTQIA+ community, homelessness has its roots in family conflicts and disruptions that occur during adolescence and young adulthood.” (Gutman, 2021, p.2).

a família, majoritariamente, reproduz a gramática normativa e violenta para que sejam cumpridas as premissas heteronormativas, não somente de filhos e filhas, para que se adequem às performances de gênero correspondentes ao seu sexo biológico, mas também para a própria manutenção dos valores tradicionais hegemônicos do “ser família”. Ao se negar a existência de um ser dissidente de gênero e sexualidade, problemas de convivência familiar podem surgir. Muitas vezes, isso ocorre quando os seus membros não acolhem ou quando exigem que não se torne pública a orientação sexual e/ou identidade de gênero. Isso pode afastar essas pessoas de seus lares de forma compulsória ou expulsiva, rompendo as relações de vida comunitária ou até mesmo culminando em suicídio (Braga et al.,2020, p.702)

Segundo a ANTRA (2020) não há dados sobre o índice de violência doméstica contra a população LGBTQIA+ durante o período da pandemia. Mas foi possível estimar que 70% das pessoas LGBTQIA+ que se encontravam em isolamento físico da pandemia de COVID-19 junto a familiares (ANTRA, 2020):

experienciaram algum tipo de violência no ambiente familiar/vizinhança, sem ter onde buscar ajuda ou efetivar denúncia pelo alto risco expulsão de casa ou acirramento da violência. E que 45% apresentaram agravos em sua saúde mental por fatores como depressão, ansiedade, desemprego e conflitos familiares - alguns previamente já relatado (ANTRA, 2020, p.6).

São nessas situações de rupturas e sofrimento enfrentados pelas pessoas LGBTQIA+, na condição de saída de casa para as ruas e no enfrentamento da violência doméstica, que as pessoas LGBTQIA+ enfrentam situações limites que requerem estratégias de sobrevivência, mesmo assim, é possível encontrar “formas de afirmação, reinvenção de suas vidas e construção de novos territórios materiais e existenciais” (Medeiros et al. 2020, p.11), essas novas forma de afirmação falam sobre o viver dando sentido a novas criações e formatos de viver a vida, mesmo nas adversidades e em constantes processos de vulnerabilidade.

Algumas crianças, jovens e adultos se deparam com a violenta saída de casa, passam pelo processo de rupturas de suas redes sociais de suporte, para a vida nas ruas ou algum lugar possível de abrigo.

Junto com essas questões apresentadas, Duarte (2020, p. 3) descreve que as pessoas LGBTQIA+ “são cada vez mais inseridas nas relações precárias de trabalho, embarreadas nos serviços de saúde, excluídas das escolas, expulsas de casa”, essas questões se configuram em um desencadeamento de condições de sobrevivência que tensionam a vida a situação de vulnerabilidade e em alguns momentos ao risco e vida diante dos crimes de ódio sofridos pelas pessoas

LGBTQIA+. Segundo o autor, esses desencadear violento acontece decorrente da “discriminação, preconceito e inconformidade face aos padrões hegemônicos binários impostos pelas normas socialmente estabelecidas para os gêneros e sexualidades” (Duarte, 2020, p.3).

As pessoas LGBTQIA+ em situação de rua se constituem como um grupo populacional pouco visível socialmente, apesar de grande diversidade e características próprias, apresentam processos de rupturas com as redes sociais de suporte, as relações precárias ou a ausência de inserção no mercado de trabalho. Tais situações de via atravessam a invisibilidade e a marginalidade, afastando essas pessoas de vivências e acesso aos direitos que são fundamentais para todos. Portanto, esperamos que a aproximação à população LGBTQIA+ em situação de rua possa contribuir com a articulação e construção de políticas públicas específicas, como também na ação técnica e intervenções da terapia ocupacional e de outras profissões.

1.3 Sobre viver em Maceió

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Maceió, em Alagoas, localizada na região nordeste do Brasil. Maceió é uma cidade litorânea rodeada por praias e lagoas, apresentando contrastes entre as belezas naturais, conflitos ambientais e os contextos de desigualdade social.

A cidade tem sua história evidenciada com grandes episódios de inclusão e exclusão sociais com raízes nos marcadores sociais da diferença relacionados com as questões raciais, de gênero e de classe social. O marcador ambiental também tem sido de grande relevância no cenário local.

Sobre a realidade de Maceió, podemos encontrar alguns estudos sobre as pessoas em situação de rua na última década (Medeiros, 2011; Medeiros, 2013; Bezerra et al., 2015; Ferreira, 2015; Ferreira et al. 2016; Sousa, 2016; Bezerra et al., 2017; Brandão, 2017; Guimarães, 2018; Lopes, 2019). Dentre estes são abordados alguns temas que se atravessam, como a questão do perfil da população em situação de rua que frequenta um albergue da rede pública de assistência social da cidade de Maceió (Bezerra et al., 2015), a assistência e cuidados prestados para esta população, tendo por base o funcionamento da política de assistência social de Maceió para crianças que se desenvolvem em situação de rua (Medeiros, 2011, 2018)

e também outros no campo das políticas públicas, sobre a avaliação da estratégia do Consultório na Rua em Maceió, segundo a perspectiva de seus usuários (Ferreira, 2015; Ferreira et al. 2016), e ainda sobre o cuidado à população em situação de rua, a partir da vivência com o Consultório na Rua (Sousa, 2016).

A temática do cotidiano surge, dentre os estudos encontrados, sendo abordada através da percepção de adolescentes em situação de rua (Bezerra et al., 2017), táticas e estratégias de sobrevivência de pessoas em situação de rua e sua relação com a política de assistência social em Maceió (Lopes, 2019). Outro tema encontrado em publicações recentes foi sobre a vivência de pessoas em acolhimento noturno em um Centro de Atenção Psicossocial para usuários de Álcool e outras Drogas (Brandão, 2017) e a análise de narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua (Guimarães, 2018).

Essas referências mostram que os estudos realizados sobre a população em situação de rua em Maceió se concentram nos eixos da assistência prestada para essa população (Medeiros, 2011, 2018; Ferreira, 2015; Ferreira et al. 2016), cuidados (Sousa, 2016), e aspectos da vida, como perfil, cotidiano e narrativas (Bezerra et al., 2015, 2017; Brandão, 2017; Guimarães, 2018; Lopes, 2019). Não foram encontrados estudos que dialoguem entre o cruzamento das temáticas sobre a população em situação de rua e as pessoas LGBTQIA+ na cidade de Maceió ou no estado de Alagoas. Espera-se compor com tais estudos o debate a partir deste recorte específico, enfocando a população LGBTQIA+ em situação de rua e suas vivências durante a pandemia.

Mesmo sabendo da existência de alguns marcadores, não é possível encontrar dados específicos e registros oficiais sobre algumas populações e fatos históricos de Maceió, demonstrando a relevância de fazer uma conexão histórica sobre fatos, pessoas e episódios na construção de novas narrativas que se aproximam da compreensão da realidade atual.

Atualmente Maceió vivencia um desastre ambiental, que se configura como um conflito de extrema complexidade no Brasil. Segundo o Mapa de conflitos (2020, s/p), “trata-se de um caso que se inicia em 2018 com o aparecimento de fissuras, buracos no solo e rachaduras em pisos e paredes de imóveis no bairro Pinheiro”. Após esses acontecimentos catastróficos, a Defesa Civil de Maceió interditou algumas regiões do bairro, obrigando moradores a deixarem suas casas. Desde o acontecimento inicial com abalo sísmico até o momento três bairros da cidade de Maceió foram evacuados,

onde não é possível mais viver, todos os moradores tiveram que sair de suas casas, pois os bairros do Pinheiro, Mutange e Bebedouro estão “afundando”.

O Mapa de conflitos (20,20) trata esse caso como um dos maiores conflitos ambientais no Brasil, decorrente de atividades de mineração. Os bairros atingidos localizam-se próximos ou nas áreas de exploração de sal-gema (cloreto de sódio), que é usado na produção de soda cáustica e de Policloreto de Polivinila (PVC). Segundo o Mapa de conflitos (2020, s/p) “essa exploração é realizada pela empresa petroquímica Braskem, que atua com atividades de mineração no estado desde 1975”. Esse conflito ambiental ocorreu durante a pandemia expondo a população de Maceió a inúmeras situações, como a questão da falta de moradia, que pode acarretar, entre outras consequências, no maior número de pessoas nas ruas, mesmo que temporariamente. Os conflitos ambientais expõem sobre o viver da população maceioense levando a um tensionamento entre o sobreviver e a busca de alternativas para a volta da vida cotidiana em uma moradia digna, como previsto nos direitos sociais no Brasil.

Junto com esse conflito ambiental e a pandemia, em Maceió, é possível encontrar outros episódios de exclusão, silenciamentos e violências no estado de Alagoas. Esses episódios atravessam elementos ambientais e históricos, sob a égide da desigualdade social, e trazem evidências acerca da necessidade em se ouvir outras vozes acerca das populações que enfrentam processos de vulnerabilização e situações de risco, como as pessoas em situação de rua no município de Maceió.

Do ponto de vista histórico, Alagoas tem uma diversidade de episódios que compõem o cenário nacional. Ressaltamos, por exemplo, o maior e mais duradouro quilombo liderado por Zumbi dos Palmares, que se localizava na Serra da Barriga, no município de União dos Palmares. Nas narrativas populares discutidas por Costa (2017), Zumbi dos Palmares casou-se com Dandara dos Palmares, participou da luta armada, e eles lideraram vários enfrentamentos que ocorreram à época. Para Costa (2017), a história de Dandara dos Palmares é envolta de muitos questionamentos que permanecem sem resposta, pois há pouquíssimos registros historiográficos oficiais sobre sua existência.

Outro episódio da história local lembrado constantemente pelos movimentos sociais é da Tia Marcelina, que, assim como Dandara, passou por episódios de violência. Alguns pesquisadores (Almeida & Silveira, 2020; Amorim, 2012; Rafael, 2012) discorrem sobre o episódio do Quebra de Xangô, de 1912, que foi a maior

destruição dos terreiros e dos quilombos urbanos (Bezerra, 2014) na cidade de Maceió. Almeida & Silveira (2020) expõem que Tia Marcelina foi fundadora do candomblé em Maceió e grande sacerdotisa dos cultos de matriz africana, por esse motivo, foi brutalmente espancada durante o Quebra de Xangô e teve seu terreiro, localizado na cidade de Maceió, destruído junto com outros terreiros da capital, episódio este, que deu continuidade aos massacres históricos sofridos pela população negra e pobre de Alagoas.

Esses fatos históricos ajudam na compreensão sobre o viver em Maceió, observada especificamente aqui, com recorte da questão racial, religiosa, de gênero e de classe social, provocando a reflexão sobre as situações vivenciadas na época dos ocorridos, que apontam elementos que constituem a identidade atual da cidade. É na exposição dos fatos sobre o viver de Dandara e Zumbi, no quilombo dos Palmares, e de Tia Marcelina, no quilombo urbano, enquanto pessoas que foram racializadas diante da história, que é possível fazer uma reflexão sobre o viver em Maceió através de outras óticas e chaves históricas, o que pode colaborar na construção de visões acerca das chances efetivas de sobrevivência na cidade de Maceió.

Assim como as pessoas que são racializadas na história enquanto pessoas negras e as pessoas de religiosidade de matriz africana, outros grupos populacionais e pessoas são marcadas por diferentes processos de estigmatização e de vulnerabilização social.

O IBGE (2021) estima que Maceió é composta de 1.031.597 habitantes, reconhecendo a “inexistência de dados atualizados referente à quantidade de pessoas que se encontram em situação de rua, tanto nacionalmente, como especificamente na Cidade de Maceió – AL, pois a última pesquisa nacional aconteceu entre os anos de 2007 e 2008” (Silva, 2019, p.13).

O IPEA (2019) publicou que Maceió se destacava entre as três cidades mais violentas do estado de Alagoas, sendo que um jovem negro tem 12,7 vezes mais chances de morrer assassinado do que um jovem branco no estado (Brasil, 2017). Desde o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), a população preta e parda passou a ser considerada maior proporcionalmente que as outras populações no Brasil.

Este perfil de violência revela a desigualdade social local que se reflete também nas ruas de suas cidades. Santos (2022, p.66) discute sobre o perfil das

peças em situação de rua, “que em sua maioria são homens negros sem nenhum tipo de trabalho assalariado” logo, as pessoas negras, e também as que estão em situação de rua, estão sofrendo mais e sendo expostas aos processos de vulnerabilidade, violência e desigualdades no Brasil contemporâneo. A história da formação do Estado brasileiro é rica em exemplos de violência com marginalizadas, Segundo Santos & Sarreta (2022):

A sociedade brasileira foi forjada na exploração dos povos africanos e indígenas, de modo que os desdobramentos históricos do colonialismo são sentidos e vividos intensamente nos dias atuais, pois são as bases de uma sociedade escravista. Da mesma forma, o capitalismo brasileiro foi estabelecido tardiamente sob a lógica da dependência, da servidão dos povos subalternizados e do privilégio da branquitude em um pacto fechado, cíclico e narcísico, que mantém as estruturas estabelecidas pela classe dominante. É sob essa égide que a população em situação de rua se forma, pela necessidade do capital de produzir pobreza e miséria para alcançar níveis cada vez mais altos de acumulação. (Santos & Sarreta, 2022, p. 380)

Em Maceió não é diferente, onde estas pessoas e populações são alvo de diversos massacres. A população negra, população em situação de rua e as pessoas LGBTQIA+ são alvos de diversas formas de violências e, fatores como a pandemia, quando articulados na dinâmica social com a crise mundial econômica, levam cada vez mais pessoas à precariedade e a viver às margens da sociedade.

2 ATOS PARA FAZER UMA PESQUISA

A aproximação com as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua foi realizada através do percurso desta pesquisa é construída em três espaços institucionais de Maceió, Alagoas e com relevância para esta população na cidade: dois centros de acolhimento privados e um serviço público de saúde, que compõem a rede de serviço socioassistencial. Estes locais se conectam com minha história no município, com minha trajetória acadêmica e profissional, conforme acima relatado.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Maceió - PMM (Maceió, 2021) a rede de serviço socioassistencial para a população em situação de rua foi estruturada através do Plano Intersectorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal para esta população. Esse plano é um documento de “referência para a organização e acompanhamento das políticas públicas voltadas para o atendimento das demandas dessa população, bem como para a interlocução necessária com as demais políticas” (Maceió, 2021, p.8).

São ofertados os serviços de abordagem social, que oferecem atenção às “necessidades mais imediatas dos indivíduos e famílias atendidas, buscando promover o acesso à rede de serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas na perspectiva da garantia dos direitos” (p.14); o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, ou Centro Pop, “é a unidade pública e estatal, locus de referência e atendimento especializado à população que utiliza as ruas como estratégia de moradia e/ou sobrevivência dos direitos” (p.20); os serviços de acolhimento institucional, que se articulam com a Casa de Passagem Professor Manoel Coelho Neto e a Casa de Passagem Familiar, que funcionam como espaços de acolhimentos e abrigamento público para pessoas em situação de rua em Maceió; além de outros serviços estruturantes da assistência social, como o Cadastro Único.

As aproximações institucionais tiveram o objetivo de estruturar o campo desta pesquisa, que foi desenvolvido por meio de observação participante, inicialmente no Consultório de Rua e no Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR). As atividades em campo foram registradas por meio de diário de campo e pela utilização de entrevistas narrativas. Para Jovchelovich e Bauer (2002), as entrevistas narrativas consistem em um discurso livre sobre suas vidas, em uma narrativa espontânea, disparada através de uma pergunta geradora, assim, segundo Muylaert et al. (2014),

as narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio–históricos. O objetivo com a utilização de tais técnicas metodológicas foi de aproximação com aquelas pessoas para conhecer os aspectos da sua vida cotidiana e suas vivências nas ruas, com enfoque no período da pandemia.

Para o início do trabalho de campo, foram realizados contatos com a coordenação do CAERR, que é um centro de acolhimento privado e específico para pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, e com a Secretaria Municipal de Saúde de Maceió, para inserção no Consultório na Rua, que realiza seus trabalhos na rua diretamente com as pessoas em situação de rua, sendo referência para esta população, com o objetivo de acompanhar as atividades institucionais e criar caminhos para a contato com esta população. Inicialmente, foi através dessas duas instituições que essa pesquisa percorreu os caminhos de aproximação com as pessoas que foram colaboradores.

Através dos contatos com as instituições parceiras, foram realizadas reuniões de apresentação do projeto de pesquisa e solicitado, por meio de ofícios, a autorização para a entrada do pesquisador em campo. Nesse percurso, o CAERR e o Consultório na Rua aprovaram a realização da pesquisa (ANEXOS A). Após as aprovações institucionais, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 52913321.0.0000.5504 (ANEXO B).

Durante a pesquisa, observou-se que o CAEER tem uma dinâmica de rotatividade, com entrada e saída constantes das pessoas acolhidas. O CAEER oferta acolhimento físico, com acesso à alimentação, quartos para dormir e uso dos espaços da casa para suas necessidades fundamentais e básicas do cotidiano. Não há um tempo estipulado ou demarcado que as pessoas possam permanecer na casa, elas ficam o tempo possível para organização e estruturação de suas vidas. É uma moradia temporária que tem objetivo de favorecer também o acolhimento social, através do fortalecimento emocional, a construção de novos vínculos sociais, reestruturação das redes sociais de suporte, inserindo esses acolhidos no sistema educacional e também no mercado de trabalho.

O CAERR conta com uma rede de profissionais voluntários e serviços que estão articulados diretamente com a casa, oferecendo o acolhimento para as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, fazendo também um trabalho social na comunidade

em que o centro de acolhimento está inserido. Organiza-se através da divisão de equipes de trabalho, com enfoque em Saúde, Jurídica, Psicologia, Arte e Cultura e Serviço Social. As equipes constantemente são reestruturadas, sendo que, no momento da pandemia, a necessidade de distanciamento físico afetou a dinâmica das equipes e de profissionais que se voluntariaram para assumir trabalhos na instituição.

Referente ao CAERR, foram acompanhados os trabalhos da instituição durante o período de quatro meses, de maio a junho de 2022, por meio de observação participante e convite às pessoas para participar do estudo por meio de uma entrevista. Foram realizadas duas entrevistas com pessoas maiores de 18 anos de idade acolhidas no CAERR.

Em paralelo ao CAERR, conforme acima descrito, o Consultório na Rua também foi um espaço de campo desta pesquisa. Durante o período de abril a julho de 2022, foram acompanhadas as equipes 1 e 4 do Consultório na Rua, com o intuito de observar de forma participativa o trabalho realizado, juntamente com a aproximação às pessoas em situação de rua assistidas pelas equipes. A escolha das equipes aconteceu junto com a gestora do serviço e com os outros profissionais, que indicaram as equipes que abrangem áreas e serviços com pessoas LGBTQIA+ que estavam vivendo em situação de rua.

A “equipe 1” dispõe do suporte da Unidade Básica de Saúde (UBS) Osvaldo Brandão localizado no bairro da Ponta da Terra. Essa equipe trabalha das 16:00 às 22:00 horas de segunda-feira a sexta-feira, realiza seu trabalho de assistência noturna para população em situação de rua, atendendo aos Distritos Sanitários I e VIII, nos bairros do Jaraguá, Pajuçara, Ponta da Terra, Ponta Verde, Jatiúca, Mangabeiras, Cruz das Almas, Jacarecica, Guaxuma, Poço, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca, que ficam localizado na praia, parte litorânea da cidade de Maceió, áreas residenciais de classe média e de alto padrão social e também uma região turística. A “equipe 1” é composta por um agente de ação social, duas assistentes sociais, uma técnica de enfermagem, uma enfermeira, uma psicóloga e uma médica.

Durante os acompanhamentos noturnos junto com essa equipe, conhecemos a Casa de Passagem São Vicente de Paulo, localizada no bairro do Jaraguá, e fomos nos aproximando das pessoas acolhidas e percebendo que estavam abrigadas

algumas pessoas LGBTQIA+ naquela casa de passagem. Foi constatada a gestão da casa, através do serviço de assistência social, enviado um ofício, solicitando a nossa participação na instituição e convite a alguns de seus/suas moradores/as para integrar a pesquisa. Ampliando, assim, o campo inicial de realização desta pesquisa, incluindo pessoas assistidas na Casa de Passagem São Vivente de Paulo. A Instituição aprovou (ANEXOS A) a realização da pesquisa com as pessoas dentro da instituição.

Foram entrevistadas três pessoas abrigadas na Casa de Passagem São Vicente de Paulo.

Já a "equipe 4" do Consultório na Rua tem como suporte a UBS Roland Simon no bairro do Vergel do Lago. Trabalha das 13:00 às 19:00 horas, assistindo aos Distritos Sanitários II e IV nos bairros do Vergel do Lago, Ponta Grossa, Trapiche da Barra e Pontal da Barra, bairros periféricos situados na região lagunar, próximos ao centro da cidade de Maceió. É formada por um agente de ação social, uma assistente social, uma enfermeira, duas técnicas de enfermagem, uma odontóloga e um educador físico. Essa equipe tem um perfil diferente das outras, pois, além de realizar o trabalho de assistências para pessoas que se encontram em situação de rua, também trabalham com a comunidade que vive em situações precárias e de vulnerabilidade social na favela da orla da lagoa Mundaú.

Diretamente na rua, por meio de nossa participação junto à equipe do Consultório na Rua, foram entrevistadas duas pessoas, compondo este estudo.

Em resumo, foi realizada a observação participante em três instituições, dois abrigos privados - o CAERR e a Casa de Passagem São Vivente de Paulo e um serviço de saúde volante com atuação na rua, o Consultório de Rua, pelo período de quatro meses. As visitas aos serviços ocorreram duas vezes por semana, por quatro horas em cada dia, tendo semanas com mais visitas, a depender da programação da instituição e/ou contato com as pessoas.

Ao final do trabalho de campo, foram entrevistadas sete pessoas, com idade de 22 a 45 anos, que se autodeclararam como travesti, mulher transexual, pessoa não-binária e gay, com vivência na rua entre dois e 11 anos. As entrevistas tiveram uma duração entre 20:07 e 58:57 minutos, resultando em um material transcrito de 34 páginas.

Quadro 1. Colaboradores(as) da pesquisa

Nome ³	Idade	Auto-identificação	Local de aproximação com o pesquisador
Ana	28 anos	Travesti	CAEER
Sara	25 anos	Mulher transexual	CAERR
Joan	27 anos	Pessoa não-binária	Rua
Safira	22 anos	Travesti	Rua
Rafa	22 anos	Mulher transexual	Casa de passagem
Juno	26 anos	Homem cisgênero	Casa de passagem
Milly	45 anos	Travesti	Casa de passagem

2.1 Ato 0 – Ação em pesquisa ou limites sempre presentes: antes de pensar nos atos

A ação em pesquisa demanda a reflexão sobre o que fazer para poder pesquisar, na dimensão ampla da ética em pesquisa, juntamente aos limites de ser pesquisador e o contexto em que se está. Na experiência em tela, partimos de uma delimitação em um circuito institucionalizado, ou seja, utilizamos instituições como porta de entrada para a rua, o que marca limites acerca do que se pode a partir daí acessar. Por outro lado, possibilita, também, um maior enfoque no trabalho profissional, que é de onde falamos e o que enfocamos neste contexto.

Ainda, o campo de pesquisa foi realizado no período entre março e julho de 2022, durante a pandemia de COVID-19, mas em um momento de já distribuição em massa de vacinação no país e a consequente diminuição drástica dos índices de mortalidades de pessoas acometidas pelo vírus. Porém, estavam de alguma forma ainda presentes o distanciamento físico, o uso de máscaras e a higienização constante das mãos, utilizados como medidas de prevenção, o que certamente influenciou as possibilidades e dificuldades de aproximação em campo. Como produtos desse tempo de pesquisa foram produzidos o diário de campo, contendo textos, ilustrações, desenhos, rabiscos; além de sete entrevistas audiogravadas e transcritas de forma digital.

Considerando as questões éticas do fazer pesquisa, a transcrição das entrevistas e as anotações de diários de campo foram apresentadas aos participantes e contaram com sua “aprovação”, ou seja, a autorização para o uso com fins

³ Nomes fictícios, sendo os pseudônimos aqui apresentados tendo sido escolhidos pelos/as participantes.

acadêmicos. Com uma das participantes, não foi possível reencontrar para fazer o retorno do texto transcrito de sua entrevista, devida não estar mais no local que nos conhecemos, mas considerei a sua aprovação de participação mediante à assinatura do TCLE e desejo expressado em participar da pesquisa.

O convite às pessoas para colaborarem com a pesquisa foram acontecendo mediante a entrada em campo e a criação de vínculo dentro dos espaços institucionais, com aproximações e auxílio dos profissionais que lá já estavam. Posteriormente, as próprias pessoas que fui encontrando me ajudaram a traçar os caminhos de como chegar a outras, indicando, apresentando e as aproximando de mim. As pessoas que fui encontrando no caminho se somaram como parceiros da pesquisa. A colaboração efetiva, por meio de uma entrevista formal, ocorreu quando elas se sentiram confortáveis com a proposta e disponíveis para dialogar sobre suas experiências. As parcerias da pesquisa, profissionais dos locais em que estive, estavam sempre por perto colaborando nos momentos da observação e aproximação do campo, com corpo presente e contribuindo de forma indireta com a percepção da realidade encontrada.

Compreendendo alguns dos aspectos dos modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua e partindo dos atos: *Ato sobre o viver para pensar uma pesquisa*, *Atos para criar uma pesquisa* e *Ato 0 – Ação em pesquisa ou limites sempre presentes*, que são atos que são construídos de forma teórico-conceitual e informam sobre a vida daquelas pessoas, foram articuladas algumas concepções analíticas para a compreensão da realidade das dinâmicas sociais enfrentadas por aquelas pessoas.

3. ATOS DE VIDA

“Não vão nos matar agora!”
(Jota Mombaça – Não vão nos matar agora, 2021, p.19)

Para a leitura dos dados da pesquisa, optou-se por dividi-los em atos. Os atos são considerados aqui como categorias para favorecer a análise, partindo da compreensão de se constituírem como elementos que fazem parte da vida das pessoas, do seu viver em sociedade. Durante a pesquisa, a partir da aproximação, elegemos realizar as análises através de atos para contar sobre aspectos de suas trajetórias de vida, buscando compor elementos sobre os seus modos de vida.

O ato de viver, estar vivo ou viva, é um foco desta pesquisa, onde os atos que aconteceram durante a interlocução do campo são fontes de informação para aproximação junto às pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, de conhecimento de sua organização, dos aspectos relacionados com os seus modos de vida, sobre o viver e o sobreviver.

Os atos dessa análise partem da construção conceitual das histórias de vida narradas durante as entrevistas e através da teoria dos modos de vida de Isabel Guerra, fazendo uma “análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas” e “as relações que o conjunto destas práticas cotidianas estabelecem com as relações sociais mais gerais” (Guerra, 1993, p.65). A autora categoriza os modos de vida em três perspectivas indissociáveis: sistema e os atores sociais, a história e o cotidiano, o objetivo e o subjetivo na percepção do real.

Essas variáveis não são dissociadas umas das outras e só fazem sentido, em nível conceitual, se articuladas entre si, considerando as dimensões macro e micro da vida social. Nesse sentido, o sistema e os atores sociais inevitavelmente aparecem no cotidiano, ou na percepção do real, assim como o cotidiano está implícito na discussão sobre os cotidianos e a história, e o objetivo e o subjetivo na percepção do real atravessam as outras duas variáveis. (Melo, 2021, p.144)

Por meio do cotidiano é possível observar as ações individuais que são reflexos de ações coletivas e estruturais da sociedade. São apresentados em: *Ato 1: como chegar junto, Ato 2: como existir, Ato 3: como sobreviver, Ato 4: sobre viver na Pandemia e Ato 5: tempo para sonhar.*

3.1 Ato 1: como chegar junto

Chegar junto é um ato que é pautado pelas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua como atores e os sistemas que se articulam em suas vidas. O primeiro ato desta pesquisa decorreu do questionamento: Como chegar junto das pessoas que estão vivendo nas ruas? Eu só poderia responder essa pergunta se fosse para os espaços em que as pessoas frequentam, tendo sido esta a primeira reflexão que tracei junto com minha orientadora: como chegar junto?

Se fôssemos observar os movimentos da vida, ou se aproximar da vida do outro, compreendendo a diversidade e as diferenças entre as pessoas, podemos considerar como o primeiro ato da vida social de cada pessoa como o nascer. Nascer é despertar o corpo para o mundo, dar o primeiro suspiro no mundo. O ato de nascer provoca a nossa existência. Algumas situações ao longo da vida levam as pessoas a passarem por coisas que não estão preparadas ou que nunca imaginariam passar.

O ato de chegar junto tem que acontecer através do acolhimento, quando se prepara para acolher o outro, tendo sido lançado mão de uma dimensão pessoal, pela empatia, assim como de uma dimensão técnica, advinda da terapia ocupacional, que compuseram as ações para constituição do campo da pesquisa. Nós também podemos ser acolhidos, por um outro com menos poder e que supostamente deveria ser o acolhido. Foi o que eu encontrei nas pessoas que eu me aproximei na rua, quase todas receptivas, mas nem sempre abertas para o olhar, a fala e a aproximação. Em alguns momentos tive medo do outro, o medo do estranho, ou da preocupação com as roupas, com o cheiro que ela apresentava naquele momento. Todas estas características são traços diferentes dos meus, enquanto pesquisador, que se chocam durante o chegar junto e criam estranhamentos.

Nós podemos chegar junto de coisas e de pessoas, através dos atos do nosso corpo. O olhar é uma forma de chegar junto, de observar as coisas ao redor. Nós podemos trocar olhares e ao mesmo tempo escolher desviar, é possível ver as coisas que existem através do olhar que torna o humano um animal e o desumaniza.

O ato de falar é outra forma de chegar junto e se aproximar, como também o ato de escutar, mas a presença do corpo é o que se configura como o ato de chegar junto ao outro. Na situação de rua, diante do olhar da normatividade social, a presença do corpo das pessoas LGBTQIA+ passa por um processo de marginalização,

desnaturalização e perda da identidade, que estão relacionados com a forma que os sistemas sociais se articulam em relação à identidade de gênero e sexualidade. Essa normatividade são padrões sociais relacionados com os sistemas de poder e controle social dos corpos, controle da presença e existência nos espaços de vida.

Esse ato sempre acontece com a presença. O corpo presente e o lugar de pertencimento no mundo, o que permite ou não as trocas. Porém, chegar junto pode ser um desafio para as pessoas que vivem na contemporaneidade. O distanciamento físico provocado pela pandemia vem dificultando as nossas proximidades, mesmo existindo a dimensão virtual da vida pelas tecnologias.

Os aspectos dos modos de vida se interseccionam com os atos, e o primeiro ato: como chegar junto, é uma preocupação enquanto pesquisador, como se aproximar de pessoas que podem estar ou não fragilizadas, marginalizadas, espantadas, passando por situações que vulnerabilizam a vida ou até mesmo de pessoas que estejam bem, com muita energia, com o corpo elétrico de tantas forças diferentes que se juntam na vida.

A minha trajetória nessa pesquisa foi de chegar aos poucos e chegar junto, perceber os pequenos avanços, pequenos olhares e gestos, mas também de deixar fluir os acontecimentos, mesmo sabendo que o meu lugar como pesquisador provoca um distanciamento do lugar social de privilégios que eu ocupo, porém, a disponibilidade de estar com o outro, onde as pessoas percebem que eu estou lá ou não, na perspectiva do ato de chegar junto, foi se mostrando um movimento importante para conhecer e permitir que o outro também possa conhecer e dialogar sobre o que é possível.

Perceber esses processos como um ato possibilitou a criação de vínculo com as pessoas em situação de rua, em alguns momentos, mesmo que na rua em situações precárias, entre cores, pensamentos, sentimentos, fluídos e muitos cheiros diferentes. Esses momentos são importantes para construir as tessituras entre a mediação dos diálogos, que são relevantes. Assim como na vida, os atos nunca se repetem, nunca mais serão os mesmos, são momentos únicos.

Como terapeuta ocupacional, naquela ocasião pesquisador em campo, é importante deixar todos os órgãos dos sentidos abertos para perceber o outro, mesmo que usando máscaras e, em alguns momentos, tendo que manter o distanciamento físico, devido às medidas de proteção durante a pandemia de COVID-19. Perceber os momentos de convite que o outro oferece inclui um olhar, um gesto, um pequeno

movimento, os pequenos atos ou micro atos que permitem a nossa a chegada junto do outro. Essas aproximações favoreceram também o conhecimento dos territórios, dos espaços de vida, do que possibilitou traçar percursos junto com as instituições para aproximação, criação de vínculo e realização das entrevistas com a população aqui estudada.

Portanto, o *Ato 1: como chegar junto* é uma proposta para pensarmos os caminhos de aproximação com as pessoas. O ato de chegar junto pode ser a relação criada corpo a corpo buscando conhecer o cotidiano do outro. É uma relação humana e física, através do ato de olhar, de falar, de se sentir. Esses atos nos permitem o acolhimento, assim como a aproximação, que favorecem o processo de criação de vínculo, enfatizados como instrumentos importantes na terapia ocupacional social. As tecnologias desenvolvidas na terapia ocupacional social, como os acompanhamentos singulares e territoriais (Lopes et al., 2014; Lopes et al., 2011), caracterizados pela “escuta atenta das demandas de pessoas, grupos ou coletivos” (Lopes et al., 2014, p. 597), são ferramentas relevantes que permitem *chegar junto*. Para sua execução, demanda “reflexões e intervenções que se dediquem à produção e/ou ao fortalecimento das redes sociais de suporte de grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social, bem como em situação de desfiliação” (Malfitano, 2005, p.6).

3.2 Ato 2: como existir

“Às vezes parece que eu não existo, toda suja jogada no chão na rua, mesmo as roupas sujas e o cheiro ruim do meu corpo não faz as outras pessoas perceberem que eu existo” (Safira, junho de 2022)

Safira relatou sobre sua existência no mundo e como fazia para sobreviver nos momentos que estava em situação de rua. Quando ela me diz: “Às vezes parece que eu não existo”, essa afirmação vem acompanhada das “roupas sujas” e seu “cheiro ruim” por ter passado muitos dias na rua e não ter conseguido um local para tomar banho. Quando eu escutei essa frase da Safira eu senti seu olhar de medo e fragilidade. Eu encontrei nas palavras de Castiel Vitorino Brasileiro (2022, p.37) um caminho para pensar o medo de não existir ou o sofrimento que Safira passou durante

a situação de rua, quando diz: que “o Ser moderno sabe que não conhece tudo, pois reconhece a todo instante sua vulnerabilidade pela via do medo que tem de desaparecer”.

Safira é uma mulher negra de estatura mediana, tem algumas marcas nos braços e nas pernas, são marcas de quem passou por algo muito difícil na vida, mas dá pra perceber que ela é muito vaidosa e jeitosas com suas roupas, justas no corpo, valorizando sua feminilidade e suas curvas, tem voz forte. No começo da minha aproximação ela falava muito baixo e com voz quase não saindo da boca, depois que nos conhecemos um pouco mais, ela passou a falar em uma forma mais firme, me contando sobre sua vida e expressando a realidade enfrentada durante a situação de rua, ressaltando que sente que sua presença provoca um movimento de invisibilidade nas pessoas, expressando o sentimento de não existir. Como pode as pessoas não perceberem que ali existe uma vida? A invisibilidade social é uma marca coletiva deste grupo, contribuindo com menos chances de existirem como humanos, conforme destaca Butler:

aqueles que ganham representação, especialmente autorepresentação, detêm melhor chance de serem humanizados. Já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos. (Butler, 2011, p. 24)

Para Castel (1997), a desfiliação, ou seja, o duplo processo de não filiação social decorre, para além da precarização e/ou inexistência do trabalho, da ausência de suportes sociais, sendo que a invisibilidade deflagra a não permissão social para a tessitura de suportes.

A nossa existência no mundo provoca diferentes sentidos no viver e nos fluxos da vida, isso pode entrar em conflito com a noção de ser humano, a qual deveria partir do direito à vida para todos. Entretanto, há vidas mais humanas que outras, criando sentidos diversos, expressos nas relações pessoais, na questão social e no processo de precarização das vidas ou na forma como as “vidas precárias” (Butler, 2019) em processo de “desfiliação” (Castel, 1997) são vistas ou possíveis de serem vividas. As diferenças são marcadas na vida de cada pessoa, sendo que o cotidiano na rua acaba “exigindo destes a elaboração de estratégias de existência em meio ao contexto que os permeiam” (Melo, 2021, p.116), para poder ter o direito de existir.

Durante outra aproximação, foi possível perceber o olhar de Juno, o olhar que mais me tocou durante a pesquisa. Juno é um homem negro, dá para perceber que sua pele está bastante queimada pelo sol, ele não é muito alto, tem um corpo forte de quem já trabalhou muito e um sotaque bem carregado, como fala suave. Com olhos negros e a parte branca do olho bastante avermelhada, acho que ele estava com os olhos sempre irritados por algum motivo, talvez não tivesse dormido o suficiente nos últimos dias, mas ainda assim era possível observar seu olhar profundo e atento a tudo que se falava ao seu redor. Se olharmos bem para seus olhos dá para perceber que ele carrega um cansaço, e que tem algo muito curioso ali. Das vezes que conversamos, ele quase não piscava os olhos. Durante uma das entrevistas, Juno fala em relação às pessoas que passam por ele durante um dos momentos que ele estava na rua:

“Quando eu estou na rua, as pessoas já te olham feio e nesse olhar deles você já vê que você é tratado como um bicho.” (Juno, junho de 2022)

Juno demonstra muitos sentimentos e significados. De forma direta, demonstra como a visão ou o ato de olhar faz com que ele se sinta não humano, “tratado como um bicho”, provocando um sentimento de exclusão, levado ao limite da humanidade. Quem tem o direito de ser humano? São traços corporais marcados através do olhar do outro que vê e que julga qual é o limite e as possibilidades de vida, esse olhar da “vulnerabilidade constitui um aspecto da modalidade política do corpo, na qual o corpo certamente é humano, mas entendido como um animal humano” (Butler, 2019, p.232).

Juno relata um espaço vazio muito grande que separa o ser humano e ser um animal, ou um “bicho”, como ele mesmo diz, expresso pelo ato de olhar a outra pessoa, em sua pele, seu corpo, na avaliação do olhar do outro que expõe a vulnerabilidade de sua vida e de seu corpo.

Ninguém e nenhuma outra pessoa vai saber o que Juno sentiu quando ele passou por essa situação, somente ele sabe. Ao traçarmos um caminho para compreender essa realidade cruel sentida por ele, podemos compreendê-la como uma “vida precária”, conforme definido por Butler (2011), a qual é classificada por meio de “um entendimento da condição de precariedade do Outro” (Butler, p.19, 2011). Entender a condição do outro é olhar para a vida que se vive, suas

experiências e marcas, que transitam entre pesos macroestruturais e criações individuais.

Destacam-se os marcadores de gênero, de raça e de classe, que delimitam esses olhares desviados, principalmente os marcadores que, cruzados, expõem a pobreza explicitada, que é algo que acompanha a vida de todas as pessoas que participaram desta pesquisa, e que, na situação de rua, pode chegar a níveis extremos. Ainda assim as “experiências de pessoas que trazem esses marcadores sociais como elementos centrais de experiências de marginalização, tomando a desnaturalização das identidades de gênero e dos corpos” (Melo, 2021, p.16) buscam fazer parte do processo de existir.

A marginalização das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua é um problema estrutural da sociedade, relacionado com a questão social, com processos de precarização da vida, juntamente ao julgamento moral normativo. É possível afirmar que esses atos de existência e inexistência das pessoas nos espaços da rua, exige uma dinâmica de sobrevivência exaustiva para a gerência dos sistemas sociais, notadamente os morais, juntamente à necessária busca de reprodução material de suas vidas.

São os sistemas sociais dentro da dinâmica de marginalização que enquadram essas pessoas nas dinâmicas de vida e nos processos de existir ou não existir em seus cotidianos, demonstrando a “complexidade das relações entre atores e sistemas sociais, mas também a integrar no conceito de modo de vida à diversidade das redes de relações de poder que são, e fazem, a vida cotidiana” (Guerra, 1993, p.66). Como existir é um ato de vida que vai além da compreensão teórica e conceitual, é importante se aproximar do outro em sua humanidade, observar através das chaves e brechas que são mostradas, para compreender que a existência do outro é presente, mas seu reconhecimento (ou não) é fruto de nossos atos individuais e coletivos na vida social.

Ato 2: como existir mostra caminhos para pensarmos os processos de marginalização e precarização da vida que provocam a invisibilidade dos corpos das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua. Existir é um ato, as pessoas em situação de rua passam por esse processo através dos atos de existência e inexistência na rua, o que é ressaltado pelo sofrimento acarretado pelas invisibilidades quando circulam pelas ruas, transformando-se no sentimento de sua não existência.

Segundo Melo (2021, p.10) é “possível pensar formas de enfrentamento à

essas invisibilidades, marginalizações, e conseqüentemente, à negação de direitos e acesso à cidadania”. Para isso os terapeutas ocupacionais no campo social podem estruturar estratégias articulando as possibilidades de tessitura de novas redes sociais de suporte, assim como o fortalecimento das existentes, através do resgate de vínculos já presentes na vida das pessoas ou através da “dinamização da rede de serviços” (Lopes et al., 2014, p.594) de saúde, assistência social e outras áreas que possam estar envolvidas na atenção às pessoas em situação de rua. Com isso, aquilo que é um direito fundamental básico: o ato de existir, apresenta-se como uma demanda de mediação de ações para que ocorra com dignidade. Para isso, terapeutas ocupacionais podem lançar mão da articulação dos serviços em rede para o início de uma abordagem profissional: buscar garantir o direito de existir e ser visto, com dignidade.

3.3 Ato 3: como sobreviver

As pessoas em situação de rua normalmente não têm para onde ir, por isso elas vivem na rua (Juno, junho de 2022)

Como sobreviver ou podemos chamar também de como viver nas ruas.

A estrutura social da vida é complexa e pode ser observada diante de formas diferentes. Aqui foi feita a escolha de análise acerca do conceito das redes sociais de suporte, com base em Castel (1997) e Butler (2019), associado ao conceito de modos de vida de Isabel Guerra (1993).

As redes sociais de suporte são tessituras formadas ao longo da vida das pessoas LGBTQIA+ que vivem em situação de rua e vão se configurando em vários formatos durante a sua vida, como as relações entre as pessoas e grupos, os espaços que vivem e circulam, entre as pessoas e as instituições, “que pode ou não ser acionada em momentos de enfrentamento e dificuldades” (Almeida et al., 2015, p.56). Podemos observar as redes sociais de suporte formais e informais dentro da dinâmica do “sistema e os atores” (Guerra, 1993, p.60). As redes sociais de suporte são formadas por:

Grupo de pessoas, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, profissionais vinculados a uma pessoa ou ao grupo familiar, bem como grupos institucionais (igreja, escola, serviços, entre outros) com os quais se mantém relações diretas e regulares que possibilitam a

sustentabilidade do cotidiano (Almeida, et al. p.57)

As redes sociais de suporte informais e pessoal são compostas através das relações humanas com pessoas que fazem parte do cotidiano de forma mais íntima e presente, como a família, amigas(os), colegas, vizinhas (os) e as redes sociais de suporte informal são serviços institucionais de diferentes setores que prestam assistência e dão suporte profissional para as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua.

Viver na rua é um ato de sobrevivência. Sobre a vivência na rua, encontrei com várias pessoas que expressaram sobre suas vidas. Juno foi uma delas, que eu tive a oportunidade de conviver nos momentos que eu frequentei um dos abrigos provisórios. Conheci o Juno através da Carla, que também era residente do abrigo, e teve um papel importante como mediadora e informante, me apresentando para as pessoas LGBTQIA+ que estavam morando naquela instituição.

Juno é um homem cis que se reconhece e afirma como gay, tem muitas histórias para contar sobre suas experiências na rua, viajou por quase todas as capitais e em muitas cidades do interior do Brasil, sempre como andarilho e, em alguns momentos dormindo e vivendo na rua, assim como em casas de passagens e albergues. Carla é uma mulher transexual e artista, eu tive a oportunidade de conhecê-la em 2016, durante um show do Grupo *Transshow*. Naquele momento eu trabalhava na produção do show e Carla era uma das artistas que se apresentou. Durante a pesquisa foi uma surpresa encontrá-la na casa abrigo, assim como ela também expressou surpresa e contentamento ao me reencontrar, lembrando-se no mesmo instante que havíamos nos conhecido no passado. Rapidamente me contou que estava na função de chefe de cozinha naquela Casa de Passagem. Por este histórico, Carla facilitou os meus processos de entrada e chegada junto com as pessoas residentes do abrigo, sendo conhecida por todos e todas as moradoras. Apesar de sua contribuição, optou por não participar do estudo por meio de uma entrevista, mas sim como mediadora no contato com as pessoas da casa.

Com Juno eu realizei uma entrevista no abrigo, antes do jantar, onde mais tarde eu seria convidado para me juntar com ele e as outras pessoas moradoras para a refeição. A entrevista com Juno teve duração de quase duas horas, em que ele foi tecendo momentos de sua história. Sua história contribuiu para o *ato 2: como existir*, expressando o local de vida que aquelas pessoas estão costumeiramente ocupando,

de não ter para onde ir, sendo a rua o seu espaço possível de sobrevivência. É um lugar social que pode ser temporário, ou não, é também um espaço possível, devido às circunstâncias sociais, por não ter outro lugar. A rua caracteriza-se como o espaço que “sobra” na vida, não como uma opção, mas sim o lugar comum para a sobrevivência.

Hoje em dia a minha vida é muito mais perigosa porque eu não tenho para onde ir, minha mãe morreu. Normalmente eu tinha a casa da minha mãe como referência. Hoje eu vivo na rua, sou como um andarilho e eu não confio em ninguém. (Juno, junho de 2022)

A perda da referência da casa da mãe, representa a figura nuclear da família, espaço de acolhimento e primeiro grupo social que as pessoas vivem. Juno, ao expor a perda dessa referência, após a morte da mãe, expõe também a fragilidade de sua rede social de suporte, implicado no desencadeamento de situações que o levaram para a perda de sua casa e a vida nas ruas. Essa mesma situação, refletida na rede social de suporte nuclear, foi exemplificada de formas diferentes com todos os participantes da pesquisa, demonstrando a centralidade da família para o suporte de vida, seja de forma positiva ou negativa. Trata-se da primeira rede social de suporte, primária e informal, que se tece para a vida.

O rompimento familiar pode se caracterizar como um dos elementos para a exposição à vida nas ruas, levando-os, a ocupar a zona de vulnerabilidade, como descrito por Castel (1997). Para outros, com a fragilidade de outros possíveis suportes sociais, pode ainda conduzir à zona de desfiliação, precarizando vidas já marcadas pela precarização e/ou ausência de trabalho e rompimento total com seu núcleo familiar e com outros apoios constituintes das suas redes sociais de suporte. Muitas vezes aí encontra-se o nó crítico que decorre a ida para as ruas.

Rafa é uma mulher negra de altura mediana, com seu corpo permeado de curvas arredondadas, que, segundo ela: “sou toda feita, olha como eu sou linda, eu sou uma trans, sou mulher”. Estava sempre vestindo roupas coloridas e sensuais, e todos os encontros que tivemos seus cabelos tinham um penteado e cor diferente. Quando falava sobre sua vida, eu percebia que ela ficava sempre com o tom de voz mais baixo e não olhava para mim, ela sentia vergonha e era perceptível pelos seus gestos e olhar que ela já tinha sofrido. Ainda assim, aparentava gostar de conversar sobre suas experiências de vida.

Minha tia é muito boa, é a única pessoa que eu falo da minha família.

Ela foi a mulher que me criou desde os meus três anos de idade, porque a minha mãe me abandonou, ela foi a única pessoa que é minha mãe de verdade, foi ela. Meu pai me criou, mas não foi igual a minha tia que me deu a criação. Não foi a mesma coisa, o mesmo amor, o mesmo carinho. Meu pai sempre me criou, mas sempre me batia, me xingava e dizia várias coisas para mim, mas isso nunca empatou em nada e eu nunca deixei de amar ele. Hoje, pelo amor de deus! Não consigo ficar um minuto sem pensar nele, embora ele fez isso tudo, ele fez para eu aprender e ser a pessoa que eu sou hoje. Eu sinto muita falta dele. Minha família é tudo o que eu tinha. Eu não tenho mais essa ligação que eu tinha com minha tia, que eu sentava com ela e ela comigo, eu bebia com ela, ela fumava comigo e eu fumava com ela, eu não tenho mais aquela ligação e eu não tenho mais nada disso. Eu falo com ela somente pelo celular, para pedir alguma coisa, eu não tenho mais assunto para conversar com ela, eu não posso falar para ela o que eu faço para sobreviver, porque ela não aguenta e isso é muito difícil para mim (Rafa, junho de 2022).

Os relatos de Juno e Rafa demonstram os processos de sofrimento e rompimento com a rede de suporte da família, de forma dolorosa e que marcam suas vidas, impactando em vários setores e tensionando o processo e os modos de vida na rua.

Eu sinto muita vontade de ir até a minha família. Mas eu tenho muito medo de ficar por lá mesmo e acabar morrendo (Rafa, junho de 2022).

O medo de morrer é o sentimento que Rafa descreve quando pensa na volta para casa de sua família. Algumas experiências de pessoas LGBTQIA+ são imersas em conflitos com seus familiares devido à identidade de gênero e às descobertas sobre a sexualidade, podendo resultar em episódios violentos pela LGBTfobia dentro do ambiente familiar, acontecendo o rompimento com elementos da rede social de suporte.

Minha família é muito preconceituosa, eles falam muito que não. Eu estou falando da parte do meu pai, mas eles não são pessoas que apoiam você no que você quer fazer. Daí eu já descarto todas as possibilidades com minha família. Eu nunca tive muita convivência com a família do meu pai, eu tive com a minha mãe, porque eu morei com minha avó. Da família da minha avó tem alguns tios que não falam comigo, eu também não faço questão de falar e minha mãe é uma pessoa que é super de boa, mas só quer a gente não se bate muito bem e a gente briga muito, e ela também não acrescenta muito na minha vida. Para mim é de boa, eles lá e eu cá. (Ana, julho de 2022)

Ana é uma mulher negra jovem muito vaidosa. Em nossos primeiros encontros

no abrigo estava sempre bem arrumada, com cabelos castanhos longos, muita maquiagem e sempre com roupas diferentes, nunca repetia roupa, usava sempre roupas novas das doações do bazar do abrigo. Ao logo dos nossos encontros, nossa relação e o vínculo foram ficando mais fortes, sendo que ela passou a se apresentar mais à vontade, “desmontada”, sem perucas e maquiagem, o que avalei como uma expressão de sua confiança em mim, percebendo que eu estava ali como pesquisador e não para fazer julgamentos sobre suas escolhas e seu processo de feminilidade. Ela sempre se demonstrava muito firme das escolhas que tinha feito na vida, mesmo tendo algumas sido provocadas pela ruptura com suas redes sociais de suporte, como a família, a escola e o trabalho.

Algumas famílias expulsaram as pessoas LGBTQIA+ de casa na infância ou na juventude, sendo que alguns vão para casa de amigos ou amigas e até mesmo de algum familiar próximo, e outros, pela falta de alternativas, vão para as ruas, fruto da marginalização e das dinâmicas de precarização da vida (Butler, 2011, 2019) que provoca o “desligamento” das redes sociais de suporte com os quais até ali contavam (CASTEL, 1997, p.24). Inicialmente acontece um rompimento com a família devido a questão de afirmação de suas identidades de gênero ou de sexualidade. Esse processo de rompimento com a família aconteceu com todos os participantes da pesquisa.

A família que eu fui adotada, tinha muito preconceito por causa disso, eu me sentia muito machucada, eles falavam disso, eles me machucaram muito. Eu gosto muito deles, porque eles me ajudaram muito, mas ao mesmo tempo eles me machucaram muito com essas conversas que tinham nojo e que isso ou aquilo, me machucava muito. Quando tinha almoço, café da manhã, janta eu não falava nada, eu ficava calada, sozinha no meu mundo, falava pouco, porque eu já via como eles eram, imagina se eles soubessem que eu tinha isso, e no final das contas a filha deles teve a mesma coisa que eu tenho, o vírus do HIV, isso me fortaleceu muito também, mas depois dessas experiências eu fui sobreviver na rua sozinha. (Rafa, junho de 2022)

O rompimento com a família gera uma mudança drástica no cotidiano das pessoas LGBTQIA+, modificando a vida e levando para a busca de novas soluções para sobreviver. Sem a rede de suporte familiar, foi na rua que inicialmente Rafa e Juno constituíram suas redes sociais de suporte e de apoio, assim como a rua demonstra as rupturas de suas redes anteriores de sobrevivência. É um processo de sociabilidade frágil e delicado.

Durante as entrevistas surgiram diálogos que falam sobre o ato de sobreviver

na rua e traços dessas experiências que vão marcando os modos de vida na rua.

A hora mais ruim de estar na rua é a hora de dormir, porque tem o frio e a chuva, não existe um lugar bom para dormir, as pessoas colocam para fora e para correr. Ai é ruim! A noite é o pior horário, você se vira e vai de um lugar para outro, pede uma coisa ali e pede uma coisa em outro canto e come (Milly, junho de 2022).

Milly descreve um dos momentos importantes da vida, que é o dormir, onde a noite se torna um desafio para quem vive nas ruas, o lugar que vai dormir, a vulnerabilidade que ela enfrenta ao se expor aos ambientes da rua e não aceitação da ocupação do espaço para circular ou dormir. É o que expressa também Ana:

Então... uma coisa que eu via muito, é que quando a gente vai dormir na rua... a gente tinha que procurar lugar, esse lugar tinha que ser um lugar que caso chovesse, tínhamos que dormir em um ambiente que se chovesse não molhasse.... e a gente dormia. Para dormir na rua a gente tem que dormir com as coisas escondidas, ou debaixo da cabeça ou então agarrado, porque o mesmo pessoal que mora na rua poderia lhe roubar. E as vezes os carros vê a gente dormindo no canto ou passa de moto e faz barulho. Tem pessoas também que tem um lado bom que quando passa e vê a gente ali dormindo, deixa comida, acorda, tem o seu lado bom e seu lado ruim também (Ana, julho de 2022).

Milly é uma mulher negra muito alta, muito maior do que eu. Com cabelos loiros, sempre usando batom com cores quentes em tons avermelhados, suas unhas bem pintadas e longas. Ela tinha algumas marcas fortes na pele, em seu rosto, pernas e braços, eram cicatrizes de quem tinha brigado ou passado por alguma situação de agressão. Ela estava sempre usando *shorts* curto, blusas transparente e sandália de dedo. Quando eu me apresentei e contei de onde eu vinha, ela logo me falou que lembrava de mim, de uma ação de doação de cestas básicas de alimentos não perecíveis realizado pela ACTTRANS. Inicialmente eu não me lembrei dela, mas durante nossos encontros eu fui lembrando que já tínhamos nos encontrado em outros espaços, mas nunca nos aproximado. Essa relação prévia facilitou minha aproximação e estabelecimento de vínculo com ela.

Para Milly e Ana, os processos de rompimento com a família e com as redes sociais de suporte e de apoio também aconteceram cedo na vida, durante a adolescência, interrompendo os estudos e levando-as para a vida nas ruas. Milly relatou, ao longo dos nossos encontros, que havia saído de casa há 12 anos, vivendo nas ruas, sendo que, nesse período da pandemia, pela primeira vez, ela pode ter um sossego para dormir dentro de um abrigo. Com Ana esse movimento também

aconteceu de forma semelhante:

O que é que a gente passa ali naquele momento na rua, é babado! Só quem vive isso sabe (Ana, julho de 2022).

As redes sociais de suportes vão sendo formadas e rompidas através de atos e dos atores sociais, a sociabilidade faz parte das formações dessas redes e os espaços são tecidos pelos sistemas, através de vínculos e trocas em busca de novas formas criativas de viver ou de sobreviver, em busca de afeto ou de alguma necessidade material urgente ou momentânea. Esses atos podem ser considerados como atos de sobrevivência no cotidiano das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua. A criação das redes sociais de suporte é tecida no cotidiano da rua através de pequenos atos de aproximação, decorrentes das necessidades essenciais para vida, como a alimentação. Na situação de rua, a fome é um exemplo de limite extremo na relação entre o viver e o sobreviver.

As pessoas em situação de rua sempre se ajudam, passam fome juntas, sempre que ganham uma doação a gente se divide, se ajuda mesmo porque sabe a situação que o outro está, eu mesmo morava com um amigo meu na rua. (Juno, junho de 2022)

Tais experiências de para o ato de sobreviver na rua possibilitam laços de ajuda para que as pessoas possam seguir o fluxo da vida, resultando, também, no partilhar de momentos felizes e de prazer, alguns desses momentos são vividos de forma grupal, mas sempre estão ligados com o ato de sobreviver, como diz Juno:

A gente também sempre tem outras pessoas juntas, tem muita gente que fala que anda sozinha, mas no fim está sempre junta com outras pessoas, porque a gente se protege em grupo, a gente tenta se proteger ao máximo. (Juno, junho de 2022)

Algumas situações de vida na rua unem as pessoas formando novas configurações de redes sociais de suporte informais. As redes sociais de suporte vão sendo estabelecidas na rua, existe a criação de novos espaços de sociabilidade no cotidiano, nos atos corpo a corpo e através da circulação em diferentes territórios.

Essa transitoriedade entre espaços na rua possibilita uma rede de contatos e acessos informais. Um marcador que se destacou, durante a o ato de chegar junto com as pessoas participantes da pesquisa, foi o de que todas pessoas eram negras, com experiências de vida diferentes, sendo que se aproximavam pela vivência nas ruas e/ou pelas questões de gênero, raça e necessidade social, favorecendo seus

agrupamentos, que proporcionavam a sobrevivência. Tais grupos são aqui entendidos como quilombos urbanos.

Os quilombos urbanos são caracterizados pelo agrupamento de pessoas negras, que, solidariamente, apoiam-se para um mesmo objetivo. Segundo Hengler e Salvador (2004, p. 74): “os quilombos foram muito mais do que esconderijos de escravos, foram a maior forma de protesto, luta e resistência contra o sistema escravista e um espaço onde os(as) negros(as) puderam desenvolver seus costumes e reafirmar sua identidade”. Nessa mesma perspectiva, partindo das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua é quando elas estão em grupo que podem fazer trocas, de objetos e coisas, mas também trocas afetivas, que possibilitam reafirmar suas identidades e existências.

Muitas coisas acontecem com a gente quando estamos na rua. Teve uma vez que eu não tinha nada para comer e estava no centro de Maceió, estava escurecendo, foi quando eu parei na praça e foi chegado uma por uma, as minhas amigas, a gente sempre dorme junta por que é mais seguro, uma delas trouxe um pouco de comida, a outra trouxe mais e assim fui matando a fome, ali mesmo a gente ficou conversando junto até o sono chegar (Ana, junho de 2022)

Situações boas foi porque eu conheci várias pessoas, onde eu chegava cada pessoa me ajudava, cada pessoa me acolhia como amiga, irmã e família. Isso foi muito importante para eu crescer, como até hoje, eu só sou gente por causa da minha tia, por causa dessas amigas que eu conheci na rua e que eu tive até hoje (Rafa, junho de 2022)

Essas vivências podem ser solitárias, ou em pequenos grupos e de forma coletiva, com aproximações e laços de amizade se configurando em formato de rede social de suporte, favorecendo a manutenção e criação da vida. Sua compreensão como quilombos urbanos estende-se pelos afetos desenvolvidos, que possibilitam sobreviver. Em nosso campo, os afetos foram observados quando saímos junto com as equipes do Consultório na rua, principalmente com aquelas que estavam localizadas nas áreas periféricas e marginalizadas da cidade de Maceió, como a região do centro, dos bairros do Jaraguá e Vergel.

Um exemplo, no momento de dormir, na construção de um espaço diferenciado na rua com pedaços de papel, tecidos ou lona, na partilha do alimento, de roupas ou de recursos importantes para sobrevivência. Durante as aproximações e abordagens, algumas das pessoas LGBTQIA+ que estavam em situação de rua, estavam se organizando ou já organizadas para dormir, sempre em pequenos grupos, uma delas

me contou que tinha um namorado ou dava um jeito de arrumar algum parceiro para viver junto, o fato de ter um companheiro era uma boa forma de não está sozinha e também de se proteger na rua, traçando melhor as estratégias para sobreviver na rua. Assim, sempre compartilhando dos mesmos espaços, cantinhos de muro embaixo de marquises de lojas, embaixo da ponte ou de passagens de nível, alguns juntando pedaços de pano e papelões para criar uma cama, caixas de sapato com enchimentos e tecidos enrolados formados travesseiros, tudo feito de forma adaptada com objetivo de criar o mínimo de conforto possível para dormida da noite da rua.

Um outro momento de afeto presenciado foi quando as meninas se juntaram em grupo pra cuidar das unhas das mãos e dos pés e também dos seus cabelos, improvisando um momento de manicure na escadaria de um prédio comercial antigo no centro de Maceió. Ao final estavam todas bem arrumadas, com os cabelos penteados e as unhas pintadas.

Essas aproximações entre as pessoas são feitas por afinidade, ou quando uma se reconhece na mesma situação da outra. Os marcadores de classe social e de raça são fatores que direcionam e diferenciam a relação entre as pessoas vivendo em situação de rua e a sociedade, é o que afirma Oliveira e Martins (2022, p.418) “a intersecção entre raça e classe contribui para a reprodução do fenômeno população em situação de rua” e junto com isso existe o racismo estrutural o racismo estrutural que potencializa os estigmas e os preconceitos vivenciados pela população negra em situação de rua” (Oliveira & Martins, 2022, p.418).

Essas tecnologias do afeto, pequenas ações, microatos do cotidiano que ajudam e facilitam a troca de contato humano nos momentos que necessitam de algo ou que estão reunidas no espaço da rua ou em algum outro espaço. Por vezes é algo muito simples, que tem relação com o autocuidado e com o cuidado em grupo, que reflete diretamente na autoestima de como as pessoas se sentem. Existem outras situações para além do afeto, momentos no processo de sobrevivência provocado pela situação de rua, em que as pessoas precisam fazer escolhas, entre acionar as tecnologias do afeto formando as redes sociais de suporte na rua para ajudar outra pessoa que se encontra na mesma situação ou não.

Destaca-se que a pandemia afetou a dinâmica das redes sociais de suporte na perspectiva coletiva para a vida nas ruas, uma vez que o medo do vírus, da proximidade com o outro, desmobilizou o contato.

Agora na pandemia eu me tornei uma pessoa medrosa, eu tenho

medo, muito medo quando eu estou na rua eu tenho medo, porque as pessoas são capazes de fazer de tudo para sobreviver. E eles não tem nada para perder, eu não tenho nada para perder, é sobrevivência de cada um. Você se depara com uma pessoa negra que acabou de perder a casa e vai morar na rua e não sabe nada, você tem duas opções não fazer nada e ser ruim com ela, que vai ser ruim com o próximo e com o próximo, ou você vai lá e ensina, mas quando você ensina as vezes acaba criando uma pessoa diferente dentro dela, alguns momentos você vai ter que escolher para sobreviver se vai ser você ou ela, então lute pela sua vida (Juno, junho de 2022).

A proximidade com as instituições facilita o acesso a alguns serviços, as pessoas em situação de rua se aproximam dos espaços quando necessitam de alguma demanda específica, como documentação, contato com algum familiar, acesso a serviços de deslocamento interurbano ou intermunicipal. Alguns serviços tem o acesso dificultado em função do processo de marginalização vivido, mesmo daqueles que são direcionados a este grupo.

Se não fosse esse albergue eu estaria em um apartamento, pagando 300 reais, sem comer e sem tomar água, fazendo programa, todos os dias bebendo, eu vim para cá porque eu não aguentava mais tanto isso, todo dia fazer programa e bebendo (bebidas alcoólicas) direto, fazia programa para ganhar 40 ou 50 reais e eu não estava mais aguentando. Aqui é um fortalecimento demais, aqui eu estou conseguindo firmar o que eu quero na minha vida, o que eu quero no meu caminho, eu posso está doida, mas eu sei o que eu quero e o que eu vim fazer aqui, eu sei o propósito que eu vim para cá, o propósito é que eu vim para fazer o curso de maquiagem, eu já sei maquiar, mas eu quero terminar o curso de maquiagem e quero fazer uma faculdade de moda e investir nisso. (Rafa, junho de 2022)

Durante a pandemia não teve nenhuma situação boa! Rua é muito difícil de viver. Hoje eu estou naquela linha mais feliz aqui no abrigo, mais tranquila e segura e tudo que acontece comigo eu estou bem quando eu comparo minha vida em relação época que eu estava na rua. (Ana, junho de 2022)

Safira expõe as impossibilidades que a vida na rua trouxe para ela e que, ao encontrar um abrigo, ela pode ter uma vida menos sofrida e sem os impactos do cotidiano que o viver na rua trazem. Ela relata também sobre os seus desejos de mudança na vida, que foram possíveis pensar devido ao mínimo de conforto ao dormir, ao se alimentar, poder tomar um banho, ofertados pelo espaço do abrigo.

No primeiro dia que eu cheguei aqui, ganhei um concurso de talentos, fui a primeira pessoa que ganhei e fiquei sem acreditar. Eu vim a viagem todinha chorando, o caminho para o abrigo chorando, pensando para onde eu vou, porque eu não sou daqui e não conheço nada daqui, para onde eu vou, o que eu vou fazer da minha vida se

eu não conheço nada daqui. Quando eu cheguei aqui, no mesmo dia que eu me senti completa e feliz comigo mesma, por ter encontrado um lugar e encontrado alguém que realmente se importe comigo, que me dê um canto para dormir e comida. Nesse dia eu me inspirei muito, dancei Beyonce e Pablo Vittar! Eu me joguei no mundo mesmo, como se ninguém estivesse olhando para mim, dancei muito! Eu sei dançar, mas não sei dançar assim, gosto de dançar quando me sinto bem e sinto aquela vontade, e olho à minha volta e não vejo ninguém! Eu danço sem ver quem, eu danço do meu jeito e danço do jeito que eu sou, o jeito que eu aprendi a dançar. (Rafa, junho de 2022)

Com essa dança, Rafa esqueceu por alguns minutos os sofrimentos enfrentados no cotidiano da rua, o espaço do abrigo pôde se tornando um espaço necessário, para expressar seus sentimentos, se relacionar de formas diferentes das vivências violentas enfrentadas na rua. Os abrigos, albergue e casas de passagens são lugares de permanência temporária para a sobrevivência e possível criação de novas rotinas para o cotidiano, possibilitando que as pessoas possam voltar a sonhar e ter novos desejos na vida, para além do sofrimento e situações expostas na vivência da rua.

Ao mesmo tempo que as instituições acolhem, possibilitam a criação e fortalecimento de novos vínculos e redes sociais de suporte, elas também colocam as pessoas em situações adversas podendo fragilizar ainda mais aquelas que já estão passando por um processo de rompimento com espaços institucionais e com suas redes sociais de suporte, é o que expõe Juno:

Uma vez eu cheguei em uma instituição a parte de qualquer outra no mundo, eu nunca vi algo daquele tipo e eu nunca vou entender o atendimento que eu tive lá, eles só ofereciam uma torneira no chão para tomar banho e lavar roupa, é que nem a praça Sinimbu aqui em Maceió, não tinha mais nada, tudo era complicado e demorava muito. Não tinha onde dormir, não tinha nenhum tipo de assistência durante a pandemia. Lá tinha um assistente social, que foi uma das piores experiências que tive, ele não olhava para mim, ele só falava não para tudo que eu perguntava e ele não olhou em nenhum momento para mim. Não tem, não tem como, não vou conseguir te ajudar, não tem como! Tá bom? mais próximo? Porque ele não tinha o que fazer, acho que era uma questão tipo... moço você estudou faculdade por EAD? Você não.... eu falei isso no final mesmo, olhando para ele... você tirou sua graduação por EAD, foi assim que você conseguiu o seu diploma? ... não era normal, ele nem olhou pra mim! Ele simplesmente falou não para tudo, que não tinha nada para mim e literalmente que não era para eu estar lá. (Juno, junho de 2022)

Esse processo de funcionamento ou falta de assistência que Juno vivenciou em uma instituição pública localizada em uma cidade no interior do estado da Bahia,

é descrito por Monzeli et al. (2015, p.460) como uma “maneira seletiva, construindo cotidianamente fronteiras que mostram quem pode ser aceito e quem não pode fazer parte desse enquadramento, ou melhor, quem deve se inserir nesse sistema de forma marginal”. Avelar e Malfitano (2022, p.2) também apontam que as redes sociais de suporte “podem produzir controle da vida, especialmente dos pobres, demonstrando ambivalências em suas tessituras e ações”, ressaltando também que as instituições podem acabar escolhendo ou selecionando as pessoas que podem ou não ter direito de acesso aos serviços, como no caso de Juno. As instituições, que se constituem como pontos das redes sociais de suporte dos sujeitos, deveriam facilitar e promover o acolhimento e acesso aos serviços, porém, por vezes, se tornam parte dos mecanismos de marginalização e precarização das vidas das pessoas em situação de rua.

Compreender como acontecem as dinâmicas das redes sociais de suporte das pessoas LGBTQIA+ que estão em situação de rua abre um caminho para a formulação de estratégias de como chegar junto e promover ações profissionais que visem facilitar os processos de sobreviver e de viver. O que está demonstrado pelo ato de *como sobreviver*, que ressalta que alguns neste contexto social vivenciam de forma mais intensa os processos de marginalização e precarização da vida. Na vida destas pessoas, as rupturas com as redes sociais de suporte têm início muito cedo, como com a família que, ao mesmo tempo que poderia produzir sustentação socioemocional e segurança, no caso destas pessoas LGBTQIA+ produziu violências. A saída de casa provoca deslocamentos na vida e a mudança do cotidiano.

É justamente nas dinâmicas do cotidiano que a terapia ocupacional social tem seu campo de ação, direcionado seus esforços para o fortalecimento e fomento da produção de redes sociais de suporte. Para tanto, “é necessário que haja uma mudança de paradigmas, revisão de metodologias e abordagens, que reconheçam o campo social enquanto um complexo escopo que demanda a articulação de trabalhos” (Malfitano, 2005, p.6).

Na rua são várias formas de viver, algumas pessoas vivem de forma solitária e outras buscam estar juntas de outras como forma de sobreviver, o que pode ser compreendido como uma tecnologia do afeto para a manutenção do bem-estar dentro de uma situação precária instalada.

Outro aspecto intrinsecamente relacionado à sobrevivência é a questão racial. Todas as pessoas que participaram da pesquisa eram negras e se agrupavam

formando quilombos urbanos, ou seja, pequenas comunidades negras de pessoas em processo de ruptura com suas redes sociais de suporte, apoiando-se como forma de suporte informal para a vida.

Segundo Monzeli (2022, p.10) “não é possível pensar e produzir ações que não considerem os marcadores sociais de raça, classe social, geração, regionalidade, religiosidade”. Portanto, qualquer intervenção técnica, especialmente em terapia ocupacional social, deve ser pautada sobre a questão dos marcadores sociais da diferença, da vivência das violências e das articulações e apoios necessários para a sobrevivência.

3.4 Ato 4: sobre viver na Pandemia

A pandemia trouxe muitas pessoas para rua. Essas pessoas aprenderam a fazer muitas coisas na rua, sejam coisas boas ou ruins para sobreviver. (Juno, junho de 2022)

A dualidade é uma dinâmica que marca o percurso de sobrevivência de algumas pessoas que passam pela situação de rua. Existe um processo entre o viver e o sobreviver, que se articulam com o cotidiano da realidade daquelas pessoas. Durante a pandemia essas realidades ficaram acentuadas para quem estava na rua como espaço de vida e cotidiano, é o que afirma Juno, logo em seguida quando eu perguntei como está sendo viver na pandemia. Ele me respondeu que:

A gente que vive na rua, nós estamos sobrevivendo muito antes da pandemia, muitas pessoas não tem noção disso, mas tem pessoas que não tem o corpo forte, tem pessoas que não tem a mentalidade forte, pessoas que passaram por vivências tão difíceis na vida, que fode a mente da pessoa, que ela prefere simplesmente ficar quieta, elas preferem ficar paradas, foi isso que aconteceu comigo na pandemia, eu fiquei paralisado, a gente passa por coisa que não são imagináveis. (Juno, junho de 2022)

Os modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua mudaram durante a pandemia, mas Juno afirma que, antes mesmo dessas situações, as pessoas já enfrentavam esses problemas e dificuldades relacionados com o viver e sobreviver na rua, antes mesmo de viver na rua as pessoas já enfrentavam problemas estruturais, como a questão da pobreza.

A pandemia avançou rapidamente e os problemas foram se somando, seja

provocado pelo medo de morrer ou pelas mudanças sociais de forma coletiva que direcionaram suas vidas para o enfrentamento do cotidiano de outras formas, para sobreviver a pandemia.

A pandemia levou as pessoas a irem mais para as ruas, lotou as ruas, quem não tinha envolvimento com drogas, quem não tinha envolvimento com bebidas e simplesmente passando necessidades, simplesmente a pandemia juntou todas essas pessoas e fez um BOOM! As pessoas foram se encontrando e se conhecendo, foi uma questão de oportunidade, de estar ali na rua e ver as vivências das pessoas e você aprende a viver na rua, você aprende a sobreviver. Você pode olhar e aprender as coisas certas ou erradas, depende da pessoa que você vai encontrar do seu lado. Não existe ninguém na rua que não fez alguma coisa errada quando estão vivendo na rua, cada pessoa dá um jeito de fazer seu corre, porque cada uma vai tá lutando pelos seus ideais e eu vou estarei lutando pelos meus. A questão da sobrevivência na rua é muito complicada, além do vírus que mata as pessoas, você não pode falar nada de errado do que as pessoas fazem, você pode estar jurado de morte pelas coisas que você fala e faz. (Joan, junho de 2022)

Joan foi uma pessoa que conheci através da equipe do Consultório na rua, durante as primeiras idas ao campo. Ele me contou que vivia muitos anos na situação de rua, não sabia nem contar quanto tempo fazia, e que toda sua família estava naquela mesma situação. As profissionais da equipe sempre me falavam que tinham “uma pessoa que eu deveria conhecer”, ao se referir a ele e sua passagem constante pelo serviço. Foram três idas ao campo e não conseguimos encontrá-lo, até que, no quarto momento, nos encontramos com ele perto de uma das poucas barracas de lona, papelão e madeira que estavam próximas à uma lagoa.

Em nosso primeiro encontro ele veio logo abraçando todos da equipe e a mim também. Inicialmente ele olhou para todos e percebeu que usávamos máscaras, pedindo uma para que pudesse usar também, foi quando a técnica de enfermagem da equipe lhe entregou cinco, perguntando se ele gostaria de passar álcool em gel nas mãos, ficando feliz e aceitando na mesma hora, passando em suas mãos, braços, antebraços até passou um pouco no pescoço e pediu um pouco mais para passar nas pernas, parecia que ele estava tomando um banho.

Percebi em seu rosto uma feição de dor, acho que o álcool tocou em uma de suas feridas da pele e ardeu um pouco, mas que logo sorriu e voltou às conversas. Ele perguntou logo quem eu era, se era novo profissional na equipe, foi quando me apresentei falando qual seria meu objetivo junto com a equipe. Ele se demonstrou muito interessado, dizendo, antes mesmo de eu terminar: “eu quero muito fazer isso

sobre a pandemia que você está me falando” (Joan, junho de 2022). Posteriormente, aprofundou seu relato sobre suas impressões de tudo que estava acompanhando nas ruas naquele momento.

Os problemas e as dificuldades na rua são muitos, Joan descreve sobre os enfrentamentos do cotidiano e os “corres” que precisa fazer para sobreviver. Para além dessas complexidades sobre o viver e de sobrevivência, como a questão da fome e morte, a questão da dificuldade de acesso aos serviços que as pessoas já vinham enfrentando se intensificaram junto com o crescimento de casos de COVID-19. Na medida que a pandemia foi se alastrando e as medidas sanitárias foram sendo criadas, as pessoas em situação de rua foram sentindo o impacto dos problemas sociais ocasionados pelo aumento do vírus em escala mundial e com efeitos direto em suas vidas.

Agora na pandemia eu vi muitas notícias ruins nos jornais, muitas pessoas também perto de mim reclamando as mortes, mas a pior coisa foi quando eu comecei a saber das pessoas que eu conhecia, foi quando soube que elas estavam morrendo, eu fiquei espantada e com muito medo, aconteceram muitas coisas terríveis agora durante a pandemia. (Milly, junho de 2022)

Eu vivenciei muitas mortes agora por causa desse vírus, graças a deus que acho que se eu peguei a COVID-19 eu peguei bem fraquinho e foi logo no começo. Mas eu não perdi ninguém próximo da minha família, mas eu tenho muito medo de tudo isso que acontece. (Joan, junho de 2022)

O medo de morrer e perder as pessoas conhecidas para o vírus, foram sentimentos expressados pelas pessoas durante a pesquisa, para Brito (2021, p.5) “sentimentos a partir da experiência de viver na rua foram de solidão, tristeza, medo, desgosto e desconfiança” e também “o medo de morrer, seja por violência, descontinuidade do tratamento de saúde ou uso de drogas, faz parte da vida da população em situação de rua” durante a pandemia, como também as dificuldades encontradas para sobreviver, a dinâmica e a sensação de mudança provocada pela pandemia também foi algo repetido durante as aproximações no campo de pesquisa:

Muita coisa mudou a pandemia, ficou mais difícil estar na rua viu, muito, muito, muito difícil sobreviver (Rafa, junho de 2022)

A minha vida deu uma reviravolta durante a pandemia, tudo piorou (Ana, junho de 2022)

Eu não sabia nem o que fazer, foi quando a pandemia chegou e tudo

ficou muito pior, foi um terror, quase o fim do mundo! (Milly, junho de 2022)

Algumas pessoas enfrentaram a pandemia através de estratégias para sobreviver, como o acesso ao auxílio emergencial⁴, pago pelo governo federal, a ida para casa de acolhimentos ou abrigos para pessoas em situação de rua. Segundo Brito (2021, p.4) “frequentemente a população em situação de rua faz referência aos benefícios sociais como não sendo fácil de consegui-los ou o valor ser insuficiente para sair das ruas”.

Mudou muitas coisas, antes da pandemia, para começar eu fui morar com meus pais, depois eu saí da casa dele e fui morar sozinha e aconteceram muitos problemas na minha vida, em 2019, foi logo no início da pandemia. Eu recebia o auxílio, foi quando eu saí da casa dele, eu recebi logo no começo da pandemia e eu gastei com besteira, mas como eu estava passando por situações constrangedoras eu decidi juntar dinheiro, eu também estava trabalhando, juntei esse dinheiro e saí da casa dele. Durante a pandemia eu perdi tudo, perdi o emprego e parei de receber o auxílio, foi um desastre total, eu tive que viver na rua. (Ana, junho de 2022)

A prostituição também foi uma estratégia que viabilizou a sobrevivência de algumas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, de alguns homens gays, mulheres transexuais e travestis.

Muita coisa mudou na pandemia, depois que eu conheci o abrigo do frei eu consegui minha bolsa família, porque eu não tinha renda nenhuma, não ganhava dinheiro nenhum, não tinha nem 10 centavos para comprar um barbeador, não tinha 10 centavos para comprar um sabonete ou um desodorante, eu vivia fedorenta, só não vivia muito tempo fedorenta porque eu iria atrás pra fazer um programa de 10, 15, 20, 30 reais, eu sempre fazia, mas não era a mesma coisa de você todo mês ter 400 reais e você poder comprar suas coisas certinhas e todo mês você tendo, depois que eu vim para cá, consegui fazer tudo que eu estou fazendo, criei o ID jovem para viajar, bolsa família e meus documentos. Depois que eu vim para cá mudou tudo. (Rafa, junho de 2022)

No momento eu não faço mais programa, e estou esperando o auxílio sair, a riqueza do pobre é uma casa própria, eu tenho isso comigo mesmo não tendo uma casa para morar, a riqueza do pobre é a casa própria, ter o meu cantinho, dormir até a hora que eu quero, ficar deitada lá na cama assistindo o que eu quero, minha cama arrumada, tudo direitinho como eu tinha como era antes. (Milly, junho de 2022)

⁴ Programa de auxílio de renda mínima para pessoas em situação de vulnerabilidade durante a pandemia de COVID-19, pago de forma emergencial pelo governo federal brasileiro.

A pandemia ampliou os riscos já enfrentados pelas pessoas em situação de rua no Brasil, alguns fatores expostos aqui por Rafa e Milly, como aumento do custo da vida e impacto da renda ou a falta dela que são provocados pelas:

Desigualdades e injustiças sociais, a crise econômica e política foi agravada pela crise sanitária e pelo descaso do Estado, acentuando os níveis de desigualdade e miserabilidade social. Ou seja, a pandemia aprofundou as injustiças inerentes à sociedade capitalista e atingiu desigualmente a população pelas suas condições de classe, raça e gênero (Santos & Sarreta, 2022, p. 367)

Diante da conjuntura da pandemia enfrentada pela população brasileira, aqui em específico as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, é possível compreender os traços de discussão desse *ato 4: sobre viver na pandemia*. Em busca de respostas sobre como as pessoas viveram durante a pandemia, é possível encontrar alguns apontamentos nos relatos sobre o cotidiano que aquelas pessoas enfrentaram.

A falta de emprego provoca impacto direto na vida das pessoas, como o desencadeamento de várias situações, talvez a mais extrema seja a ida para a rua. Quando os processos que marcam as vidas dessas pessoas se unem, com a questão de classe social, gênero e raça, a situação de precariedade se intensificam na situação de rua dificultando o viver, os acessos de coisas importantes para sobrevivência.

Tem dias que é muito difícil, a pessoa não tem um real, não tem uma moeda no bolso. Eu já tentei de toda forma arrumar um emprego, mas é muito difícil aqui em Maceió, ninguém dá emprego para viado ou travesti, as empresas não querem a gente. (Rafa, junho de 2022)

Quando começou a pandemia, eu comecei a receber o auxílio, aí eu sai das ruas, aluguei uma casa e fui morar com meu marido, ele também recebia o auxílio. Chegou uma hora que tudo aumentou e eu tive que voltar para rua, e foi na rua que fiquei sabendo sobre um abrigo, foi quando eu sai da rua e vim para cá. (Milly, junho de 2022)

Depois da pandemia minha vida ficou pior, porque aumentou tudo, a comida ficou muito cara, tudo ficou caro. Ficou mais difícil, o dinheiro é pouco e tudo é caro, ficou difícil comer para sobreviver. (Milly, junho de 2022)

A questão do desemprego causa um impacto na renda das pessoas e pode ser apontada como um dos problemas que as levam para rua, as pessoas LGBTQIA+ nessa situação não chegam nem a ter um emprego formal no mercado de trabalho.

Eu nunca tive carteira assinada na vida, as vezes que eu tentei buscar emprego ou trabalhar sempre me deparei com o não das pessoas, é muito difícil pra gente que é travesti trabalhar, a única coisa que resta as vezes é ir para pista de noite se prostituir, mesmo assim está muito difícil sobreviver se prostituindo. (Rafa, junho de 2022).

Agora na pandemia foi muita correia, sem ter para onde ir, todos os lugares fechados para comprar as coisas e bem dizer faltando as coisas e a pessoa sem emprego, faltando isso e faltando aquilo, mas graças a deus, passavam várias pessoas por aqui na rua... passava carros e mais carros dando feira, algumas pessoas da igreja também passavam dando almoço para nós. (Joan, julho de 2022)

Com a falta de emprego e sem renda, as pessoas ficam sem ter como pagar um lugar para morar e também sem dinheiro para alimentação, chegando a não ter lugar para morar e passando fome. Para quem vive na rua “a fome é suavizada por comerciantes, entidades religiosas, serviços de saúde e pessoas do bairro” (Brito, 2021, p.5). Com os decretos da quarentena, que ocasionaram a diminuição da circulação das pessoas pela cidade, o fechamento de regiões de comércio ou sua redução, prejudicou o acesso daquelas pessoas a estratégias que proviam o acesso a algumas das necessidades básicas, como alimentação, também provocando o medo, solidão e desamparo (Brito, 2021).

A pandemia da COVID-19 provocou mudanças na forma que as pessoas vivem suas vidas, e também nos modos de vida que estão diretamente relacionados com o sistema e os atores sociais (Guerra, 1993), afetando o jeito de viver a vida dentro de uma perspectiva individual e pactuada estruturalmente de forma coletiva.

Junto com as mudanças nos modos de vida das pessoas, também aconteceu a prática da necropolítica, que são “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (Mbembe, 2016, p.71), formas de poder que, segundo Aquille Mbembe (2016, p. 5) determina “quem pode viver e quem deve morrer”. Fazendo uma aproximação teórica de Aquille Mbembe e o contexto da pandemia no Brasil:

fica explícito que o Estado, na figura da atual gestão federal, na guerra contra o vírus, realizou uma escolha política pela morte das populações mais vulnerabilizadas, quando se posicionou de modo contrário ao isolamento social, ao uso de máscara, à ciência e à vacina. (Santos & Sarreta, 2022, p. 377)

As escolhas políticas da gestão federal do Brasil durante a fase mais crônica da pandemia, junto com as dinâmicas mundiais do capitalismo, somam forças contra as populações marginalizadas, intensificando a falta de oportunidade de emprego,

fechamento de alguns espaços públicos e privados, restrição de circulação nos espaços da rua, falta de doações, falta de acesso às informações adequadas para proteção e manutenção da sobrevivência. Tais fatores, relacionados com a estrutura social do sistema, que produz diferenças, expõem a situações de vulnerabilidade e de marginalização, que já existiam como obstáculos para essa população e que durante a pandemia impossibilitaram de estar e viver na rua. Porém, em meio ao caos pandêmico, surgiram possibilidades para sobrevivência, por exemplo o surgimento temporário de casas de passagem e abrigos, os auxílios financeiros do governo, o surgimento da vacina, se articulando com as estratégias criadas pelas pessoas favorecendo a sobrevivência e novas formas de viver a vida.

O ato 4: sobre viver na pandemia demonstra os impactos da realidade social enfrentada pelas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua durante a pandemia e também antes dela. As pessoas que participaram desta pesquisa, antes de se encontrarem em situação de rua, já enfrentavam problemas financeiros relacionadas com a dificuldade em arrumar emprego e de ter uma renda estável, que foram intensificados com a pandemia, expondo de forma mais crua a marginalidade na vida dessas pessoas.

Segundo Barros et al. (2002, p.101) “a luta contra a exclusão implica luta contra a desregulamentação do trabalho e pela distribuição da riqueza; sem negligenciar o fato de que as ações precisam estar inseridas num processo político consciente”. Com isso, as ações da terapia ocupacional devem articular “os diferentes setores e níveis de intervenção, facilitando a efetividade e o direcionamento das estratégias” (Lopes et al., 2014, p.598) para promover ações para lidar com os impactos sociais causados pela pandemia, nas perspectivas micro e macrossociais das realidades de cada sujeito.

3.5 Ato 5: Tempo para sonhar

“Sonho meu
Com a sua liberdade
Sonho meu
No meu céu a estrela guia se perdeu
A madrugada só me traz
Melancolia, sonho meu”

(Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho, 1978)⁵

Os sonhos foram banhados
nas águas da miséria
e derreteram-se.

Os sonhos foram moldados
a ferro e a fogo
e tomaram a forma do nada.

Os sonhos foram e foram.

Mas crianças com bocas de fome
ávidas, ressuscitaram a vida
brincando anzóis nas correntezas
profundas.

E os sonhos, submersos e
disformes
avolumaram-se engrandecidos
anelando-se uns aos outros
pulsaram como sangue-raiz
nas veias ressecadas
de um novo mundo.

(Conceição Evaristo, 1990)

Os sonhos são histórias de vidas contadas e letras de músicas cantadas, são poesias, fazem parte da história da humanidade e se constituem como elementos importantes na vida das pessoas. São objetos de estudos de diferentes ciências. Só é possível estudar os sonhos porque as pessoas existem e elas sonham.

A palavra sonho vem do latim *somnium* e segundo Sidarta Ribeiro (2019, p.22) “significa muitas coisas diferentes, todas vivenciadas durante a vigília e não durante o sono”, ou seja, o ato de sonhar é decorrente das experiências diversas vivenciadas pelas pessoas quando não estão dormindo, ou será que elas sonham somente quando estão dormindo, ou será possível sonhar acordado?

Sara é uma mulher jovem transexual negra, com o corpo longilíneo, magro, sempre posicionando as mãos de forma lenta e delicada ao se expressar. Desde os nossos primeiros contatos ela se mostrou pouco comunicativa. Eu a conheci no CAERR, nossa proximidade foi acontecendo principalmente nos momentos de

⁵ Segundo Itaú Cultural (2022) “Sonho Meu” é uma canção composta por Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho e foi gravada pela primeira vez no mesmo ano de sua composição em 1978, como um samba por Maria Bethânia e Gal Costa. É uma música que compôs parte do imaginário popular dos brasileiros.

refeição da casa de acolhimento, quando eu era convidado para me juntar com os moradores. Os momentos de compartilhar as refeições propiciavam diálogos, silêncios, aproximações e afastamentos entre os moradores da casa e eu. Durante a entrevista com Sara, ela me contou “Eu não tenho tempo para sonhar” (Sara, julho de 2022), sua declaração me chamou muito atenção: “tempo para sonhar”.

Paulo Freire em seu livro *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, escreveu: “é impossível viver sem sonhos” (Freire, 2021a, p. 49). Essa frase vinha acompanhada com muitas outras formando um texto intitulado: “IMPOSSÍVEL EXISTIR SEM SONHOS*^o”. Esse título, assim mesmo com as palavras escritas todas em letras maiúsculas e com um asterisco ao final indicando uma nota de rodapé: “Esse texto foi originalmente publicado na Austrália, com o título *Contribuir para a história e revelar a opressão*” (Freire, 2021a, p.49).

De alguma forma eu percebi que Sara contribuiu para pensar a história desse ato, eu juntei todas as palavras e fui entendendo e interpretando as coisas na minha cabeça. Foi quando decidi atribuir ao ato 5 a frase de Sara: *tempo para sonhar*, que inicialmente eu chamava de “sem tempo para sonhar”, assim como Sara me contou.

Eu não tenho tempo para sonhar, eu tenho que sobreviver (Sara, julho de 2022).

Sara não foi a única a abordar este ponto, fui percebendo que, durante o ato de chegar junto das pessoas, elas também me falavam quase a mesma coisa que Sara, quando eu perguntava sobre seus sonhos, elas pensavam e falavam sobre o tempo para sonhar. Conforme anotações do diário de campo: “Eu não consigo me lembrar agora” (Joan, julho de 2022), “Sonhos é uma coisa que eu não consigo ter” (Milly, junho de 2022), “Não é uma coisa que eu me vejo tendo” (Milly, junho de 2022), “Eu não tenho tempo para ter sonhos” (Sara, junho de 2022).

Sara destacava-se pela forma de se vestir, com saias longas e *tops*, ou blusinhas curtas, seus cabelos afro, sempre com o penteado *Black*, com os cachos bem abertos, ou com tranças longas, que mais tarde ela me relatou que haviam sido trançadas por sua mãe em uma de suas visitas a ela. Sara foi a única moradora da casa que conheci que recebia visitas da mãe, assim como a visitava em sua casa.

Era muito difícil imaginar eu saindo de casa, foi quando um dia eu briguei com minha mãe e eu tive a coragem que eu estava querendo ter a meses, foi quando eu vim para cá (Sara, julho de 2022).

Em outro momento, fui convidado para conhecer seu quarto na casa de acolhimento, era um quarto pequeno, com uma janela no meio da parede, com pé direito alto, uma janela que permitia uma boa entrada de luz, mas com pouca ventilação, onde as moradoras da casa sempre se queixavam da falta de ventilação e do problema de umidade nas paredes. Em meio às manchas de mofo na parede do lado da cama, havia vários desenhos que ela mesma tinha feito. Ela dormia na cama de cima, em um beliche de madeira, sendo que pude encostar na cama de baixo e ela me ofereceu sua almofada para eu me aconchegar mais à vontade. Nossas conversas foram voltadas para diálogos sobre seus desejos, arte, cultura, incluindo o teatro.

Ela sempre se mostrou mais atenta quando as conversas giravam em torno dessas temáticas. Depois de mais de dois meses frequentando a casa, a presença de Sara foi se fazendo mais presente comigo, ela foi se mostrando mais animada, foi quando eu perguntei se teria interesse de fazer algum curso. Ela logo me falou sobre o teatro, mas os desejos sempre entravam em choque com a família, no processo de aceitação por ela ter se afirmado como mulher transexual.

Sara demonstra que os sonhos não cabem em seu cotidiano, pois o limite da sobrevivência impõe tarefas diárias por vezes incompatíveis com o sonhar. Ao mesmo tempo, Sara, através de seus atos e poucas palavras, demonstra que, mesmo por trás dos rompimentos que a vida impôs, ainda existem muitos sonhos e desejos, impedidos pelo ato de sobreviver.

Através da ótica dos modos de vidas podemos compreender os sonhos e desejos atrelados ao “imaginário social”, descrito por Isabel Guerra (1993).

A atual introdução da dimensão do imaginário social no entendimento da vida cotidiana só é possível porque a análise dos modos de vida rompe com as "determinações" estruturais e introduz o ator como "produtor" do seu próprio destino e como participante de um devir coletivo. (Guerra, 1993, P.66)

Depois desse meu contato com Sara, eu fiquei mais atento ao percurso do campo de pesquisa, com o ato de chegar junto, observando a sobrevivência que as pessoas me contavam ou expressavam e também na visualização de outras perspectivas, para além do que estava explicitado. Em muitos momentos, o imaginário, os sonhos e os desejos tomavam conta das narrativas nas entrevistas.

Segundo Isabel Guerra (1993, p.67) “o imaginário é, assim, qualquer

coisa que se inventa, quer se trate de uma invenção absoluta ou de uma deslocação dos sentidos que são reinvestidos de outras significações”. Descreve, também, a importância da dimensão dos imaginários sociais na análise dos modos de vida, sendo refletida e numerada sobre quatro óticas:

a) uma tomada de posição efetiva sobre a realidade; b) uma tensão que permite descolar do "real" para a procura do amanhã (a realização do seu próprio desejo); c) o conflito potencial entre as "práticas" e as "representações do mundo" e o mundo em si mesmo para a definição de um "novo mundo"; d) a "energia" disponível para a concretização de outros (novos) projetos individuais ou coletivos” (Guerra, 1993, p.67).

Quando eu perguntava para as pessoas sobre seus sonhos, surgiram muitos questionamentos e alguns momentos de silêncio, como se fosse tirar algo do fundo da memória, algo que não era pensado muito ou estava esquecido. Surgiram alguns relatos com experiências de vida que se aproximavam sobre sonhos.

Segundo Ribeiro (2019, p.22) “todas as pessoas têm um sonho, no sentido de plano futuro. Todas desejam algo que não têm”. Fui percebendo, que seus sonhos estavam sempre relacionados com algo que elas não conseguiam ter na vida ou, em outro ponto, sobre sonhos que elas tinham quando criança e carregavam consigo ao longo da vida.

Desde pequenininha eu tinha isso e agora eu acho que eu estou conseguindo. Eu estou querendo chegar lá aos poucos, estou caminhando aos poucos e estou quase lá. Se você me perguntar se eu quero trabalhar em alguma coisa, eu ainda estou muito perdida nessa situação e estou me encontrando ao meu lado, e o que eu mais quero é isso mesmo, é ser artista. (Ana, junho de 2022)

Os sonhos estão relacionados diretamente com “ser” ou “ter” algo na vida e também com os desejos e vontades de realizar, os sonhos são orientações do cotidiano e estão relacionados direto com o nosso “modo de vida” (Krenak, 2020, p.39), em algum momento, o sonho, ou o desejo pode ser relacionado com a esperança e estar muito próximo de ser realizado. Como expressa Ana, quando diz que, desde a infância, vem trilhando o sonho de ser cantora, o que agora ela está conseguindo realizar.

Juno também aborda os sonhos da infância e são trazidos durante a vida:

Meu sonho é ser neurocirurgião, eu também tenho o sonho de ser assistente social, na verdade esses não são mais os meus sonhos, acho que tudo o que eu vivi se transformou em outras coisas, esse

sonho de neurocirurgião é desde de criança, foi durante toda minha vida. (Juno, junho de 2022)

Para Ana e Juno, os sonhos são relacionados com o desejo de ter um emprego, na construção ou realização de uma carreira profissional, o que levou ambos para um momento confuso durante as entrevistas. É importante ressaltar que aquelas pessoas ocuparam, em suas histórias, condições subalternas de trabalho, como “classe trabalhadora superprecarizada” (Santos & Sarreta, 2022, p. 381).

A questão da empregabilidade é algo que socialmente é imposta para viver na sociedade capitalista, o emprego é forma legal de acesso ao dinheiro para fazer parte das trocas sociais. Porém, tal realidade não compõe o cotidiano das pessoas em situação de rua.

Isso foi se quebrando até eu não conseguir mais entrar em uma faculdade e falar que isso não vai mais se realizar em minha vida, até eu desistir. Hoje em dia eu não tenho mais vontade, chegou um ponto que eu desisti de um sonho que eu tinha e mudou totalmente meus sonhos. São muitas coisas que mudam a vida da gente, são coisas que a gente nem imagina, tem vezes que a gente desiste até de viver. (Juno, junho de 2022)

A realidades sociais encontradas na rua, junto com o imaginário social, provocou em Juno “uma tensão que permite descolar do real para a procura do amanhã” (Guerra, 1993, p.67). O relato das mudanças dos sonhos é provocado pelas situações que ele enfrentou na vida, direcionaram as suas possibilidades para construção de novos imaginários sociais diante de sua sobrevivência, assim, os sonhos estão relacionados diretamente com os modos de vida possíveis e os desejos são direcionados e estão relacionados com as formas criativas de enfrentar os problemas da vida. Sendo assim o “objetivo e o subjetivo na percepção do real” (Guerra, 1993, p.60) é um processo importante na compreensão dos modos de vida e na percepção dos sonhos das pessoas LGBTQIA+ em situação da rua.

A subjetividade e objetividade do outro desenharam a discussão do *ato:5: tempo para sonhar*. Para Freire (2021b, p.35) “o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade”, dentro de uma articulação na unidade dialética que “gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la” (Freire, 2011b, p.35). É o que Milly me exemplifica em nossa conversa quando eu pergunto sobre o seu sonho:

Meu sonho é ter uma casa própria e viver bem! Não faltar nada para eu comer e viver bem. Não faltar dinheiro para comprar as coisas que eu gosto, não faltar dinheiro para meu armário e geladeira está sempre cheia, para eu comer o que quiser. Esse é meu único sonho (Milly, junho de 2022)

A questão socioeconômica, duramente vivida na falta de dinheiro para a reprodução material mínima da vida, é uma realidade limitadora dos atos na vida das pessoas em situação de rua, provocando vários impedimentos, como o ato extremo de não comer e enfraquecer o corpo, deixando os pensamentos fracos, a pessoa sem força para agir e pensar, imaginar e sonhar. Segundo Ribeiro (2019):

quem sobrevive à margem do bem-estar, para quem teme de verdade dia e noite pela própria vida, para milhões de pessoas que não sabem se amanhã terão o que comer, vestir ou onde dormir, sonhar é cotidianamente lancinante. Na vida do sobrevivente de guerra, do presidiário ou do mendigo, o sonho é um tobogã de afetos em tons gritantes de vida e morte, prazer e dor nos extremos desejosos. (Ribeiro, 2019, p.22)

Ao mesmo tempo que a realidade da pobreza deflagra a precariedade da vida e tem grandes impactos nas formas de sonhar das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, existem momentos possíveis na vida que vão além da vulnerabilidade, momentos de sonhar, talvez o ato de sonhar acordado e vivendo as realidades encontradas no cotidiano. São nesses momentos que o ato de viver pulsa junto com os sonhos, sonhar é pensar que está livre, sonhar também é viver pensando o que a mente quiser pensar. Sonhar é um ato importante para viver.

Eu prefiro ser sozinha, livre e poder curtir os momentos que eu tenho de vida, eu não sei o dia que eu vou morrer. Eu tenho que aproveitar todos os momentos, com quem for e com quem seja, eu tenho que aproveitar todos os segundos e qualquer minuto porque para mim é diferente, é muito importante viver. (Rafa, junho de 2022)

Rafa aborda sua preferência em viver sozinha, que está relacionado com a sua saída de casa e a vida na rua, e também está relacionada com a solidão das pessoas que vivem em situação de rua.

Pode-se descobrir que as pessoas não moram nas ruas por que querem. Ou ainda, elas podem perceber que realmente querem ficar nas ruas, mas então passam a engajar-se em outro questionamento, procurando descobrir por que querem as coisas assim, buscando as origens de tal desejo. Nesse tipo de busca, de procura por razões, preparamo-nos, e aos outros, para superar uma compreensão

fatalista de nossas situações, de nossos contextos. Superar um entendimento fatalista da história necessariamente significa descobrir o papel da consciência, da subjetividade na história. Superar compreensões fatalistas de ser na rua é sinônimo de sondar as razões sociais, políticas e históricas de "ser nas ruas" contra as quais podemos, dessa forma, lutar, coletiva e conscientemente (Freire, 2021a, p.52).

Os desejos, as escolhas e a liberdade, estão no mesmo campo, mostrando as possibilidades do ato de sonhar ou do tempo para sonhar que as pessoas tem na vida. Na situação de rua o ato de sonhar está relacionado direto com as possibilidades de pensar sobre os desejos ou de imaginar.

O imaginário é, ou poderá ser, um meio eficaz de visualizar o mundo futuro. Porque projeta no campo do real as possibilidades: permite, assim, detectar as contradições entre o que está e o que se deseja no campo das possibilidades do amanhã (Guerra, 1993, p.67).

Os sonhos são atos que chegam na vontade ou no desejo por algo que não está presente na vida, na sua ausência ou necessidade, e também podem estar carregados na memória viva. Os sonhos podem acontecer quando estamos dormindo e também quando estamos acordados, é possível sonhar acordado. São os sonhos que possibilitam a esperança de estar vivo. Viver possibilita o tempo para sonhar. São os atos de sonhar que sustentam e fazem com que o ato de sobreviver seja uma realidade para as pessoas em situação de rua.

O *ato 5: tempo para sonhar*, aponta a importância dos sonhos para sobrevivência das pessoas em situação de rua. O ato de sonhar é algo comum entre as pessoas que vivem, porém, é como a experiência de vida humana em sua individualidade que cada sonho é um ato no imaginário ou se materializa na vida das pessoas. São os sonhos que permitem com que as pessoas possam planejar os planos futuros ou minimizar a dor e o sofrimento instalados pela situação vivida.

É na experiência do sofrimento que as pessoas encontram soluções, por meio da esperança para pensar novas possibilidades para viver. O *sonho* pode ser compreendido como um *lócus* para a terapia ocupacional social atuar e estruturar suas ações técnicas e teóricas. O "compromisso ético e político é com os sujeitos individuais e coletivos que, numa sociedade desigual, sofrem com as iniquidades, com a supressão de seus direitos, liberdades" (Melo, 2021, p.200).

Sonhar é pensar no futuro, seja um futuro próximo – como a manhã, tarde, noite ou a madrugada; ou um futuro que é o amanhã; ou ainda um tempo mais distante do tempo presente. Segundo Freire (2021a, p.78) “não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizam a sua concretização”. É no ato de sonhar que as pessoas estruturaram no campo imaginário os seus desejos de concretização de vida para o futuro. A terapia ocupacional social acontece no tempo do outro, é sobre o tempo, no tempo e junto com o tempo que no ato de sonhar os terapeutas ocupacionais podem desenvolver suas ações.

4. MODOS DE VIDA DE PESSOAS LGBTQIA+ EM SITUAÇÃO DE RUA E A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL

As linhas e atos que são escritos e traçadas de forma não linear nesse trabalho são desenhadas através da aproximação e vivências junto com os atos de vida de pessoas. Estamos vivendo uma suposta contemporaneidade, que, ainda, se permite falar sobre sobrevivência, mesmo diante dos aparatos tecnológicos para salvar vidas e das grandes riquezas naturais que encontramos em nosso planeta, as diferenças fazem dos seres humanos uma multiplicidade de seres vivos. Este trabalho costura os atos de vida e de sobreviver de pessoas LGBTQIA+ que estavam vivendo em situação de rua durante a pandemia em Maceió.

Esse ato de costurar não significa somente unir as coisas, mas sim construir uma trama estruturada, cruzar e interseccionar uma rede de aparados para auxiliar a compreensão e execução de ações técnicas e políticas na terapia ocupacional social, que acontecem “no encontro com o outro, sujeito singular e coletivo” (Galheigo, 2020, p.23). É histórico que a terapia ocupacional brasileira, em geral, e a terapia ocupacional social, em particular, vem sendo estruturada e tramada em formato de rede desde as décadas de 1970 e 1980, passando por vários processos de “redefinição de objetivos e instrumentos da intervenção” (Barros et al, 2002, p.101), o que facilitou o processo de estruturação dessa área profissional com ampliação de suas bases, direcionando suas ações para “populações que se encontram em processo de fragilidade ou ruptura relacionais e de trabalho” (Melo, 2021, p.195).

As terapeutas ocupacionais sociais precursoras estavam caminhando junto com as populações que necessitavam de suas intervenções técnicas, percebendo que suas “práxis se inscreve em um processo histórico e que esta possui uma dimensão técnica e uma dimensão política inseparáveis” (Barros et al, 2002, p.96) e sempre em busca das melhores intervenções profissionais possíveis para as pessoas, juntamente às iniciativas de formação de novos profissionais para atuar no campo social. A terapia ocupacional social propõe assumir um:

extravasamento do campo da saúde como possibilidade para a terapeuta ocupacional, pois acreditamos que a profissão acumulou conhecimentos que podem contribuir para outros universos do sofrimento, da existência humana e da própria produção da qualidade de vida, da vida social. (Barros, 2004, p. 92)

Segundo Monzeli (2022, p.8) a população LGBTQIA+ é “um grupo importante para a produção de conhecimentos e práticas pela perspectiva da terapia ocupacional social”, no recorte de pesquisa deste trabalho, essa população é atravessada pela situação de rua, como um dos fenômenos que impulsionam suas vidas à marginalização e precarização.

As pessoas LGBTQIA+ em situação de rua são marcadas de forma interseccional com o processo de precarização material, de dissidência de gênero e sexualidade e também dissidentes dos sistemas e mecanismos capitalistas. Tal interseccionalidade, integra e marca as pessoas como atores sociais, às margens da sociedade, contestando, pelas suas existências o controle e normatividade dos corpos e sujeitos sociais.

Os sujeitos e grupos dissidentes de gêneros e sexualidades vivenciam injustiças sociais em seus cotidianos que se referem às dimensões da redistribuição, do reconhecimento e da representação, ou seja, suas experiências para além das normativas de gênero e de sexualidade são colocadas em lugares de existência desiguais, seja na garantia de acesso digno à renda, seja pelo não reconhecimento de suas existências ou ainda pela baixa representatividade executiva e legislativa para se pautar políticas específicas que dialoguem com as suas demandas reais. (Monzeli, 2022, p.10)

Os processos de produção das diferenças, que fazem parte dos mecanismos sociais de exclusão, marcam as vidas das pessoas tensionando entre o viver e o sobreviver, expondo essas pessoas a um processo de ruptura com suas redes sociais de suporte.

O sobreviver é o deslocamento mais radical em relação à vida que se vive em sociedade, é uma situação que permeia a vida do ser humano dentro de uma condição de marginalidade e precariedade, diante da contrariedade dos grandes acúmulos de riquezas e do capital encontradas na sociedade atual. Sobre o viver são os acontecimentos e as possibilidades que as pessoas vivem e tecem em suas vidas, são as memórias, as histórias de vida que se vive em sociedade e sobre as quais vão se costurando, cruzando e configurando redes sociais de suporte, são os sonhos possíveis.

Os atos vivenciados em campo, explicitam a questão social (Castel, 1997), como “intrínseca” (Barros et al., 2002, p.96) da vida daquelas pessoas e uma das concepções da terapia ocupacional social, que “espelha o que seus profissionais pensam e produzem” (Barros, 2004, p.4). Articuladamente, a compreensão das

novas tramas e redes em vidas precarizadas (Butler, 2011) contribuem para a compreensão teórica que informe uma atuação técnica voltada para a mediação de processos de múltiplos modos de vida de pessoas LGBTQIA+ em situação de rua.

Modos de vida enquanto ferramenta conceitual se configura como um caminho de informar aos terapeutas ocupacionais sobre demandas, contextos, contradições, práticas, assimilações, mas sobretudo, sobre caminhos possíveis, considerando os modos com que esses sujeitos constroem seus cotidianos, manejam ferramentas por meio do aparato estatal ou ainda das redes de sociais de suporte, e as possibilidades de cuidado que podem ser produzidos a partir dessas experiências. (Melo, 2021, p.194)

A utilização do conceito modo de vida tem a “capacidade de compreender o movimento do real, da história e da vida em seu contexto” (Barros et al., 2002, p.102), e pode ser utilizado pela terapia ocupacional social na busca de novos referenciais teóricos, que se coadunem com a complexidade da dinâmica social. Essa conceituação busca ampliar a percepção das estruturas da vida e também das dimensões complexas da produção de desigualdades sociais, bem como seus reflexos nos cotidianos vividos. A terapia ocupacional social:

é historicidade, e só se define no contexto e na inter-relação: compreende a pessoa entre a objetividade de seu problema e a subjetividade da interpretação de suas necessidades, entre seu modo de perceber a vida e aquele do terapeuta ocupacional, entre a técnica e as dificuldades reais do cotidiano (Barros et al., 2002, p.102).

Na proposta apontada por Barros et al. (2002), que faz uma crítica aos postulados que dicotimizam e impulsionam as pessoas e os sistemas para dualidade “indivíduo-sociedade, homem-natureza, homem-cultura, corpo-psique”, podemos conceber a terapia ocupacional social dentro de seu escopo que expõe a importância da historicidade e da inter-relação na compreensão do *ato de chegar junto* à vida das pessoas. Desta forma, se aproxima do conceito de modos de vida, que propõe a articulação entre o sistema e os atores sociais, o cotidiano e a história e o objetivo e o subjetivo na percepção do real, oferecendo para área e campo social da terapia ocupacional “uma lente que favorece a leitura de grupos sociais que são marcados no interior de um mesmo sistema social” (Melo, 2021, p. 18).

Durante a construção dos atos aqui relatados, observamos que “as dinâmicas de marginalização se tornam uma constante em suas histórias de vida. Isso se dá pela não conformidade entre suas vivências e as estabelecidas formas hegemônicas

de se constituir enquanto sujeitos” (Melo, 2021, p.189), vivenciados nos cotidianos. O cotidiano é uma dimensão estruturante para a consecução das ações em terapia ocupacional, especialmente quando estamos falando dos contextos coletivos e os processos de desigualdade. Realizar uma leitura social de cotidianos marcados pela marginalização e precarização da vida, é o primeiro passo para se buscar a criação de alguma alternativa para a participação social, frete aos processos de rupturas com as redes sociais de suporte.

As dualidades apresentadas entre a “objetividade” e a “subjetividade” (Barros et al., 2002), “o objetivo e o subjetivo na percepção do real” (Guerra, 1993) e o “real” e “imaginário” (Galheigo, 2020) são pontos de partida importantes para o trabalho da terapia ocupacional social com as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, onde o cotidiano expressa os modos de vida dessa população mostrando-se como:

um espaço-tempo no qual o sujeito, individual ou coletivo, de modo imediato e nem sempre consciente, acessa oportunidades e recursos, enfrenta adversidades e limites, toma decisões, adota mecanismos de resistência e inventa novos modos de ser, estar, viver e fazer (Galheigo, 2020, p.15).

Para além dos conceitos que ajudam profissionais a entenderem as realidades enfrentadas no cotidiano e na aproximação com as populações, visando atuações mais responsivas, é importante demarcar que esse processo também pode contribuir de forma perversa com o fortalecimento da marcação das diferenças sociais. Por isso, é relevante assinalar que as marcações não são feitas pelas pessoas, mesmo elas se nomeando como pertencentes à população LGBTQIA+ e população em situação de rua, não são elas que se marcam com esses instrumentos sociais que provocam as diferenças, mas sim são os sistemas a que essas pessoas estão expostas a enfrentar em seus cotidianos que deflagram situações em suas vidas e as enquadram em processos estigmatizantes e subjugados, precarizando suas possibilidades de existência.

Espera-se que a produção de novas discussões possa tecer símbolos e signos para a elaboração de pensamentos que constroem a prosperidade nas práticas profissionais da terapia ocupacional e nos ajudam na elaboração e ações que respeitem os múltiplos modos de vida, as diferentes vivências no cotidiano, considerando as realidades sociais, e o imaginário, os desejos, os sonhos tecidos, dentro de uma perspectiva que direcione as práticas junto as possibilidades dos atos de vida do outro.

5. ATO FUTURO: A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NA ENCRUZILHADA DA VIDA

“A gente combinamos de não morrer”
(Conceição Evaristo – Olhos D’água, 2016, p.99)

Este ato finaliza o trabalho, o que, “convencionalmente”, receberia o nome de conclusão ou de considerações finais, mas escolho chamar de *Ato futuro: a terapia ocupacional social na encruzilhada da vida*, com o objetivo de continuar articulando propostas de atos de vida. Aqui as reflexões sobre o viver e sobreviver se unem com a ideia de que a “luta por outras educações, experiências, linguagens e gramáticas é uma luta pela vida” (Rufino, 2019, p.75).

Utilizando as palavras de Rufino (2019), “a luta pela vida” para articular o sobreviver e sobre o viver foi o que encontramos nessa pesquisa junto com as pessoas LGBTQIA+ que estavam vivendo nas ruas durante a pandemia em Maceió, AL. Seguindo o mesmo autor, “eis as ruas, suas esquinas e encruzilhadas: por lá inventam-se os cotidianos” (Rufino, 2019, p.108). A rua é um espaço possível de sociabilidade, é o lugar que a vida acontece e as pessoas existem, têm seus desejos e sonhos, seus medos, seu sangue vivo que pulsa constituindo seus modos de vida.

A compreensão dos modos de vida nos ajuda ao ato de chegar junto e apreender o cotidiano, possibilitando novas leituras que possam contribuir com as ações técnicas e com o desenvolvimento de práticas inovadoras e efetivas diante das urgências de vida das pessoas, aqui especificamente sobre as LGBTQIA+ em situação de rua. Este trabalho enfoca que se faz importante compreender que, para além do duro processo de sobrevivência, existem muitas possibilidades de vida.

Em resposta à pergunta realizada na proposta inicial deste trabalho, foi apresentada uma análise gerada a partir da pesquisa de campo e sistematização dos dados apoiada nos aportes teóricos de Judith Butler, Robert Castel e da terapia ocupacional social, que nos auxiliam na leitura acerca de como as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua fizeram para sobreviver durante a pandemia de COVID-19. Os processos de sobrevivência e o sobreviver das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua foram apresentados através dos atos de vida: *como chegar junto, como existir, como sobreviver, sobre viver na pandemia e tempo para sonhar*.

O *Ato 1: como chegar* assinala a importância da construção de estratégias de aproximação. O acolhimento, perceber o outro através do olhar, da fala e da relação corpo a corpo configuraram como possibilidades humanas de se relacionar, aqui especificamente como uma estratégia de efetivação do campo da pesquisa, que requer o ato de chegar junto, de se aproximar, visando ao diálogo com as pessoas sobre suas experiências de vida.

Ato 2: como existir, expõe a ameaça de existências sofridas pelas pessoas LGBTQIA+ em situação de rua em conjuntura com as possibilidades de sobrevivência. As dinâmicas e os sistemas sociais, os processos de marginalização e precarização da vida marcam essas pessoas de formas diferentes e provocam a invisibilidade social como uma característica coletiva dos seus modos de vida.

O *ato 3: como sobreviver*, relata sobre a vida daquelas pessoas nas ruas e suas fragilidades, rupturas e vínculos possíveis, tendo aqui sido focado pela constituição de suas redes sociais de suporte. O medo e a insegurança foram sentimentos relatados pelas pessoas com ruptura com suas famílias, tendo este sido um evento marcador da ida de nossos/as colaboradores/as para as ruas, associada às condições econômicas precárias de pobreza em suas histórias. *Como sobreviver* responde sobre a importância das redes sociais de suporte na estrutura dos modos de vida, sendo as organizações, formais e informais, presentes na constituição de estratégias para sobreviver nas ruas. Estar em grupo, ter um parceiro(a), buscar ajuda em instituições são formas de fazer a manutenção da sobrevivência no cotidiano e mostrar traços de como são os modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua em Maceió, AL.

No *ato 4: sobre viver na pandemia* foram relatados que a falta de emprego, a questão da pobreza, a insegurança alimentar e o fato de não ter um espaço para moradia já eram problemas anteriores enfrentados por aquelas pessoas, os quais foram agravados durante a pandemia. Trata-se de fatores coletivos, sobre os quais os aspectos individuais compõem conjuntamente possibilidades de modos de vida que deflagram a situação de rua de pessoas LGBTQIA+.

No *ato 5: tempo para sonhar*, foi possível analisar que os modos de vida daquelas pessoas têm uma conexão importante com o imaginário dos desejos e principalmente dos sonhos. Os sonhos se caracterizam como um fator comum, coletivo e individual sobre os modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, pois sonhar é uma estratégia de vida que aquelas pessoas usaram para

sobreviver em Maceió em meio à vida nas ruas. Sonhar favorece a manutenção da existência de suas vidas, podendo ser um desejo imediato no tempo presente ou futuro, possibilitando a criação de planos e novas possibilidades para além da situação de rua e a precarização vivida.

Essas proposições mostram que é possível apreender aspectos sobre os modos de vida de pessoas, grupos, populações e comunidades em processos de sobrevivência, marginalização e em ruptura com suas redes sociais de suporte através do desenho de leitura inspirado em atos de vida. Os atos mostraram-se como uma possibilidade e meio para discutir a forma como essas pessoas fizeram para viver, existir, sonhar e sobreviver. Para a compreensão sobre os atos de vida é necessária a articulação de teorias, conceitos e pensamentos, junto com as histórias e narrativas de cada um/uma que trazem elementos individuais e coletivos.

Para fundamentação dos atos foi levado em consideração as histórias de vida de cada pessoa, onde elas contaram sobre suas experiências. Me encontrei com pessoas que já moravam na rua, sendo que a pandemia de COVID-19 não foi o motivo que as levou para as ruas, tendo sido ocasionado por processos anteriores de rupturas com suas redes sociais de suporte, em específico a família.

Estando na rua, aquelas pessoas viveram entre a marginalização, precarização e dificuldades materiais e físicas, às vezes, no limite da vida, sobrevivendo. Quando foram analisados os aspectos sobre o viver das pessoas LGBTQIA + em situação de rua, foi possível perceber que, para além das realidades vividas entre a marginalização, precarização e de rupturas com as redes sociais de suporte, existem outras realidades, no processo de sobreviver as pessoas existem, têm desejos e sonhos e vivem suas vidas.

Vale destacar que as instituições foram importantes neste processo para a sobrevivência, lidando com as urgências advindas da precariedade. A fome é um dos rompimentos mais radicais, sendo que as instituições, para aquelas pessoas que conseguiram ter acesso a elas, forneceram, de forma imediata, assistência às necessidades básicas cotidianas para permitir o mínimo para a vida, como por meio da oferta de alimentação e um local para descansar, dormir e tomar banho.

Foram realizadas proposições para se “chegar junto” para a busca da compreensão sobre aspectos dos modos de vida das pessoas LGBTQIA+ em situação de rua em Maceió durante a pandemia, porém é necessário apontar as lacunas ainda presentes para a construção de outros desenhos e perspectivas que

possam contribuir com esta compreensão. Por exemplo, ressaltam-se alguns contornos que podem ser apresentados aqui como limites, tais como, a pesquisa foi realizada a partir de um serviço de saúde e de duas instituições não governamentais e sem fins lucrativos, o que configura, em parte, as possibilidades de relações construídas, marcadas pelo contexto institucional; contou com um quantitativo pequeno de pessoas entrevistadas, com faixas etárias parecidas, ofertando discussões que não podem ser generalizáveis, embora apontem pistas para a discussão sobre este tema; ainda, o campo foi realizado durante o período da pandemia de COVID-19, configurando as formas de se estabelecer relações.

As possibilidades de continuidade podem se desdobrar em estudos em outras localidades, para o conhecimento de diferentes atos de vida que informem sobre a realidade social e o cotidiano em outros municípios e capitais brasileiras, como também em outros serviços públicos e privados, de assistência social e saúde, com investigações que possam focar na percepção das/dos terapeutas ocupacionais que atuam com esta população, com o debate sobre as práticas junto com essa população, especificamente indagando sobre estratégias de ações em terapia ocupacional social e os avanços por meio de uma intervenção baseada no coletivo que se possa alcançar.

A terapia ocupacional social compreende que todas as pessoas deveriam ter chances de vida para construir, com liberdade, suas opções e possibilidades de viver. Desta forma, assume como responsabilidade a construção de estratégias que viabilizem a sobrevivência para as pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, por meio do acesso a serviços que lhe garantam direitos básicos, articulando com outros setores, instituições e profissionais pelas políticas sociais. Assim como por meio da implementação de inovações técnicas e tecnologias sociais que se direcionem a ampliar as possibilidades de vida, articulando com os sujeitos. As tecnologias sociais são dispositivos utilizados em terapia ocupacional social com o objetivo de promover a construção, a reconstrução ou o fortalecimento de redes sociais de suporte para as pessoas que estão vivenciando processos de rupturas e desfiliações. É por meio da mistura com o outro, no cotidiano, com análises sobre os seus modos de vida e os atos de vida que a terapia ocupacional social atua para a existência e manutenção da vida de pessoas em situação de precariedade, rupturas e sofrimentos, com uma postura radical de sua proteção e acesso ao direito à vida; assim como também pela criação de alternativas de construção da vida e de seus sonhos.

A vida é tempo passado, presente e futuro e os atos existem em tal articulação, são demarcados temporal e historicamente por cada pessoa em sua existência individual e coletiva. Nessas tessituras, os atos mostram-se como um caminho possível para articular ideias, teorias e práticas em terapia ocupacional social.

Minha trajetória profissional e as realidades sociais encontradas especificamente no período da pandemia foram as motivações que conduziram esta pesquisa.

A partir desta experiência, espera-se contribuir com reflexões acerca das possibilidades de atuação de terapeutas ocupacionais integrantes de serviços de diferentes setores, campos e núcleos de referência para população em situação de rua. Essa população tem demandas urgentes de vida e necessita de uma complexidade de ações articuladas para atuar frente às rupturas ocorridas durante os processos de marginalização e precarização, possibilitando, a partir daí, a tessitura de seus sonhos.

A encruzilhada é um caminho epistêmico (Rufino, 2019) possível para terapia ocupacional, na existência entre conflitos e junções de conceitos, teorias e práticas, pois é se cruzando, juntando ou *misturando com as coisas certas* que atravessa nossa vida e história que é possível se implicar “com a invenção de novos seres e no acabamento do mundo pautado pela responsabilidade com a justiça” (Rufino, 2019, p.17).

Esse caminho aponta olhares para os modos de vida e nossas raízes culturais, possibilitando o encontro com nossas essências e ancestralidades através do ato de existir. O ato de existir provoca nossa existência, isso está diretamente ligado com o ato de vida que se cruza com as forças que movem o mundo que vivemos e também com os nossos *poderes humanos*.

É na encruzilhada que nós sabemos que não vamos precisar seguir um “norte”, mas que temos vários caminhos para cruzar junto com as tramas que a vida dá e que nós construímos juntos na realidade social. A realidade acontece no social e junto com o tempo: passado, presente e futuro. O passado nos mostra que a história e a memória são importantes para o viver em sociedade. O presente é tudo que vivemos agora e que se antecipa em cada segundo na frente do tempo se transformando em futuro. E, na encruzilhada da vida, existe a terapia ocupacional social.

REFERÊNCIAS

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen.

Almeida, A. D. S., & Silveira, P. A. M. P. (2020) Tia Marcelina, a negra da costa, e as memórias do quebra de xangô de alagoas. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, (33) 1, 128-145. Recuperado em 04 de abril de 2022.

Almeida, M. C., Barros, D. D., Costa, S. L., Soares, C. R. S. & Galvani D. (2015). Glossário de base para a terapia ocupacional na assistência social. In: Chagas, J. N. M., Barros, D. D., Almeida, M. C., Costa, S. L. *Terapia Ocupacional na Assistência Social. CREFITO2*: Rio de Janeiro. p. 1-60.

Amorim, S. (2012). 1912, O Quebra de Xangô. O Roteiro. Documentário. *Revista Crítica Histórica*. (3)6, 1-14.

ANTRA. (2020). Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020. Boletim nº 03/2020. ANTRA, Rio de Janeiro.

Avelar, M. R., & Malfitano, A. P. S. (2022). Terapia ocupacional e redes intersetoriais: conceitos e experiências em debate. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3236.

Avelar, M. R., & Malfitano A. P. S. (2018). Entre o suporte e o controle: a articulação intersetorial de redes de serviços. *Ciência & Saúde Coletiva*. (23) 10, 3201-3210.

Barros, D.D. (2004). Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 15(3), 90-7.

Barros, D. D., Ghirardi, M. I. G. & Lopes, R. E. (2002). Terapia Ocupacional Social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, São Paulo*, 13, 95-103.

Benevides, B. G.; Nogueira, S. N. B. (2021). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. *Expressão Popular*. 1, 1-136.

Bezerra, W. C., Lopes, R. E., & Basso, A. C. S. (2022). As estruturas da vida cotidiana e a terapia ocupacional: tensionando limites e possibilidades no/do exercício profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3031.

Bezerra, W. C., Firmino, G. C. Da S., Javarrotti, E. S., Melo, J. V. De M., Calheiros, P. F. F., & Silva, R. G. L. B. Da. (2015). O cotidiano de pessoas em situação de rua: rupturas, sociabilidades, desejos e possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. 23(2), 335–346.

Bezerra, E. (2014). Quilombismo urbano: uma alegre e folia de negros periféricos. In: Tenorio, D. A., Costa, J. J. C. (org.), *A presença negra em Alagoas.*, Maceió: Viva Editor. p. 1-9.

- Bezerra, W. C., Silva, B. K. da, & Ribeiro, M. C. (2017). Entre a casa e a rua: a percepção de adolescentes em situação de rua sobre o seu cotidiano. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 28(1), 100-109.
- Braga, I. F., Melo, K. M. M., Monzeli, G. A., Leite Junior, J. D., Farias, M. N., & Correia, R. L. (2020). Crise da democracia brasileira e o cotidiano de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades: reflexões baseadas na terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 693-705.
- Braga, G. B., Fiúza, A. L. C., & Remoaldo, P. C. A. (2017) *O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões*. *Sociologias*, 19, 370-396.
- Brandão, T. M. (2017). *Vivências de acolhimento noturno em um Centro de Atenção Psicossocial para álcool e outras drogas*. (Dissertação mestrado) Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- Brasil. (2009, 23 de dezembro). Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. *Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua*, São Paulo.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria de Governo. (2017) Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Fórum Brasileiro de Segurança Pública: São Paulo.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2021). *Consultório na Rua*, Brasília.
- Brasileiro, C. V. (2022). *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo: n-1 edições; Editora Hedra.
- Brito, C., Silva, L. N., Xavier, C. C. L., Antunes, V. H., Costa, M. S. & Figueiras, S. L. (2021). Modo de vida da população em situação de rua como potencializador do cuidado de COVID-19. *Rev Bras Enferm.*, 74, 1-8.
- Butler, J. (2019). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2011). Vida precária. Contemporânea – *Revista de Sociologia da UFSCar*, 1, 13-33.
- Cardoso, H. M., Moretti- Pires, R. O, & Campos, D. A. (2020). Gênero, sexualidade e saúde: mapeamento das exclusões de pessoas LGBT em Situação de Rua frente nos serviços de saúde no Município de Florianópolis, SC. *Brazilian Journal of Development*. (6) 8, 54255- 54266.
- Castel, R. (1997). A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. *Caderno CRH*. (26-27). 19-40.

Castel, R. (2000). As armadilhas da exclusão. In: Belfiore-Wanderley, M.; Bógus, L.; Yazbek, M. C. (Orgs.). *Desigualdade e a questão social*. (pp. 236-264). São Paulo: EUC.

Castel, R. (2006). A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. *Caderno CRH.*, 10 (26). 19-40.

Colling, L. (2015). *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. EDUFBA: Salvador.

Costa, C. F. de O. (2017). Dandara dos Palmares e a mulher contemporânea: do discurso folclórico aos discursos de representatividade. In: *Anais do VIII SEAD*. Recife.

Cruz, D. S., & Silva, R. B. e. (2017) Direitos humanos, pobreza e exclusão social-um olhar para travestis e transexuais em contextos educacionais. *Humanidades & Inovação*, (4) 6, 78-84.

Duarte, M. J. O. (2020). Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. *APESJF – Associação dos Professores de Ensino Superior de Juiz de Fora*.1-13.

Evaristo, C. (2016). *Olhos d'água*. Pallas: Rio de Janeiro.

Evaristo, C. (1990). *Cadernos Negros 13*. Org. Quilombhoje. Ed. dos Autores: São Paulo.

Farias, M. N., & Leite Junior, J. D. (2021). Vulnerabilidade social e COVID-19: considerações com base na terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. 29, e2099.

Ferreira, C. P. S. (2015). *Consultório na rua em Maceió/AL: o olhar de pessoas em situação de rua*. (Dissertação de mestrado) Escola de Enfermagem e Farmácia, Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Alagoas.

Ferreira, C. P. S., Rozendo, C. A., Melo. G. B. (2016) Consultório na rua em uma capital do Nordeste brasileiro: o olhar de pessoas em situação de vulnerabilidade social. *Cad. Saúde Pública*. (8) 32, 1-10.

Fontana, L.; Gomes, M. Do A. A.; Silva, S. S. da. (2020). (In)visibilidade da comunidade LGBTQIA+ na assistência social: proteção social a quem necessitar? *ODEERE*. (5) 10. 304-319.

Freire, P. (2021a). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2021b). *Pedagogia dos oprimidos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, (1) 28, 5-25.

Galvani, D. (2008). *Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades* (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Guerra, I. (1993) Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. *Sociologia - Problemas e Práticas*, (3) 59-74.

Guimarães, P. M. (2018) *Narrativas autobiográficas de adultos em situação de rua: considerações sobre metodologias na psicologia cultural*. (Dissertação de mestrado) Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Gutman, S. A., Precin, P., Laforest, M. L., Chu, A., Diaz, M. Engel, R. Epino, K., Gotlieb R., Hart, L., Plaus, N. Xing, S., & Zimmer, A. (2021) The association between LGBTQIA+ selfidentification and factors facilitating homelessness: a scoping review of the occupational therapy peer-reviewed literature. *Occupational Therapy In Health Care*. (35) 2. 138-181.

Hengler, C. I. O. & Salvador, M. A. (2004). *Quilombos urbanos: a resistência cultural negra nas favelas de São Paulo*. Sítio Seu Raymundo Pedro Barros, Miracatu.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese dos Indicadores 2009. *IBGE*, Rio de Janeiro.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2021. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, Rio de Janeiro.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Orgs.). (2019). Atlas de Violência 2019. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança*, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Natalino, M. (2020). Estimativa da população em situação de rua no Brasil de setembro de 2012 a março de 2020. *Ipea*, Brasília.

Itaú Cultural. (2022). Dona Ivone Lara. Enciclopédia Itaú Cultural: São Paulo.

Jovchelovich, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista Narrativa. In: Bauer, M. W; Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.

Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Leite Junior, J. D. (2019) *“Esse povo é pior que gente normal”*: terapia ocupacional e cuidado junto à população dissidente em gêneros e sexualidades. (Trabalho de conclusão) Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Lobo, E. S. (1992) Caminhos da sociologia no Brasil: Modos de Vida e Experiência. *Tempo Social*. (4) 1-2, 7-15.

Lopes, P. G. (2019) *Sentidos da vivência nas ruas: conversas com pessoas em*

situação de rua. (Dissertação de mestrado) Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Lopes, R. E. & Malfitano, A. P. S. (2016). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos, SP: EdUFSCar.

Lopes, R. E. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. (2016). In: Lopes, R. E.; Malfitano, A. P. S. (Orgs). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp.17-28). São Carlos: EdUFSCar.

Lopes, R. E., Malfitano, A. P. S., Silva, C. R., & Borba, P. L. de O. (2014). Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, (3) 22, 591-602.

Lopes, R. E.; Borba, P. L. de O.; Cappelaro, M. (2011). Acompanhamento Individual e Articulação de Recursos em Terapia Ocupacional Social: Compartilhando uma Experiência. *O Mundo da Saúde*. (35) 233-238.

Maceió, Alagoas. PMM/SMS - Prefeitura de Maceió, Secretaria Municipal de Saúde. (2021) *Relatório do Consultório na Rua*. Secretaria Municipal de Saúde, Maceió.

Maceió, Alagoas. PMM - Prefeitura de Maceió. (2021) *Plano intersectorial de monitoramento e acompanhamento da política municipal para a população em situação de rua em Maceió*. Prefeitura Municipal de Maceió, Maceió.

<https://maceio.al.gov.br/uploads/imagens/wp-content/uploads/2021/10/pdf/2021/10/Plano-Intersectorial-Mcz-2021-1.pdf>. Acesso em 13 de março de 2023.

Machado, R. W. G., (2022) População LGBTQIA+ em situação de rua: Assistência Social em debate. *Revista Gênero*. (22)2, 29-51.

Machado, R. W. G. (2015). População LGBT em situação de rua: uma realidade emergente em discussão. *Revista EDUC*, (1) 3. 57-67.

Malfitano, A. P. S. (2008). A tessitura da rede: entre pontos e espaços. Políticas e programas sociais de atenção à juventude - a situação de rua em Campinas, SP. (Tese de Doutorado), Faculdade de São Paulo, São Paulo.

Malfitano, A. P. S. (2005). Campos e núcleos de intervenção. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 16(1), 1-8.

Mapa de Conflitos. (2020). Conflito de extrema complexidade entre população de Maceió e mina de sal-gema da Braskem envolve danos irreparáveis. *Fiocruz*, Rio de Janeiro.

Medeiros, A. J. G. (2011). *Caminhos desconexos: o papel da política de assistência social de Maceió na vida das crianças que se desenvolvem em situação de rua*. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Medeiros, A.J.G. (2013). Crianças em situação de rua de Maceió: os caminhos da

- política de assistência social em prol de seus direitos. *Latitude*. (7) 2. 13-31.
- Medeiros, L. P., Amorim, A. K. M. A. & Nobre, M. T. (2020). Narrativas LGBT de pessoas em situação de rua: repensando identidades, normas e abjeções. *Pesqui. Prát. Psicossociais*. (15) 1, 1-16.
- Melo Neto, J. C. de. (1979). *O Cão sem plumas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Melo, K. M. M. (2021). *Entre rupturas e permanências: modos de vida e estratégias de enfrentamento à vida nas margens no cotidiano de pessoas trans*. (Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos). Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Melo, K. M.; Malfitano, A. P.; Lopes, R. E. (2020). Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(3), 1061-1071.
- Mendes, G. R. T., & Vicentin, M. C. G. (2021). Circuitos e circulação de crianças e adolescentes no centro de São Paulo: as políticas de saúde entre cuidado e controle. *Desidades*, (29). 117-133.
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Monzeli, G. A. (2022). Terapia ocupacional social, justiça social e população LGBTI+: com quem produzimos nossas reflexões e ações? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30 (spe), 1-13.
- Monzeli, G. A. (2016). Terapia ocupacional social, gêneros e sexualidades. In: Lopes, R. E.; Malfitano, A. P. S. (Orgs). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos* São Carlos: EdUFSCar. p. 297-305.
- Monzeli, G. A., Ferreira, V. S., & Lopes, R. E. (2015). Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(3), 451-462.
- Muylaert C. J.; Júnior V. S.; Gallo P. R.; Neto M. L. R.; Reis A. O. A. (2014), Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. (48) 2. 184-189.
- Nagafuchi, T. (2019). A urgência do debate sobre o suicídio das pessoas LGBTQIA+: experiência e subjetividade. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. (2) 1, 103-127.
- Nascimento, L. C. P. (2021). *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.
- Oliveira, R. B & Martins, V. O. (2022) Recorte racial como traço permanente da população em situação de rua no Brasil. *Revista Libertas*, (22) 403-421.
- Pan, L. C., Oliveira, M. L., Silva, M. J, & Malfitano, A. P. S. (2021). Proteção social e experiências terapêutico ocupacionais: a vida na pandemia de COVID-19. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. (25) 1, 1-17.

- Rafael, U. N. (2012). *Xangô rezado baixo: religião e política na Primeira República*. Editora UFS.
- Ribeiro, S. (2019). *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rufino, L. (2019). *Pedagogia da Encruzilhada*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Santos, J. F. (2018). *O público LGBT em situação de rua e seus direitos na cidade de Belo Horizonte*. In: Encontro nacional de pesquisadores em serviço social XVI. Vitória: UFES.
- Santos, V. M. (2022). *Espaços públicos e população em situação de rua em Natal-RN: uma análise da dinâmica de espacialização na capital potiguar*. (Dissertação de mestrado) Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Santos, E. T. A., & Sarreta, F. O. (2022). População em situação de rua na pandemia: desdobramentos da crise do capital. *SER Social*, 24 (51), 364–383.
- Sicari, A. A., & Zanella, A. V. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*. (38), 662-679.
- Silva, J. R. (2019). *Os invisíveis urbanos: o que as pessoas em situação de rua pensam sobre os serviços sociais aos quais têm direito?* (Tese de doutorado) Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas do Centro Universitário, Universidade Tiradentes, Maceió.
- Silva, R., Bezerra, W., & Queiroz, S. (2015). Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. (26) 3, 364-372.
- Sousa, W. L. (2016). *O cuidado às pessoas em situação de rua de Maceió-Alagoas: um estudo de caso*. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAL, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas.

ANEXOS A – APROVAÇÕES INSTITUCIONAIS



CENTRO DE ACOLHIMENTO EZEQUIAS ROCHA REGO
Rua Supervisor Ivaldo Ferino, n.º 413, Clima Bom II - Maceió-AL - CEP:
57.071-700. WhatsApp: +55 (082)98158-3098. E-mail:
caerr.alagoas@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, eu, Josenildo Correia de Oliveira, na função de Representante Legal do Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego - CAERR, informo que o Projeto de Pesquisa intitulado *“Sobre viver em Maceió: o cotidiano e histórias de vida de jovens LGBTQIA+ em situação de rua sob a perspectiva da terapia ocupacional social”* apresentado pelo Pesquisador Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva e que tem como objetivo principal apreender aspectos do cotidiano de jovens LGBT em situação de rua e compreender sobre o viver e circunstâncias que conduziram esses e essas jovens a situação de rua na cidade de Maceió, Alagoas, destacando a atual situação de seu cotidiano frente à pandemia de Covid-19 foi analisado e autorizada sua realização apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição. Saliento que declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Maceió-AL, 27 de Setembro de 2021.

JOSENILDO CORREIA DE OLIVEIRA
Presidente do Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego



MUNICÍPIO DE
MACEIÓ

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

Rua Dias Cabral, nº 569, CEP 57020-250, Centro, Maceió - AL
Tel. 3312-5400, CNPJ 00.204.125/0001-33

Processo	5800.74796.2021	Data de abertura	20/09/2021
Interessado	RODRIGO GONÇALVES LIMA BORGES DA SILVA		
Assunto	SOLICITA AUTORIZAÇÃO PARA PROJETO DE PESQUISA, CONFORME DOCUMENTAÇÃO EM ANEXO.		
Local de origem	SMS / COORDENAÇÃO GERAL DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS		
Local de destino	SMS / GABINETE DO SECRETÁRIO - APOIO		

AUTORIZAÇÃO MOTIVADA - MINUTA 49

Gabinete da Secretária Municipal de Saúde em 14/10/2021

- Autoriza-se Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva a realizar a pesquisa intitulada: "Sobre viver em Maceió: o cotidiano e história de vida de jovens LGBTQIA+ em situação de rua sob a perspectiva da Terapia Ocupacional Social", da Universidade Federal de São Carlos.
- A pesquisa será realizada com jovens LGBTQIA+, maiores de 18 anos, em situação de rua que estejam sendo atendidos pelo Consultório na Rua e que estejam acolhidos pelo Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego - CAER.
- Após a análise do projeto de pesquisa em tela, a Diretoria de Atenção à Saúde o considera positivo, a Coordenação Geral de Atenção Primária e o Consultório na Rua se posicionam favoráveis a realização da referida pesquisa. Conforme consta nos Despachos fls. 29, 30 e 31, respectivamente.
- A referida pesquisa contará com o acompanhamento dos respectivos setores desta Secretaria envolvidos. Tendo o pesquisador que apresentar os resultados e discussões obtidas ao término do trabalho.

CÉLIA MARIA RODRIGUES DE LIMA DIAS FERNANDES
Secretária Municipal de Saúde

Declaro estar ciente das informações e assumo o compromisso de apresentar os resultados e discussões obtidas ao término do trabalho

Assinatura do Pesquisador (a)

09/11/2021

Maceió/AL, 18 de outubro de 2021



Associação Católica São Vicente de Paulo – A.C.S.V.P
CASA DE PASSAGEM SÃO VICENTE DE PAULO
Rua Barão de Jaraguá, nº 176. Jaraguá. Maceió/AL. CEP: 57022-140.
CNPJ: 08.585.407/0001-30. Contatos: (82) 3436-9912 / 99940-6028
casadepassagemsv@casaderanquines.org



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, **Diego Teixeira dos Santos** responsável principal pela Instituição **CASA DE PASSAGEM SÃO VICENTE DE PAULO**, Casa de Ranquines, organização da sociedade civil, sem fins lucrativos de caráter filantrópico, atuante no fortalecimento de vínculo de pessoas em situação de vulnerabilidade social no estado de Alagoas, inscrita no CNPJ 08.585.407/0001-30, venho pelo presente, autorizar a realização da coleta de dados para a pesquisa sob o título "*Sobre viver em Maceió: o cotidiano e histórias de vida de jovens LGBTQIA+ em situação de rua sob a perspectiva da terapia ocupacional*", conforme solicitação do pesquisador Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva, CPF: 076.570.294-04, sob orientação da Profª Draª Ana Paula Serrata Malfitano e aprovada pelo comitê de ética sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) - 52913321.0.0000.5504.

Diego Teixeira dos Santos
Direção

Maceió, 03 de junho de 2022

ANEXO B - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SOBRE VIVER EM MACEIÓ: O COTIDIANO E HISTÓRIAS DE VIDA DE JOVENS LGBTQIA+ EM SITUAÇÃO DE RUA SOB A PERSPECTIVA DA TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL

Pesquisador: Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52913321.0.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.227.649

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1826865.pdf versão 2, de 29/11/2021). RESUMO: Introdução: A realidade das pessoas em situação de rua vivendo em situação de exclusão social é marcada pela pobreza. Esse processo vem sendo amplificado em decorrência da pandemia da Covid-19 no território mundial. Essa nova realidade agrava ainda mais o cotidiano de vida daquelas pessoas. Justificativa: Partindo da importância dos marcadores sociais das diferenças, da questão social, da construção social de hierarquias entre os sujeitos e da terapia ocupacional social faz-se relevante apreender sobre o cotidiano de diferentes grupos sociais, como de jovens LGBTQIA+ em situação de rua. Tal conhecimento pode contribuir com a construção de novos conhecimentos que informem a atuação profissional, bem como com propostas de políticas sociais junto com esse público. Objetivo: Apreender aspectos do cotidiano de jovens LGBTQIA+ em situação de rua em Maceió/AL. Métodos: Aproximação, observação e entrevistas narrativas visando dialogar e compreender os aspectos da vida daqueles(as) jovens. A pesquisa acontecerá com a parceria com o Consultório na Rua do Município de Maceió, em Alagoas, e do CAEER (Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego), que é a primeira instituição de acolhimento em Alagoas para pessoas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: osphumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.227.649

Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_CAERR_autorizacao_pesquisa.pdf	20/10/2021 12:02:48	Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_projeto_Rodrigo.pdf	20/10/2021 11:58:29	Rodrigo Gonçalves Lima Borges da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 07 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
Adriana Sanches Garcia de Araújo
 (Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro da entrevista

As entrevistas serão semiestruturadas, contarão com uma pergunta geradora da narrativa, permitindo aos(às) participantes compartilharem suas histórias e aspectos que o(a) levaram a diferentes situações de vida.

1. Boas-vindas/introdução

“Olá, obrigada por escolher participar desta pesquisa, será muito valioso ouvir suas experiências e perspectivas. Eu conduzirei a entrevista, que deve durar entre 30 e 60 minutos, fique à vontade para me interromper quando quiser”.

“Antes de começarmos a entrevista, você pode por favor confirmar que você recebeu informação sobre a pesquisa, teve qualquer questão respondida e que você assinou o termo de consentimento, consentindo com sua participação nesta pesquisa?”

2. Confidencialidade

“Tudo o que você disser na entrevista será mantido em sigilo e todas as gravações de áudio e transcrições serão armazenadas online em um site seguro, que não incluirá o seu nome”.

“Se por qualquer motivo você desejar não responder a qualquer questão, então por favor me avise e nós seguiremos para a questão seguinte. Caso, em qualquer momento, você queira se retirar do estudo, você pode o fazer sem penalidades.

3. Pergunta disparadora da narrativa sobre o cotidiano dos entrevistados.

“Você poderia me contar como é seu dia na rua?”. “Como você gostaria de me falar ou mostrar como é seu dia na rua”

4. Perguntas de suporte para construção do enredo da narrativa sobre as histórias de vida.

- Quantos anos você tem?
- Há quanto tempo você está vivendo em situação de rua?
- Como você faz para viver na rua?
- Quando você está na rua você anda sozinho(a) ou fica junto com alguém ou algum

grupo?

- Você se relaciona com alguém, namora ou tem desejo de namorar?
- Você poderia me contar sobre a relação com sua família?
- Para quem você pede ajuda quanto está precisando de algo?
- Você frequentou ou frequenta a escola?
- Quais serviços você acessa ou pode contar? Quando? Em quais situações?
- Que serviços você gostaria que tivessem disponíveis e que poderiam lhe ajudar?
- Como você define sua sexualidade?
- Sua sexualidade influencia sua vida? Como?
- Que situações você vivenciou na rua relacionadas à sua sexualidade?
- Você tem algum sonho?
- Quais são seus planos para o futuro?
- Conte-me uma situação difícil que vivenciou.
- Conte-me algum momento de prazer que vivencia ou vivenciou nas ruas.

5. Perguntas sobre a vivência na pandemia.

- Como você está vivendo durante a pandemia?
- O que mudou na sua vida com a pandemia?
- Você foi vacinada (o)?
- Você poderia me contar alguma experiência boa ou negativa vivenciada por você durante esse período?
- Você conhece alguém que passou a viver em situação de rua por conta da pandemia?
- Você conta ou contou com algum tipo de auxílio financeiro durante a pandemia?
- Você costuma usar máscara ou algum outro recurso para se proteger durante a pandemia?
- Como você faz para ter os cuidados básicos com seu corpo durante a pandemia?

6. Encerramento

“Você gostaria de uma cópia da transcrição da sua entrevista quando estiver disponível?”

“Você tem alguma pergunta ou gostaria de acrescentar algo mais?”

“Obrigado pelo seu tempo hoje. Agradecemos seu apoio à essa pesquisa”.